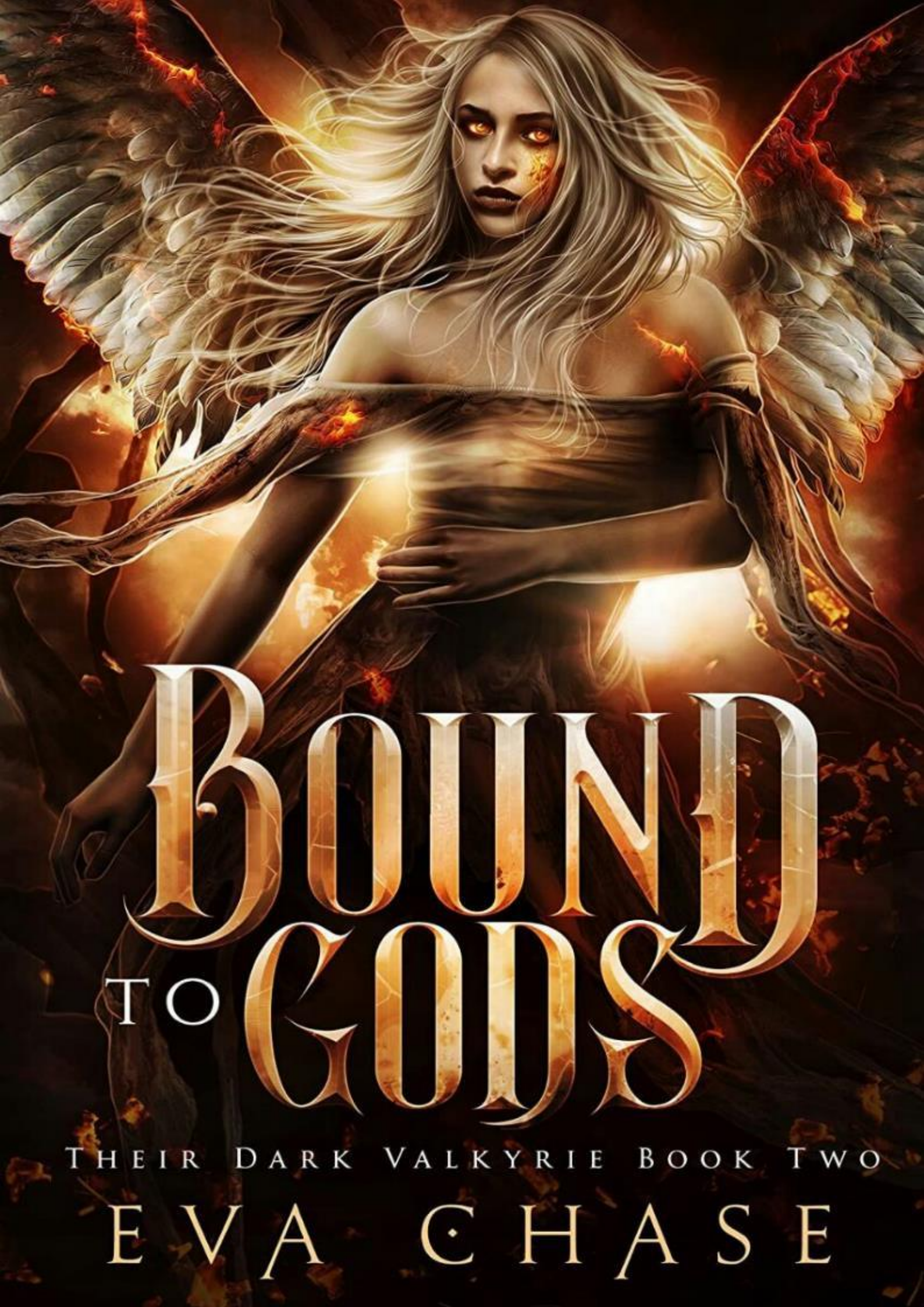

BOUND
TO GODS
THEIR DARK VALKYRIE BOOK TWO
EVA CHASE



Tradução: Ahryin Lux

Revisão Inicial: Paula Sah

Revisão Final: Paula & Amy Lux

Leitura Final: Amy Lux

Conferência: Elena Lux

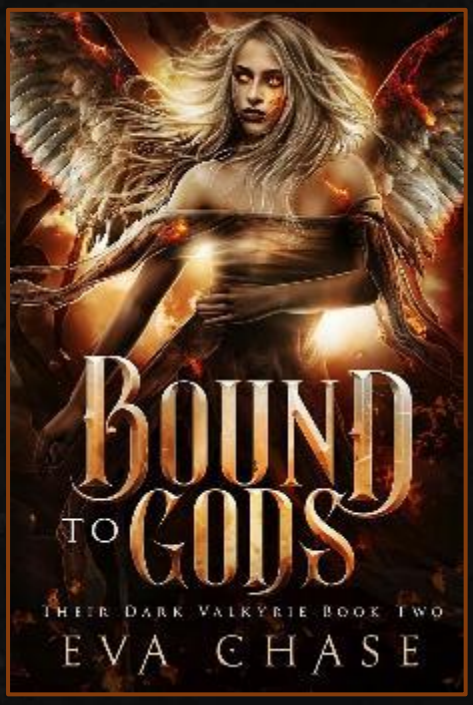
Formatação: Elena Lux

Junho / 2020

Their Dark Valkyrie

by Eva Chase

Lançamento

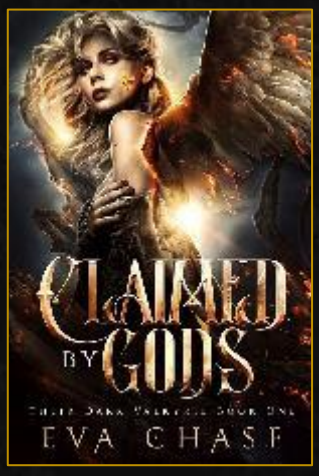


Próximos





Distribuído



Em um minuto, era mensageira de criminosos, fazendo face às despesas para poder cuidar do meu irmão mais novo.

No outro, quatro deuses nórdicos incrivelmente quentes me trouxeram de volta dos mortos com asas brotando das minhas costas e todo um conjunto de poderes de valquíria. Eu acho que é assim que a vida é às vezes.

Pena que nossa vitória sobre nossos inimigos sobrenaturais acabou sendo uma farsa. O lar divino que pensei que receberia é uma armadilha.
Uma armadilha que se aproxima lentamente de nós, retirando cada momento doloroso do nosso passado.

Posso confiar nesses homens piedosamente tentadores agora que vi quantos segredos eles guardaram de mim?

E o que vou fazer se tiver que enfrentar meus próprios horrores mais sombrios novamente?

É melhor eu descobrir isso rápido.
Porque eu sou Aria Watson, e não vou quebrar.

01

Aria

Você pensaria que o reino dos deuses seria um lugar glorioso, certo? Todo calor, luz do sol e beleza. Mas enquanto eu vagava pelo vasto pátio na beira de Asgard, as paredes de pedra dourada de Valhalla pairavam à minha direita e os azulejos de mármore ecoando os passos meus e de meus companheiros, eu não tinha certeza se jamais estive em qualquer lugar que parecesse tão desolado ou assombrado antes. Uma brisa fresca fazia cócegas nos meus braços nus, provocando arrepios.

Claro, talvez a Asgard *real* tivesse atendido às minhas expectativas. Era um falso que eu tinha sido trazida por um Odin falso, junto com os quatro deuses que me convocaram para ser sua Valquíria e a esposa de Odin, a deusa Freya. Todos pareciam tão perturbados pela recente rotina de desintegrar-se em poeira do Odin quanto eu.

"Todos os detalhes parecem corretos", disse Freya. Ela jogou as ondas castanho-avermelhadas para trás dos ombros enquanto observava o espaço. Sua testa normalmente lisa estava enrugada de preocupação. "Como alguém poderia ter recriado Asgard tão bem?"

“ *Já* que eles sequer recriou tudo isso?”, Perguntou Loki. Os olhos âmbar do malandro brilharam. "Se todos vocês me derem licença por um momento..."

Ele saltou do chão, seus sapatos mágicos permitindo que ele andasse como se estivesse voando. Em um instante,

sua forma esbelta e alta se afastou de nós para a distância onde ficava uma cidade inteira de salões de pedra menores - mas ainda bem épicos. Seu cabelo vermelho pálido chicoteava como uma chama no vento que ele havia despertado. Ele parou tão longe em uma das passarelas de mármore que eu mal conseguia distinguir sua túnica verde contra as árvores além dele. Então ele girou e voltou rapidamente para nós, seu rosto angular fixo com uma careta.

"Bem?" Thor disse em um rosnado de barítono. Ele ainda estava testando o peso de Mjolnir, seu martelo divino, na mão, como se procurasse algo - ou alguém - para esmagá-lo. Os músculos de seus braços carnudos se flexionaram. "O que você achou?"

"Parece ser uma réplica bastante completa", disse Loki. “Todos os corredores, o pomar e a floresta dos Norns além... Alguém passou por muitos problemas às nossas custas. Eu quase ficaria lisonjeado se não fosse uma *prisão* muito completa.”

Meus braços coçavam para me abraçar, mas eu os mantive rígidos ao meu lado. “Existe alguma saída com a ponte?” A ponte do arco-íris - Odin havia nos teletransportado, para levar-nos quem - sabia - onde que na verdade não era Asgard. Minha garganta se apertou.

Eu só deixei o mundo em que cresci, o reino humano que os deuses chamavam de Midgard, porque não havia muito lugar para mim lá.

Tecnicamente, eu já tinha morrido lá. Os deuses me chamaram de volta para ser uma valquíria depois que eu fui esmagada por um jipe em alta velocidade dirigido por drogados. Mas eu estava começando a encontrar uma

espécie de lar entre os deuses, pois eles me ensinaram a usar os poderes da valquíria que me deram... e como começaram a significar mais para mim do que quase qualquer pessoa em casa, todos deles, à sua maneira.

Quase qualquer um. Eu deixei para trás meu irmãozinho, e quase morri de novo protegendo. Petey não se lembrava mais de mim, um fato que estava no meu estômago como um caroço de pêssego que acidentalmente engoli. Hod, deus do frio e da escuridão, limpou sua mente e limpou as memórias dele de todos que o conheciam, exceto eu. Depois que nossos inimigos o ameaçaram, essa foi a única solução que conseguimos encontrar para mantê-lo seguro.

Eu vim para Asgard com a promessa de que ainda cuidaria de Petey de longe. Se ele estivesse em perigo novamente, eu poderia ter intervindo. Não enquanto eu estava trancada em alguma prisão brilhante, no entanto.

"Se fosse a verdadeira Asgard, haveria outras portas", disse Loki. "Mas, de alguma forma, duvido que quem quer que tenha acabado aqui planeje nos deixar ir embora de volta."

“Não depois que eles tiveram tanto trabalho” Freya murmurou em concordância.

Thor colocou a mão forte no meu ombro. “Haverá uma saída, Ari. Se não conseguirmos encontrar alguém esperando por nós, teremos que nos afastar.”

O malandro levantou uma sobrancelha para ele. "Tenho certeza que você também vai gostar, Trovão."

“Onde está a mulher corvo?” perguntou Hod. “Eu não a ouvi entre nós desde antes que aquele falso Papai caísse.”

Ele treinou seus olhos verdes escuros em direção aos outros com sua intensidade habitual, mas ele não podia vê-los mais do que ele poderia ter visto Muninn, o corvo de Odin. Que nos ajudou com o resgate. Supostamente nos ajudou, de qualquer maneira.

"Eu não a vejo desde que chegamos" disse Baldur, sua voz tão sonhadora quanto seus cabelos loiros e desgrenhados. Apesar de gêmeos, ele e Hod eram opostos. Ambos eram surpreendentemente bonitos, como todos os deuses pareciam ser, com um rosto infantil e uma altura que não chegava a de Loki ou Thor, mas isso era até onde a semelhança ia. Baldur era musculoso, macio e brilhava com a luz que ele dominava. Hod era magro, duro e sombrio.

Suas personalidades também tinham muito contraste. Baldur sorriu gentilmente enquanto observava o pátio. "Talvez ela esteja procurando respostas como nós."

Hod fez um som cético. "Talvez ela *tenha* as respostas e não tenha intenção de compartilhá-las. Foi ela quem nos levou a Odin nas cavernas dos elfos escuros, não foi? Ela era *o* corvo *dele*. Como ela não sabia que algo estava errado?"

Seu olhar cego era tão escuro quanto seus cabelos pretos curtos, mas eu sabia que havia mais nele do que uma carranca sombria. Hod mantinha seu lado terno firmemente em segredo. Eu tinha chegado perto o suficiente para vê-lo - e provar como ele poderia ser terno.

"Nenhum de nós sabia", Loki apontou. "Eu sou seu irmão jurado de sangue. Vocês três são filhos dele. Freya é sua esposa. Todos nós deveríamos ter percebido. Mas apenas Ari fez." Ele inclinou a cabeça para mim. "Interessante. O que foi que te deu uma dica, duende?"

A memória enviou um arrepio através de mim. “Quando você me enviou para encontrar Odin antes, através de Valhalla e Yggdrasil, senti uma atração por ele.” Foi por isso que eles estavam conjurando valquírias - as três antes de mim que falharam tão bem quanto eu. Aparentemente, Odin havia dispensado todas as mulheres guerreiras que ele havia trazido a seu serviço há muito tempo, mas os deuses usaram seus próprios laços com ele para passar esse vínculo comigo, como se ele tivesse me ressuscitado. “Eu não sentia nenhum senso de conexão com este. Nem mesmo nas cavernas. Só não percebi o que estava faltando imediatamente.”

"Hmm." O malandro girou nos calcanhares. “Eu não gosto disso. Bem, vamos olhar mais de perto e ver se não conseguimos descobrir o esconderijo do corvo. Podemos dar uma pequena excursão à nossa valquíria pelo caminho. ”

"Uma turnê de uma Asgard que não é realmente Asgard?" Eu disse enquanto o resto de nós entrava em cena ao redor de Loki.

"Parece muito com a coisa real", disse Thor ao meu lado. Ele apontou para um dos corredores mais próximos, com um telhado de palha de junco prateado. "Eu quase acho que esse era o meu corredor, minha casa... se eu não tivesse acabado de assistir meu pai se amontoar em uma pilha de terra." O rosnado voltou à sua voz nas últimas palavras.

Direito. Essa armadilha deve ser tão dolorosa para os deuses quanto para mim - talvez até mais. Eles estavam esperando décadas para voltar para casa, se perguntando por que Odin não havia retornado de suas viagens em Midgard, incapazes de encontrá-lo. Por apenas um momento, eles pensaram que estavam finalmente de volta, e agora nem sabiam onde estavam.

Eu me abracei então. Nada sobre isso parecia certo. Eu tinha asas prontas para brotar das minhas costas, meu canivete no bolso e força, velocidade e sentidos aguçados de Deuses à minha disposição - e eu não podia fazer nada com essas coisas para melhorar essa situação.

"Muninn!" Freya chamou em sua voz docemente medida. "Volte para nós.

Deveríamos conversar sobre isso."

Pelo jeito que sua mão elegante repousava sobre o punho da espada ao seu lado, eu não culparia a mulher corvo por não acreditar que a deusa do amor e da guerra só queria conversar.

"Aquela grande parede pela qual você pode me agradecer", disse Loki, apenas um pouco de tensão em seu tom alegre, enquanto apontava para o alto muro de pedra que ficava além dos corredores. "Pelo menos, se fosse o real, você poderia ter. Um pouco de apostas, um pouco de mágica e recebemos tudo de graça. "

Thor levantou uma sobrancelha. "Parece que me lembro que isso é um pouco mais complicado do que parece."

"Vocês quase pagaram nosso construtor gigante com a minha mão em casamento", disse Freya maliciosamente. "Uma oferta feita com muito mais frequência do que posso dizer que apreciei."

"Ah, mas você fez uma atração tão adorável, querida deusa." Loki piscou para ela. "Eu nunca deixei você ficar presa a nenhum gigante covarde, não é?"

“Um pouco menos se gabando de explorações passadas e um pouco mais de encontrar o caminho para sair dessa bagunça?” Hod sugeriu.

“Não vejo por que não podemos fazer as duas coisas. Ora, olhe, esta é uma imagem cuspida do meu próprio salão e...”

A voz de Loki interrompeu com um grito abafado. Ele olhou para o azulejo de mármore em que acabara de pisar. Uma rachadura correu no meio, um lado mais alto que o outro. As sobrancelhas do malandro se uniram quando ele franziu a testa.

Um arrepio mais profundo correu através de mim. Quando Loki deixa sua preocupação aparecer, você sabia que algo estava realmente errado. "O que é isso?", Eu disse.

"Esta pedra rachada." Ele cutucou a borda de mármore quando todos paramos ao seu redor. “Isso me atormentou por muito tempo... até que um dos artesãos finalmente o substituiu. O rachado não existe há pelo menos um século.”

"Na verdadeira Asgard", disse Thor.

Baldur se virou, seu olhar sonhador focando um pouco mais de perto o nosso ambiente. "Eu não tinha pensado nisso", disse ele em sua voz melódica, "mas aquele pinheiro alto na beira do pomar - foi cortado pouco antes de partirmos para Midgard da última vez."

Eu mudei meu peso de um pé para o outro. "O que isso *significa*?"

A expressão de Hod ficou frouxa de entendimento. “Esta Asgard não é uma réplica exata do reino atual. Tem pedaços

de diferentes épocas. Recursos que é mais provável que lembremos mesmo depois que eles mudaram? ”

"As lembranças que mais se destacaram", disse Loki com um aceno de cabeça.

"E quem sabemos que lida com memórias?"

Os dedos de Freya se apertaram ao redor do punho da espada. "O Corvo."

Os olhos de Loki brilharam com um brilho frenético. "Tudo faz sentido. Quão convincente é esse lugar - quão convincente Odin era. Como todos nós fomos enganados, exceto Ari.” Ele assentiu para mim. “Você não tem experiência com nenhuma parte de Asgard fora de Valhalla para se basear. Nenhuma lembrança de estar na presença de Odin. Portanto, a ilusão não pôde se segurar tão bem.

"Ilusão?" Eu disse. Este lugar parecia muito sólida para ser apenas uma alucinação ou algo assim.

Loki deu um passo à nossa frente, tecendo as mãos no ar com um floreio. “Uma ilusão construída a partir de nossas memórias. Muninn não apenas nos levou a esta prisão. Ela criou. “

02

Baldur

"Você está tentando me dizer que aquele pequeno corvo construiu todo esse lugar?" Thor perguntou a Loki com um movimento do braço.

Eu segui seu gesto, absorvendo a falsa Asgard novamente. Desta vez, respirei um pouco mais fundo, abri meus sentidos um pouco mais livremente para que eu pudesse captar as emoções flutuando ao meu redor. A tensão irradiava dos meus companheiros, e foi por isso que reduzi minha sensibilidade em primeiro lugar. Mas sair daqui era mais importante do que evitar algum desconforto imediato.

"Estou dizendo que é o que as evidências sugerem", respondeu o malandro. "Eu já a vi fazer isso antes - conjurar objetos ou cenas das memórias que ela reuniu. Odin fez com que ela me mostrasse as coisas algumas vezes dessa

maneira. Nunca nada tão próximo dessa escala antes..."

Ele balançou a cabeça, incrédulo, ao nosso redor. "Isso deve levar toda a sua energia e concentração para manter. E ela estará se alimentando das memórias que está colhendo de nossas mentes agora."

Recordações. Um tremor escuro percorreu meus pensamentos como uma lasca de gelo. A última coisa que eu queria fazer era morar no passado. Se Loki estivesse certo... o que mais Muninn poderia conjurar de nossas histórias?

Não olhei para Hod, mas meu irmão gêmeo estava lá no limite da minha visão, com uma carranca sombria. Tantas coisas que colocamos para descansar entre nós... e agora o corvo pode agitá-las novamente. Eu não queria pensar em quanto mais dor ela poderia causar a ele também.

Em vez disso, concentrei minha atenção nos prédios ao nosso redor, no pátio que havíamos deixado para trás, nas árvores distantes. Todo o reino se alastrando. Se Muninn estava criando isso de sua mente, então talvez eu pudesse alcançar *suas* emoções através disso. Pegar alguma impressão que nos ajude a navegar na prisão dela.

Agora que eu estava prestando mais atenção, em vez de desligar as vibrações negativas ao meu redor, uma leve corrente de ressentimento formigante me tocou junto com a brisa. Uma contração ansiosa. Se era ela, ela não estava se sentindo muito feliz no momento também. Se havia alguma maneira de se conectar com ela, de apelar para qualquer natureza boa que ela tivesse, havia alguma chance de podermos influenciar suas ações?

Nenhuma das impressões me deu a menor abertura. Eu não sabia como estender minha mão para um lugar nascido de uma pessoa. O que eu poderia dizer a ela quando não tinha ideia de onde poderia surgir essa ansiedade ou ressentimento?

Quando eu trouxe meu foco de volta para meus companheiros, Aria estava me observando, seus olhos cinzentos nublados de preocupação. “Você sentiu algo dela?” Ela perguntou.

Quando convocamos nossa valquíria de sua morte, minha contribuição foi conceder a ela a mesma sensibilidade para a vida interior das pessoas - o que as valquírias nos

tempos antigos teriam usado para decidir qual dos guerreiros no campo de batalha merecia ascender a Valhalla. Mas esse talento não seria tão forte para ela, e ela ainda não tinha muita prática em usá-lo.

"Acho que sim", eu disse. "Nada muito claro - nada que possamos usar."

“Por que o corvo de Odin nos trancaria em algum reino falso?”, Disse Freya. “Certamente ela não estava... *ajudando* os elfos negros no que eles fizeram com ele? Se ele estiver com eles.”

"Ele está", disse Aria. “Ou pelo menos ele estava. Eu senti a presença dele claramente do reino deles quando fui procurá-lo.”

"Ela dificilmente é o corvo de Odin", disse Loki. “Eu não a vejo com ele há pelo menos alguns séculos. Ele nunca disse como eles se separaram. Estou desenvolvendo a suspeita furtiva de que não era a mais amigável das partidas.”

"Mas se voltar completamente contra ele, e todos nós..." Eu não podia imaginar a lealdade de qualquer ser mudando tão completamente.

Muninn e Huginn, seu parceiro e o corvo do pensamento, eram jogos constantes ao lado de meu pai há anos, expandindo sua sabedoria com suas próprias viagens. Eles poderiam ter sido pássaros em forma, pois todos os Muninn agora pareciam capazes de se transformar em uma forma feminina, mas suas mentes eram tão profundas e afiadas quanto as de qualquer deus menor. O que poderia ter acontecido para transformá-la em inimiga?

A pergunta me fez querer fechar minha mente mais uma vez, mas eu sabia que não me protegeria da escuridão que espreitava aqui. Não quando estava à nossa volta, assim como dentro de mim.

Minhas mãos apertaram ao meu lado por um segundo antes de eu forçá-las a soltar. Eu precisava estar fora deste lugar falso. Todos nós. As possibilidades desconfortáveis estavam desgastando a frágil harmonia que conseguimos manter por tanto tempo - e a harmonia conquistada com força em minha própria mente. Tantas incertezas horríveis pairando sobre nós... Por quanto tempo todos nós podemos permanecer fortes?

"Temos que assumir que ela estava trabalhando com os elfos negros", disse Hod. A boca do meu irmão ficou em uma linha sombria. “Ela nos desviou em suas cavernas - eles estavam segurando seu falso Odin. Ela não poderia ter feito isso a menos que eles estivessem no plano. E então ela nos levou a entrar nesta prisão, onde não podemos parar o que mais eles planejaram.”

"Isso ainda não responde por que ela jogaria muito com eles", resmungou Thor. “Foi ela quem se aproximou de *você*, não foi?” Ele olhou para Loki.

"Ela veio", disse Loki. “Depois de já termos determinado que os elfos negros estavam envolvidos e retomado a busca. Eu esperaria que ela quisesse saber o quão perto chegamos e nos levar a mal, se ela pudesse. Ela era aliada deles antes que a encontrássemos.”

Aria respirou fundo. “Aquela emboscada na escola - ela nos levou para aquela cidade, dizendo que tinha visto as marcas dos elfos negros. Fingindo que ela estava nos ajudando a localizá-los. Ela nos levou direto para a escola.

Ela estava lutando conosco contra eles, mas acho que foi só para mostrar. Essa foi uma armadilha também. Ela organizou esse ataque com eles."

Minhas costas endureceram ao lembrar daquela batalha, as rajadas de luz que eu usara para derrubar nossos atacantes, o sangue derramando sob o martelo de Thor. Os golpes de Hod, tão cruéis que ele ficou de joelhos no final. Os elfos negros tinham a intenção de nos matar se pudessem naquele dia.

Muninn não apenas nos queria presos, então. Ela teria nos visto alegremente mortos.

Loki bateu com o dedo indicador nos lábios. "Uma excelente observação, duende. Ela tentou nos matar, e quando isso não funcionou e sua percepção nos ajudou a encontrar o portão, ela deve ter percebido que não havia mais como nos desviar, a menos que ela nos desse o que estávamos procurando."

"Odin", disse Hod com uma careta.

"Ou alguma aparência dele. Uma que o seguiríamos até a prisão dela." O malandro soltou um suspiro, olhando ao redor novamente. "É um pouco *chato* quando você se acostuma. Nada além de quietude e uma paisagem que já vimos um milhão de vezes. "

"Odin nos salva do que achar mais interessante, Trapaceiro", disse Freya com um revirar os olhos.

"Isso pode não ser tudo o que existe", murmurou Hod. "Quem disse que ela terminou conosco?"

"Ela terá que acabar conosco se sairmos", disse Aria. Ela levantou o queixo, determinação iluminando seu olhar.

Eu podia sentir o tumulto agitando dentro da mente de nossa valquíria sem nenhum esforço: incerteza sobre o que esse lugar desconhecido poderia conter, uma pontada aguda de preocupação pelo irmão que ela deixara para trás, frustração por se sentir impotente. Mas ela não estava deixando essas emoções a enterrarem. Observando-a, convoquei minha própria resolução. Eu também poderia me segurar. Não apenas para mim, mas para ela também. Fomos nós que a trouxemos aqui, quem prometeu que a manteríamos segura.

Eu não podia deixar meus medos para mim impedir-me de proteger essa jovem que entrou em nossas vidas como uma explosão de luz e fogo.

"Por que não tomamos uma camada mais completa da terra, como já começamos?", Perguntei. “Podemos encontrar pistas que irão acelerar nossa fuga. Pode até haver outros que estejam presos aqui.” Nós não vimos os outros habitantes da verdadeira Asgard frequentemente nos últimos séculos. Muitos de nós já andamos em várias direções agora que tínhamos pouco a nos ocupar aqui, com a grande guerra realizada. Mas saber que não éramos apenas nós seis aqui, deixa minha mente um pouco mais à vontade.

"Teremos que tomar cuidado para que qualquer pessoa que conheça seja real e não seja conjurada", disse Hod.

“Mesmo assim, podemos dar uma olhada.” Thor avançou em direção ao seu grande salão logo à frente. "Vamos ver o quão bem ela construiu o interior da minha casa."

Nós o seguimos pelo caminho. Ele bateu o martelo na mão em um gesto que parecia quase brincalhão, mas a luz em seus olhos era feroz. O Trovão não gostou de ser enjaulado.

O céu brilhava claro e azul, mas com uma falsa perfeição que me pressionava. Meu olhar deslizou pela cidade em direção à praça contida mais profundamente ao longo de seus caminhos. A praça onde -

Eu me apeguei a esses pensamentos antes que eles pudessem se tornar totalmente conscientes. Um calafrio percorreu meu corpo da mesma forma. Essas eram as últimas lembranças que eu queria que o corvo pegasse e usasse.

O passado era o passado. Não importava mais. Não *deveria.*

Aria deu um passo ao meu lado. Ela olhou para o tremor que eu não tinha contido completamente. "Baldur?" Ela disse suavemente.

A preocupação em sua voz, apesar de todos os medos que ela estava enfrentando, apertou meu coração.

"Vamos sair", eu disse, tanto para mim quanto para ela. "Nada foi capaz de prender os deuses permanentemente ainda."

Ela me deu esse olhar como se estivesse tentando sentir minhas próprias emoções, as que se agitavam ainda mais sob a superfície. O olhar que fez uma parte de mim ficar tenso e tonto ao mesmo tempo, revelando sua atenção e fugindo dela. Pode ser uma coisa maravilhosa ser conhecido

por uma mulher com um espírito como o dela, mas mantive certas coisas trancadas por um motivo.

Eu nunca quis que ela se arrependesse de me conhecer. Essa consideração veio primeiro.

Ela passou a mão pela minha, quase hesitante, como se pensasse que eu poderia me afastar. O contato enviou um formigamento quente no meu braço. Eu a havia tocado antes - para curar suas feridas, principalmente -, mas essa abertura parecia mais pessoal, mais íntima. Eu gentilmente torci meus dedos com os dela, e seu sorriso torto, mas brilhante, quase me fez esquecer onde estávamos.

Então ela levantou a voz, doce, mesmo que fosse um pouco magra, e começou a cantar.

Era uma das músicas dos Beatles que tocamos juntos há alguns dias atrás, emprestando seus vocais ao meu violão. Uma melodia constante para combinar com a marcha resoluta de nossos pés. As letras eram basicamente bobagens, mas o ritmo me animava do jeito que a música sempre fazia. Eu não poderia me perder nisso, mas eu poderia envolver a música ao meu redor como um escudo.

Deixei minha própria voz se juntar à dela. Loki olhou para nós com um sorriso divertido. Hod balançou a cabeça, mas um toque de sorriso tocou seus lábios. Por alguns minutos, nosso canto preencheu o espaço vazio ao nosso redor, como se dissesse a Muninn que não importa para onde ela nos levou, não importa o que ela tinha reservado, não ficaríamos abalados.

Ficamos sem letras assim que chegamos à porta do salão de Thor. O deus do trovão a abriu e todos nós seguimos atrás dele, Aria e eu na parte de trás do grupo. O polegar

dela roçou o lado da minha mão, e de repente eu estava pensando em como seria bom se viajasse mais longe. Se eu a tomasse nos braços e me perdesse em seu brilhante desafio.

"Eu realmente me sinto melhor agora", disse ela com uma risada interrompida. "Pena que você não tem todos os seus instrumentos aqui."

"Eu prefiro ouvir sua voz de qualquer maneira", eu disse honestamente.

Suas bochechas ficaram levemente rosadas. Ela agarrou minha mão com mais força - e a deixou cair em algo que viu através de uma das portas de pedra em arco no corredor. Ela falou mais alto para se dirigir a todos nós. "Ei, vocês acham seguro parar para almoçar?"

A grande mesa de jantar de Thor estava posta com pão e queijo e baguetes fumegantes, jarros de hidromel e tigelas de frutas. Minha boca ficou com água quando os aromas encheram meu nariz. Estranho que eu não tinha notado o cheiro até apenas um minuto atrás. Esse fato tornou meus passos lentos.

Thor avançou até a mesa e pousou as mãos na extremidade com um baque. "Uma maneira de descobrir", disse ele. "É melhor o corvo não estar estragando minha reputação de hospitalidade."

"Sobrinho", disse Loki com uma nota de exasperação, mas o deus do trovão já havia pegado uma das baguetes.

Ele a levou à boca e, no segundo em que seus dentes a tocaram, pronto para rasgar a carne brilhante, a carne e o osso se desintegraram como meu pai no pátio. Um segundo

sólido, o próximo, uma pilha de poeira. Thor fez uma careta e limpou os dedos riscados na camisa.

O rosto de Aria caiu. Ela pegou uma ameixa da fruteira, virou-a na mão e experimentou. Ele desmoronou contra seus lábios como a baguete.

"Não falta muito almoço aqui", disse Loki.

Aria passou a mão pela boca. A tensão da qual ela encontrou um breve alívio aumentou suas feições novamente.

"Isso significa que toda a comida deste lugar é lixo?", Disse ela. "Não há nada aqui para comer?"

Eu não tinha sentido tanta fome antes, mas com essa pergunta, um soco atravessou meu intestino.

Muninn nos enviou aqui não apenas para nos impedir de encontrar Odin, mas também para nos ver passar fome? A morte violenta que ela tentou arranjar para nós não funcionou. Esta viria mais devagar... mas não conseguiriamos lutar contra isso.

03

Aria

A textura cinza ficou nos meus dedos, mesmo depois que eu tentei esfregar. Meu estômago não tinha revirado até que eu tinha visto a comida, mas agora estava amarrado. Se Muninn não tivesse conjurado uma única coisa que poderíamos realmente comer, não duraríamos muito neste lugar, não é?

O alarme que soou na minha cabeça desde que percebemos que não era Asgard, que apenas se acalmou momentaneamente quando me distraí cantando com Baldur, tocou meus nervos novamente. Eu me virei, ansiosa para soltar minhas asas, como se elas ajudassem alguma coisa.

"Tem alguém aqui?", Perguntei a Thor.

Ele balançou a cabeça de onde estava parado na porta. Eu tinha visto seu rosto largo, jovial e feroz, mas o olhar sombrio que ele exibia agora era algo novo. Alguns fios ruivos escuros escaparam do seu rabo de cavalo curto. Eles se moveram contra sua mandíbula quadrada enquanto ele trabalhava.

“Nós vamos descobrir alguma coisa. Vamos sair daqui antes que isso importe, Ari” ele disse.

Algo na maneira como ele disse meu nome me fez pensar se eu era a pessoa que mais deveria se preocupar. Os deuses tinham pelo menos alguma imortalidade ao seu lado. Thor

poderia comer uma vaca assada inteira de uma só vez, eu aposto, mas quantas vezes eles *precisavam* comer?

Provavelmente com muito menos frequência do que eu.

A coceira cavou mais fundo. Uma saída. Nós tinhamos que *sair.*

Minha mente saltou para o único lugar na verdadeira Asgard que eu já tinha visto: o interior do salão abandonado de guerreiros de Odin, Valhalla. No fundo de sua enorme lareira, havia uma porta que dava para o caminho ramificado de Yggdrasil, a árvore que ligava Asgard a todos os outros reinos. Uma fina esperança passou pelo meu peito. Eu segurei nele.

“E o Yggdrasil?” Eu disse. “Deveríamos ver o que Muninn fez com isso, certo? Talvez haja alguma maneira de usá-lo, ou suas lembranças, para sair.”

“Pode ser muito otimista antecipar uma brecha tão grande”, disse Loki, “mas não custa nada dar uma olhada. Tudo parte da grande turnê.”

Ele disse isso com seu tom irreverente de sempre e um sorriso, mas ele se atrasou para esperar por mim enquanto os outros seguiam pelo corredor. Sua mão descansou levemente nas minhas costas entre as omoplatas, como se ele soubesse a coceira que eu estava sentindo.

O toque de Loki poderia ser quente o suficiente para acender chamas sob a minha pele - eu tinha experimentado essa sensação com grande efeito algumas manhãs atrás, quando terminamos na cama juntos - mas ele sabia como ter

cuidado também. A gentileza naquele toque de seus dedos conseguiu me aquecer de qualquer maneira.

Em teoria, essa conexão havia sido uma coisa ocasional. Na prática... se eu não morresse de fome aqui, não tinha certeza de que seria capaz de me impedir de voltar por segundos. O malandro já havia deixado claro que ele estava pronto para outra rodada.

Eu só tinha que lembrar que, por mais atraente que sua aparênciaa pudesse ser, ele também *era* um trapaceiro. Tive a impressão de que nenhum dos outros deuses confiava nele completamente, e eles o conheciam há muito mais tempo do que eu.

Corremos de volta pelo pátio em que chegamos ao corredor dourado do outro lado. Ao passar pelas amplas portas de Valhalla, senti-me abruptamente mais aterrada, mais presente do que antes.

Porque Muninn foi capaz de extrair minhas memórias e as dos deuses ao construir o interior. As mesas vazias, as lanças e as espadas penduradas nas paredes, o brilho dourado ao redor, o cheiro persistente de hidromel - era todo o caminho que eu tinha visto quando cheguei aqui usando meus poderes de valquíria. Se eu tivesse sido uma valquíria adequada, antigamente, imaginei que essa seria minha casa.

Tudo estava igual, incluindo o enorme trono de ouro no final do corredor e a lareira ao lado. Corri pelas mesas para isso e parei.

Não havia porta na parte de trás da lareira, como deveria ter. Nem mesmo a menor sugestão de uma. De qualquer maneira, eu me abaixei e triturei sobre as brasas

espalhadas para empurrar as costas chamuscadas de pedra, mas os tijolos não se mexeram.

"Ela nem queria fingir deixar um caminho aberto", disse Hod. "Eu me pergunto se poderíamos ter feito uso dela, se ela tivesse."

"Mexa-se, Ari", disse Thor, sua voz mais baixa do que o habitual. Saí e dei um passo para trás contra um dos bancos de madeira.

“Não precisamos de uma porta para passar.” Os olhos castanhos do deus do trovão brilharam. Seus lábios se afastando sobre os dentes cerrados, ele levantou o braço e jogou o martelo na lareira.

Mjolnir bateu nas pedras. Eles quebraram com um estrondo. O martelo bateu na mão de Thor, sua superfície de metal brilhando. Meu coração pulou ao ver a escuridão aberta além do buraco que ele havia aberto - pelos dois segundos antes que as pedras saltassem do chão da lareira e voltassem ao lugar.

“Droga!” Thor rosnou mais algumas maldições em um idioma que não era inglês e lançou Mjolnir para frente com tanta força que meu cabelo tremulou na brisa agitada. A lareira inteira explodiu em uma chuva de cacos de pedra. Eles tremeram no chão assim que cairam e saltaram de volta antes que o cabo do martelo tivesse encontrado a palma de Thor.

Thor virou-se. "Muninn!" Ele berrou. “Venha nos encarar! Esta é uma guerra de covardes que você está travando.” Ele jogou o martelo nas mesas. Eles esmagaram com uma chuva de lascas e se fundiram de volta no lugar, exatamente como a lareira. Um grunhido escapou da

garganta de Thor. Ele puxou o braço do martelo para trás novamente, o rubor vermelho da raiva da batalha se espalhando de suas bochechas pelo pescoço.

"Não", eu disse, mesmo que meu peito tivesse apertado em simpatia. Havia muitas coisas que eu gostaria de esmagar agora também. "Não deixe que ela instigue você a desperdiçar energia."

"Não me diga o que eu não posso fazer", Thor rugiu, girando em minha direção.

Eu me encolhi com a fúria em sua voz, a selvageria em seus olhos - e sua expressão imediatamente vacilou. Seu braço desceu, o martelo balançando ao seu lado. A raiva ardente desapareceu de seus olhos quando eles se suavizaram.

“Ari. Eu sinto Muito. Eu não...”

"Está tudo bem", eu disse. Eu sabia que ele não tinha planejado me atacar. Seu arrependimento por essa breve explosão mostrou-se tão claramente quanto quando ele bloqueou um dos meus ataques um pouco demais em nossas brigas. Forcei meus dedos a abrir do lado do banco onde eles se apertaram e dei um passo em sua direção. “Estamos todos frustrados. Mas obviamente eu estava errada. Não há saída aqui.”

Ele olhou para o martelo. "Se eu pudesse apenas..."

Loki apertou o ombro do deus mais amplo. “Receio que não vamos sair dessa, velho amigo. Pelo menos não assim.”

Thor fez um som vago e resmungante. Ainda havia algo assombrado em seu olhar quando ele encontrou meus olhos novamente.

Eu me empurrei em direção à entrada. "Vamos então. Se isso não der certo, tentaremos outra coisa." Enquanto continuássemos tentando, não precisaria pensar no que aconteceria se nada desse certo.

O sol, se era mesmo o sol real, brilhava sobre nós quando saímos do corredor. Freya protegeu os olhos, olhando para ele. O vasto céu não continha uma única nuvem.

"Uma prisão sem teto", disse ela. "E todos nós com o poder de nos impulsionar a fugir. Parece uma escolha descuidada, não acha?"

O sorriso malicioso de Loki retornou. "Vamos testar os limites desta Asgard?"

"Nem todos nós", ela sugeriu. "Mas aqueles que vêm a voar com mais naturalidade?"

Ela puxou a capa de falcão das dobras do vestido e a arremessou em volta dos ombros, contraindo-se na forma de uma ave de rapina quando atingiu sua pele.

Loki pulou no ar e olhou para mim.

"Você vem, duende?"

Eu dobrei meus ombros e minhas asas brotaram com a queima espinhosa usual nas minhas costas. O top de corrida que eu havia escolhido exatamente por esse motivo deu a

eles liberdade para se desdobrar. As penas brancas prateadas brilhavam nas bordas da minha visão.

Uma ou duas semanas atrás, o peso desses apêndices no meu corpo rijo parecia opressivo. Agora, com uma única batida e a corrente de ar sobre eles, eles enviaram um tremor vertiginoso através de mim. Eles me deram mais liberdade, não menos. Mesmo se eles também representassem o que eu era agora e, portanto, todas as coisas que eu havia perdido para me tornar uma valquíria. Minha vida, para começar. Um futuro no mundo dos outros seres humanos. Petey.

Não, eu não estava pensando nisso agora. Eu não tinha perdido completamente Petey, a menos que eu deixasse Muninn e sua prisão ganharem.

Loki galopou em direção ao céu, indo em direção aos muros altos que ele disse que sua aposta ajudara a construir. Freya como falcão voou atrás dele. Eu pulei no ar e minhas asas me levaram para cima. O vento mais frio atingiu meu rosto quando eu o virei para o sol.

Talvez pudesse ser assim tão simples. Apenas voe para qualquer reino em que Muninn tenha construído sua jaula de memórias. Quebre a ilusão rompendo seus limites externos.

Eu subi mais alto, como se pudesse mergulhar no céu insondável azul como um oceano. O vento tomou conta de mim com os cheiros de metal e pedra e o pomar de maçãs ao sul e... um leve sabor residual de cinzas que permaneceu na minha língua.

Cinzas?

Antes que eu pudesse pensar muito sobre isso, Loki deu um grito. O malandro parou contra o que parecia ser a extensão aberta do céu. Mas quando me aproximei dele com mais algumas batidas de minhas asas, senti também. Uma pressão invisível nos segurando.

Eu forcei minhas asas, mas não consegui me impulsionar mais alto. Fazendo uma careta para o ar acima de nós, dei um soco nele. O impacto enviou uma onda de dor irradiando pelo meu braço como se tivesse atingido meu osso com força.

Ok, não estou fazendo isso de novo.

O falcão de Freya estava circulando ao nosso lado, incapaz de subir ainda mais. "Não que eu tenha muita esperança", disse Loki, e me chamou para segui-lo deslizando pela cidade. Aqui e ali, tentamos voar mais alto, apenas para ser pressionados de volta. Minha pele começou a se arrepiar com a sensação daquele vago teto invisível.

Nós realmente estávamos presos aqui, o mais completamente possível.

Cerrei os dentes contra os nervos. Meu olhar desceu, deslizando pela cidade. Diante dos meus olhos, os prédios, o pátio, a praça mais próxima do pomar - todos tremiam. Apenas por um instante, como se algo mais escuro tivesse atravessado eles.

Meu corpo congelou, exceto pelo movimento das minhas asas, me mantendo no ar.

“Você viu isso?” Eu disse.

Loki inclinou a cabeça para um lado. "Ver o que?"

"Asgard." Fiz um sinal para a cidade. Por um segundo, foi como se algo passasse pela ilusão. Talvez o lugar em que realmente estamos?

Loki considerou o chão abaixo. Os olhos dele se estreitaram. "Eu tenho a visão mais nítida de todos nós, e nada disso chamou minha atenção." Seu olhar voltou para mim. “Você não tem lembranças sólidas da cidade para tornar a ilusão completamente real para você. Assim como você não fez com Odin. Você pode ser a nossa chave para encontrar o caminho através desta prisão, duende.”

Maravilhoso. Cinco seres divinos ao meu redor, e *era eu* quem detinha a chave. "Sem pressão ou qualquer coisa, certo?"

Ele riu e estendeu a mão. “Acho que podemos pelo menos dizer que o céu não é nossa rota de fuga. Vamos nos juntar aos outros.”

Freya disparou conosco enquanto descíamos. Thor, Hod e Baldur estavam esperando no pátio perto da fonte. A deusa voou direto para se juntar a eles, mas Loki nos trouxe à terra na beira do espaço de mármore.

Meus pés atingiram o chão e eu forcei minhas asas de volta ao meu corpo. Eu posso ter um tipo estranho de conforto nelas agora, mas o que eu disse a Thor sobre economia de energia se aplica a todos nós.

"Ari", disse Loki, e eu me virei. "Você se lembra por que te chamei de duende quando nos conhecemos?"

Eu levantei minhas sobrancelhas para ele. "Porque eu sou pequena e tenho asas?"

Ele sorriu. “Bem, tem isso, e também os duendes têm mais brigas em cada pedacinho do corpo deles do que qualquer outro ser que eu já conheci. Você não quer se envolver com um duende. E você já provou que ninguém deveria querer se envolver com você.”

Ele passou os dedos sobre meu cabelo, enviando um arrepio prazeroso através de mim, apesar da tensão no meu estômago. Quando a cabeça dele caiu, a minha inclinou-se automaticamente para encontrar seu beijo. No momento em que seus lábios encontraram os meus, seu calor ardente correndo sobre mim, meus nervos tocaram com todo o poder que meu novo corpo continha, o poder que ele e os outros deuses haviam me dado. Eu não me importei que eles estivessem assistindo. Se algo acontecesse entre mim e qualquer um dos outros - e eu já havia compartilhado um beijo com Hod - não seria sob o pretexto de que eles eram os meus únicos.

Loki não se demorou no beijo. Ele se afastou com um sorriso menor que parecia mais privado, mais pessoal de alguma forma. Então ele girou em direção aos outros com um movimento gracioso do braço. “Nada de explodir, mas acho que podemos ter o núcleo da nossa resposta. Se simplesmente...”

Eu peguei um lampejo de escuridão no canto da minha visão. Minha cabeça virou.

Com um coro de rosnados, um bando de enormes lobos monstruosos se lançou sobre os azulejos de mármore do pátio em nossa direção.

04

Aria

A criatura lupina mais próxima bateu em mim antes que eu tivesse tempo de reagir, me afastando de Loki e me prendendo no chão com um ranger de dentes e um arranhar de garras. O golpe da minha espinha contra os ladrilhos duros chocou um grito da minha garganta. A dor atravessou meu peito com o corte de suas garras.

Atirei com toda a minha força dada por Deus, enfiando um joelho no intestino da besta, batendo meu antebraço o mais forte que pude em sua garganta. Saliva pingou em mim quando suas mandíbulas se aproximaram. Eu soquei no focinho. Uma rajada de raios que eu fui capaz de evocar intermitentemente provocou na minha mão.

O monstro se encolheu, relaxando seu aperto apenas o tempo suficiente para eu tirá-lo de mim e me afastar. Sangue escorria pela minha blusa de onde suas garras haviam atravessado minha clavícula. A queimadura dessa ferida desapareceu por trás da adrenalina e do bater do meu pulso.

Wargs. Era assim que os deuses chamavam esses lobos enormes e muito cruéis que tinham uma inteligência quase humana em seus olhos amarelos. Eu tinha me envolvido com três deles em um pátio de fábrica abandonado há uma semana, uma batalha que terminou com minha primeira morte real e me deixou abalada. Pode ser que Muninn tenha roubado minha memória das criaturas.

Roubou-as e multiplicou-os. Ao instar minhas asas a se soltarem das minhas costas e puxar meu canivete do bolso da calça jeans, contei dez wargs voltados contra mim e meus companheiros piedosos. Freya estava balançando a espada nas mandíbulas estaladas de alguém, Hod emaranhando outro com grossos fios de sombra. Baldur acertou uma das costas com uma onda de luz que ele lançou de suas mãos. Loki jogou uma bola de fogo no rosto de outro, enquanto Thor entrava no meio da manada com um rugido, seu martelo estalando as costelas aqui, uma caveira ali.

Quando Mjolnir bateu no crânio de um warg, a criatura não caiu simplesmente. Desmoronou em pó como tantas coisas nesta Asgard falsa.

Eu levantei do chão com um movimento de minhas asas, bem a tempo de escapar do estalo do warg que já havia me atacado uma vez. Ele rosnou e tentou pular atrás de mim. O pó daquele que Thor matou não voltou a subir como os escombros da lareira ou as lascas da mesa de Valhalla. Eu imaginei que a mulher corvo não tinha poder suficiente para manter as ilusões que agiam como seres vivos, movendo os seres para sempre.

O warg surgiu em mim novamente, suas garras cintilantes passando logo abaixo dos meus pés. Se tivesse sido um ser vivo real, eu teria sentido a agitação de sua energia vital dentro de seu corpo. Eu teria sido capaz de abrir as sombras dentro do meu corpo de valquíria e afirmar como valquírias já fizeram antes como elas decidiram os vencedores e perdedores em um campo de batalha. Mas o monstro abaixo de mim irradiava nada além de vazio. Apenas uma construção, como Loki havia dito. Um fantoche, com Muninn puxando as cordas em algum lugar escondido.

Uma marionete que me deixou maltratada e sangrando. Cerrei os dentes e mergulhei. Não estava realmente vivo, então eu não precisava sentir a menor pontada de consciência ao matá-lo.

O warg virou, mas eu era muito rápida. Eu apunhalei minha lâmina diretamente no topo de sua cabeça. Um lamento sufocado saiu de sua boca e depois se desintegrou como seu companheiro.

Eu levantei minha mão da faca e virei. Outro warg estava correndo em minha direção. Eu me esquivei, não rápido o suficiente para escapar de sua boca. Seus dentes afundaram na borda da minha asa e rasgaram. Aquela dor aumentou nos meus nervos. Engoli em seco quando soltei minha asa.

Eu apontei um chute para o monstro, batendo meu calcanhar em sua bochecha. O monstro cambaleou para o lado, direto no golpe ardente da adaga de Loki. Ele torceu a lâmina curva mais profundamente no peito da criatura, e ela amassou em outra pilha de poeira.

O malandro enxugou as mãos com uma careta e levantou a cabeça. Os azulejos polidos do pátio estavam cheios de mais pilhas de poeira. Freya estava apenas levantando sua espada do warg que ela deve ter derrubado, mechas úmidas de suor de cabelo grudando nas laterais de seu rosto suave. Thor bateu com o martelo o último da manada, enviando a fera derrapando na base da fonte, onde ela também desmoronou.

Ficamos parados no silêncio, sem som, exceto o ruído das nossas respirações, esperando para ver se a batalha realmente havia terminado. Thor olhou para mim e emitiu

um som estrangulado. Ele se aproximou, seu olhar fixo nos cortes na minha clavícula.

"O corvo vai pagar por isso", ele rosnou.

Agora que a pressa da luta estava diminuindo, o latejar das feridas formigou mais profundamente. Eu apertei minha mandíbula contra a dor. Baldur veio ao lado de Thor, e eu dei um passo em sua direção, sabendo o que ele estava oferecendo sem que ele precisasse dizer uma palavra. Ele curou minhas feridas várias vezes nas últimas duas semanas. Basicamente, estava se tornando um hobby para ele.

O deus da luz me deu um sorriso suave e colocou a mão sobre as feridas. Seu poder tomou conta de mim com uma inundação de calor e um formigamento onde a pele estava se unindo novamente. Quando ele abaixou o braço, nada restava dos cortes, exceto linhas rosadas escuras como cicatrizes, mas até essas desapareceriam em poucos dias. Infelizmente, tive que aprender isso por experiência própria.

O decote da minha blusa estava rasgado e o tecido branco manchado de sangue. Não havia muito o que fazer sobre isso sem um guarda-roupa conveniente à mão. Eu molhei meus lábios. Construção ou não, essa coisa poderia ter me matado se eu tivesse reagido mais devagar, se tivesse pegado meu estômago em vez de meu peito. Parecia que a mulher corvo não estava contente em me deixar morrer de fome.

Os wargs nos atacaram logo depois que eu disse a Loki que tinha visto sua ilusão vacilar. Logo depois que ele me lembrou que eu poderia ser uma ameaça real. Meus dedos se apertaram ao redor da alça do meu canivete.

Meu irmão mais velho Francis havia me dado essa arma quando eu era criança, para me proteger dos monstros de nossa vida naquela época - aqueles em forma humana. Naquela época, eu falhei em me proteger com isso. Eu falhei em protegê-lo quando talvez eu pudesse ter salvado sua vida.

Eu não ia deixar os deuses que tinham dado *a mim* uma nova vida. Eu com certeza não falharia com Petey. Eu prometi estar lá para ele, ele se lembrando dessa promessa ou não. Se o corvo pensava que ela iria me quebrar, ela tinha outra coisa por vir.

"Muninn!" Eu gritei, girando para apreciar a cidade além do pátio. “Roubando da minha cabeça agora? O que mais você viu? O que exatamente eu fiz para merecer o jeito que você está tentando nos derrotar aqui embaixo, hein? Eu nunca machuquei ninguém, exceto pessoas que já estavam tentando me machucar. Qual é a sua desculpa, sua imbecil?”

"Ari", Baldur disse suavemente, mas eu o ignorei. Este não era o momento certo para fazer as pazes.

Precisávamos derrubá-la. Havia alguma maneira de enfraquecer sua concentração? Se eu pudesse sacudi-la, isso poderia sacudir toda a ilusão ao nosso redor. Abrir uma maneira de escaparmos.

Imaginei a mulher que conheci quando ela se aproximou de Loki e eu oferecendo sua ajuda. Magra, com grandes olhos escuros e cabelos pretos bagunçados, mas brilhantes. As pequenas peculiaridades de pássaro que ela mantinha até em forma humana, na inclinação de sua cabeça e na ligeira rouquidão de sua voz. O que a perturbaria? Ela não se importava com Thor chamando-a de covarde. Mas ela já fora companheira constante do Grande Pai enquanto ele supervisionava toda a Asgard - a coisa real.

Ela voou por todos os domínios, reunindo memórias de todo o mundo.

"Isso é tudo que você faz agora?" Eu gritei, virando novamente. “Governar uma pequena prisão para seis pessoas? Não há tempo para esticar suas asas, para prestar atenção a qualquer outra coisa. Quem colocou você nisso - os elfos das trevas? Por que você os deixou ficar com um trabalho tão ruim?”

Loki soou como se ele tivesse sufocado uma risada. E um brilho escuro chamou minha atenção perto do corredor em frente a Valhalla. Um movimento como o bater de uma asa.

Meu pulso disparou com uma súbita certeza. Ela estava aqui. Ela estava aqui conosco, escondida atrás de suas construções. Ela provavelmente tinha que estar para mantê-los - perto o suficiente para roubar as memórias que ela precisava de nossas cabeças.

Corri pelo caminho até o corredor, examinando as paredes de pedra, o telhado de olmo, a sólida porta de carvalho. “Você sabe que estou certa. Aposto que você também pode ver isso. Não sei o que aconteceu entre você e Odin, por que você está fazendo isso, mas *sabe* que não tem nada a ver comigo. Isso é apenas crueldade. Você é um monstro como aqueles wargs que você enviou para nós, Muninn? Você está-"

Outro lampejo de penas escuras brilhou nas pedras pálidas. Eu me joguei nessa direção. Minha mão fechou em torno de nada além de ar. Então, com um gemido rangente, toda a parede frontal do prédio inclinou-se para mim.

Eu tropecei para trás com um grito, jogando meus braços. As asas que eu não tinha retraído ainda se erguiam sobre mim também. Elas podem ter sido a única coisa que me salvou.

As pedras me atacaram e eu caí nas minhas mãos e joelhos. Os apêndices emplumados que se projetavam das minhas costas levaram o pior dos espancamentos. Uma dor se espalhou por eles, mas minha cabeça e costelas mais frágeis apenas pressionaram contra o chão, sem bater.

"Ari!" Alguém gritou. Houve um grunhido e um baque, pois Thor deve ter começado a limpar os escombros. Testei minhas asas contra as pedras que as haviam enterrado e estremeci.

Uma dessas pedras foi arrancada de mim e eu consegui empurrar outra para o lado. Minhas asas se retraíram com um tremor dolorido. Chutei as pedras das minhas pernas.

Um braço envolveu meus ombros, ajudando a me libertar do resto dos escombros. Braço de Hod. Eu me arrastei para a pressão de seu abraço, o cheiro salgado e levemente enfumaçado dele me cercando.

"Eu estou bem", eu murmurei contra sua camisa.

Ele soltou uma risada trêmula. “Metade de um maldito prédio caiu sobre você, valquíria, e isso é tudo o que você tem a dizer por si mesma?” Ele se afastou, seu olhar cego conseguindo se fixar no meu como se estivesse olhando para mim, seus dedos traçando pelas laterais do meu rosto. Minha respiração engatou quando seu polegar roçou um arranhão na minha bochecha. Sua mandíbula apertou. "Você *está* machucada."

"Eu estive pior", eu disse. "Da próxima vez, ela terá que tentar jogar o prédio inteiro em mim." Quando a expressão dele não mudou, eu acrescentei: "Você quer me beijar?"

"Ari", ele murmurou, mas o brilho em seus olhos e a repentina descarga de calor entre nós sugeria que sim, talvez ele o fizesse. E eu estaria perfeitamente bem com isso. Mas ele se endireitou, ajudando-me a levantar com ele. Os outros se reuniram ao nosso redor. Suspeitei que Hod não fosse o exibicionista que Loki gostava de ser.

O malandro nos deu um olhar divertido, mas havia uma nota séria em sua voz alegre. “O que foi isso, duende? Você viu algo mais que não vimos? Porque o que quer que tenha acontecido lá, o corvo obviamente não estava satisfeito com você.”

“Eu vi *ela*”, eu disse, escovando a poeira dos meus braços. Minhas pernas pareciam um pouco bambas, mas minha força de valquíria já estava me firmando, apesar dos vários hematomas que se formavam em meus membros. “Ela está aqui conosco. Ouvindo tudo o que dizemos.” Eu levantei meu queixo. "O que significa que ela pode chegar até nós, mas também deve significar que podemos chegar até ela."

05

Hod

Eu afastei-me dos escombros do salão desabado - um que na verdadeira Asgard tinha sido de Bragi, se meu mapa mental da cidade não tivesse me falhado - e quase tropeçei em um pedaço de pedra. Eu corri em direção ao acidente e o choro de Ari tão rapidamente que não tive tempo para traçar a configuração da terra com os sentidos que eu tinha à minha disposição. Agora era um labirinto de obstruções incertas. Foi um milagre que eu consegui chegar até ela sem cair no meu rosto em primeiro lugar.

A mão de Ari pegou a minha, embora eu já tivesse encontrado meu equilíbrio. Eu não poderia dizer que me importava com o calor de seus dedos se enroscando nos meus, mas, ao mesmo tempo, o motivo pelo qual ela me procurou me enviou uma vergonha.

Nós éramos os deuses aqui. Deveríamos protegê-la, não o contrário.

Eu deveria pelo menos conseguir ficar de pé sem a ajuda dela.

Apertei sua mão, deixando-me deleitar por alguns momentos na força suave de seu aperto, e me soltei. Não sem uma pontada de perda, mesmo que ela ainda estivesse ao meu lado.

Havia algo se desenvolvendo entre nós, algo que não tivemos muita chance de falar sobre o que aconteceu com a

batalha com os elfos negros e agora isso. Eu não tinha certeza se gostaria de dizer a ela o quanto eu esperava que *pudesse* ser ainda. Ela ficou feliz por um tempo comigo, quando nos sentamos juntos e nos beijamos enquanto ela se preparava para deixar seu irmão para trás. Ela merecia ser feliz. Eu nunca quis que nada que sentisse se transformasse em outro fardo para ela.

"Hmm", Loki estava dizendo. Eu endureci automaticamente com a brincadeira em seu tom. Você nunca sabia que esquemas o trapaceiro iria inventar quando ele começa a soar assim. Suas roupas farfalharam quando ele se virou. "Acho que gostaria de dar uma olhada no local da nossa ponte perdida."

"O que, você acha *que* vai convocá-la agora?" Eu disse, testando meus pés contra o chão. Outro pedaço de pedra estava à minha esquerda. Seixos se espalharam sob a sola do meu sapato direito. “Mesmo que esta não seja a verdadeira Asgard, duvido que Muninn vá deixar você interpretar o Poderoso Chefão.” Por mais que Loki provavelmente gostasse de dominar esse papel sobre todos nós.

"Eu posso ter um plano", ele disse à sua maneira astuta. Não nos dizendo qual *era* esse plano, é claro. Isso estragaria sua versão bizarra de diversão. "Vamos. Todos nós queremos estar prontos se funcionar.”

Pés rasparam no chão enquanto os outros se moviam para segui-lo. Meu corpo empalideceu. “Ari viu o corvo *aqui*. Você não acha que devemos investigar esse avistamento primeiro?”

"Eu não tenho certeza de que você é a melhor pessoa para tomar decisões com base na visão, querido sobrinho", Loki chamou o que parecia ser por cima do ombro.

Meus dentes cerraram. Antes que eu pudesse responder outra vez, Ari se inclinou para mais perto de mim, um calor e um cheiro do seu aroma doce e afiado. "Vamos ver o que ele tem em mente", disse ela. – “Duvido que Muninn tenha ficado por aqui depois que ela jogou aquela parede em mim de qualquer maneira. Sei que você e Loki não se dão muito bem, mas pelas histórias que continuo ouvindo, parece que ele é muito bom em descobrir o caminho para sair de situações difíceis.”

"Ele é, quando combina com ele", murmurei, mas comecei a me mover. Depois de alguns passos, bati meu dedo em outra pedra errante e estremeci.

"Você quer que eu..." Ari começou.

"Não", eu disse rapidamente, antes que ela pudesse se oferecer como guia. Eu vivia em Asgard por séculos e séculos, mesmo que já tivesse passado algum tempo desde que voltei para lá. Eu não seria levado por esse fraco substituto da minha casa como um inválido.

Convoquei uma faixa de sombra para mim, formando-a em um comprimento fino e estreito em minhas mãos. Como uma bengala. Ainda não é o ideal, ainda não é como eu queria que a nossa valquíria me visse - esse lembrete do que me faltava - mas pelo menos me permitiria evitar mais obstáculos que Muninn jogou em nosso caminho sem ajuda.

Os passos dos outros já se afastaram de nós. Passei a bengala de sombras pelo chão enquanto caminhava atrás deles, contornando os escombros que pegava. A brisa estava

lavando a poeira do colapso, deixando apenas o cheiro fresco de prado que era muito parecido com o meu verdadeiro lar.

Porque o corvo o roubou das minhas memórias de casa, é claro.

"Então, você pode ver mais do que os outros?" Eu disse a Ari, ainda um sussurro quente de tecido ao meu lado. "Passando a construção de Muninn?"

"Só um pouco até agora, aqui e ali", disse ela. “Quando ela está distraída, talvez? Ainda não descobri um padrão definido, mas era o que estava tentando fazer lá atrás. Para quebrar o foco dela e ver se eu poderia ter outro vislumbre.”

"Não ignore seus outros sentidos, então", eu disse. “Ouça, cheire, prove, toque... Ela está usando todos eles para construir este lugar, mas isso significa que todos os aspectos podem falhar. Precisamos de todas as pistas que podemos obter.

"Você está certo. Eu nem estava pensando nisso.” Ela fez uma pausa. “Você cheirou algo que é meio cinza? Ou é algo que você esperaria cheirar por aqui que talvez os outros estivessem lembrando?”

Cinzas em Asgard? "Às vezes pode haver um pouco de cheiro de fumaça de madeira no ar das lareiras", eu disse. "Mas não frequentemente enquanto estava quente assim."

Ela afastou os cabelos do rosto com um farfalhar daquelas ondas suaves. “Não é fumaça de madeira. Há algo um pouco mais... químico nisso. Por isso não pareceu se encaixar. Mas só notei uma vez e depois desapareceu. Não sei se isso significa alguma coisa.”

"Vamos ter que ter isso em mente", eu disse. "A menos que o grande Loki já tenha resolvido todos os nossos problemas e estamos prestes a sair daqui."

"Você nunca sabe", disse Ari, mas seu tom era provocador. Ela ficou em silêncio por um momento, seus sapatos batendo nas pedras lisas de mármore. "Vocês dois só dão nos nervos um do outro, ou há um monte de história que eu não conheço lá?"

"História", eu disse. “Muito disso.” Não havia nada em que eu quisesse pensar, mesmo que estivesse pairando sobre mim a cada segundo que passávamos neste lugar. Normalmente Asgard não me fazia pensar naqueles tempos, a menos que eu deixasse minha mente ir para lá, mas com a cidade transformada em prisão, era difícil evitar as associações mais negativas.

"Mais tragédias que você não quer compartilhar comigo ainda?" Ari cutucou. Ela manteve a voz suave, mas não conseguiu disfarçar completamente a nota de decepção. Ela acabou compartilhando muito de sua dolorosa história comigo na última semana. As coisas pelas quais ela passou... Estremeci ao lembrar dos pequenos detalhes que ela havia oferecido. Foi fácil o suficiente preencher os espaços em branco.

Eu gostaria de poder mostrar a ela a mesma vulnerabilidade, por sua vez, mas não fui a única vítima na minha história. As partes que fecharam minha garganta e pesaram minha língua estavam cheias de culpa.

Ela falaria comigo assim?Me tocaria como havia feito um momento atrás, se soubesse a história toda? Eu não tinha certeza de que isso me lançou uma luz muito melhor do que Loki. Eu preferiria se nunca tivesse que descobrir.

"É longo e complicado", eu disse. “E eu não acho que entrar nisso seria muito produtivo para sair daqui. É difícil não ser lembrado.”

“Bem, eu não sei o que aconteceu, mas você ficou com ele por tanto tempo. Talvez você possa dar uma folga a Loki pelo menos até sairmos daqui?” Ela bateu o cotovelo suavemente contra o meu.

Era difícil argumentar com isso. Não que eu quisesse passar todos os meus dias desde Ragnarok com o Trapaceiro por perto, mas ele e o Grande Pai tinham um vínculo aparentemente inabalável que eu nunca havia entendido, e Thor o considerava um parceiro ideal para aventurar-se mais do que um aborrecimento na época, então, ao nos aproximarmos, Baldur e eu também nos apaixonamos por Loki.

Se ele era tão astuto, tão esperto, por que o malandro não percebeu *esse* truque antes de nos prender? Eu gostaria de ouvi-lo explicar isso.

Mas, como Ari havia me pedido, eu segurei minha língua quando nos juntamos aos outros, onde eles pararam no outro extremo do pátio, onde a ponte do arco-íris havia nos colocado. Eu poderia nunca ter visto as cores brilhantes que outros descreveram para mim no passado, mas quando estava aqui, sua magia emitia uma fraca vibração, deixando um sabor de seiva açucarada no ar. Eu não discerni nada disso agora. A ponte desapareceu no momento em que pisamos nela com o falso Odin.

Senti a presença de Baldur perto de mim, como o calor da luz do sol na pele. Eu me aproximei um pouco. Meu irmão gêmeo tinha pelo menos tantas lembranças horríveis que poderiam ser desenterradas aqui como eu, e nelas ele era

definitivamente uma vítima. Ele havia se retirado tão longe para aquele estado de sonho pacífico desde que voltamos atrás de Ragnarok, como se morar naquela névoa fosse a única coisa que lhe permitisse manter a harmonia que sempre perseguia. Quanto tempo ele poderia segurá-lo aqui, empurrado tão longe de sua zona de conforto?

"Como você está?", Perguntei a ele em voz baixa.

"Bem," ele disse serenamente, mas eu pensei ter ouvido uma ligeira rigidez em sua voz que normalmente não estava lá. "Espero que qualquer experimento que o trapaceiro tenha pensado, nos leve a algum lugar."

À nossa frente, Loki bateu palmas. "Oh, Muninn!" Ele gritou com uma voz cantada. “Você pode me ouvir, não pode? Nosso pequeno voyeur corvo. Faça uma pequena viagem comigo, sim?”

O que em nome de Hel estava tramando o Trapaceiro? Eu me mexi, bebendo no ar, absorvendo os sons do falso reino ao nosso redor.

A voz de Loki continuou, em um ritmo constante, quase hipnotizante. “Pense em todos aqueles momentos em que você cruzou a Bifrost com Odin. Empoleirada em seu ombro coberto ou voando no ar ao lado dele. Seus pés batendo naquela superfície cintilante. As cores ardendo embaixo de você, vermelho, amarelo e azul e tudo mais. As nuvens se abrindo na névoa que fazia cócegas nas suas penas. A expansão verde das terras de Midgard se espalhando à sua frente.”

Um tremor passou por minha pele. Minha respiração ficou presa. Ele estava tentando tirar a memória *dela*, convencê-la a adicionar uma saída para a nossa prisão,

fazendo-a focar na ponte. E estava funcionando. O ar vibrou com mais força, um eco da magia da ponte do arco-íris. Estava começando a se formar diante dos olhos dos outros agora? Ari se mexeu ao meu lado como se estivesse antecipando.

“Talvez Heimdall estivesse lá para lhe oferecer um aceno e algumas palavras naquela voz grave, naquela torre de vigia dele pronta à beira de Asgard”, continuou Loki. "Ou talvez fosse apenas você e seu parceiro em vôo e seu mestre, escalando aquele arco brilhante e-"

O tremor de magia se afastou em um instante, como uma porta se fechando. Um vento forte soprava em nós, fazendo-nos tropeçar. Ele girou e me arrancou do chão.

"Não!" Eu gritei, mas o vento também comeu minhas palavras. Ele me arremessou no espaço que eu não conseguia sentir além do chicote de ar contra a minha pele e roupas e me jogou no chão frio e duro. Tão rapidamente como o vento subiu, ele se afastou, me deixando em silêncio.

Silêncio total. Nem uma voz, nem uma respiração, nem um farfalhar de roupas, exceto a minha. Engoli em seco, o som dessa ação enorme nos meus ouvidos. “Ari? Baldur? Thor?”

Minha voz soou sem resposta. Onde quer que o corvo tivesse me jogado, estava longe dos outros.

Uma ponta de medo gelado atravessou meu intestino. Se ela fez isso comigo, o que ela fez com meu irmão gêmeo? Para a nossa valquíria?

06

Aria

O mundo girou ao meu redor, o chão tombando. As lajes de mármore do chão voaram entre mim e meus companheiros. Eu tentei me jogar em um espaço entre eles, e uma explosão de vento me empurrou de volta.

Inclinei a cabeça e me joguei no chão... que não era mais o chão. Minhas mãos pressionaram contra tábuas de madeira de grão fino quando me empurrei na vertical. Meu coração deu um pulo.

O pátio em que estávamos, o brilho da ponte começando a se formar, os deuses e deusas com quem eu estava - todos se foram. Mas o lugar em que eu me encontrei não era exatamente novo. Era o único lugar em Asgard que eu já conhecia antes de hoje.

As paredes douradas e alinhadas de Valhalla se ergueram ao meu redor. Um banco vazio estava em uma mesa grossa de carvalho, a poucos metros de onde eu estava sentada. O teto alto brilhava no alto. O cheiro enjoativo de álcool e almíscar másculo fez cócegas no meu nariz.

Eu me arrastei de pé. O chão de madeira bateu embaixo deles enquanto eu corria para a porta lateral mais próxima entre as espadas e lanças montadas. Segurei a maçaneta e a puxei, mas não se mexeu.

Merda. Eu fui para a próxima e depois para a porta larga no extremo oposto da sala do trono de Odin. Quando

cheguei, minhas mãos estavam doendo de tanto puxar. Eu ainda dei um bom puxão nessa.

Não se moveu uma polegada. O empurrão com meu ombro também não o moveu. Eu olhei para ele, esfregando a lateral do meu braço.

Muninn tinha me trancado aqui, longe dos deuses. O que ela fez com eles? E por que ela me colocou aqui?

Não, eu não precisava perguntar isso. Ela me jogou no lugar que eu tinha as memórias mais claras, para que ela pudesse construir sua construção em uma base estável. Melhor para me prender. Ela não queria que houvesse nenhuma chance que eu veria através dessa ilusão para ela ou onde quer que estivéssemos realmente.

Vozes ecoaram atrás de mim. Eu me virei. Ao me ver, eu me afastei, me apoiando contra a porta com um soluço.

As mesas antes vazias estavam cheias de figuras. Homens de armadura de batalha, metal ou couro, músculos inchados enquanto pegavam canecas de hidromel ou arrancavam pedaços de carne dos assados, agora sentados em travessas entre eles. Ocuparam todos os bancos do longo corredor. Aqui um levantou sua caneca em um brinde. Outro jogou a cabeça para trás com uma gargalhada.

Eles não eram guerreiros modernos. De suas roupas, o tom avermelhado de muitas cabeças, as barbas grossas que a maioria usava, eu tinha que adivinhar que eram guerreiros viking desde os tempos antigos. Os trechos da conversa gritada que peguei estavam em um idioma que eu não conhecia. Eles pareciam estar se divertindo, no entanto. E o cheiro dos assados fez minha boca ficar com água.

Essa carne provavelmente se desintegraria em pó se *eu* tentasse comê-la, não? Esses homens também faziam parte da ilusão. Não pelas minhas lembranças, mas imaginei asgardianos aqui comigo. Muninn obviamente não teve nenhum problema em costurar construções de vArias fontes diferentes.

Uma figura em um vestido branco coberta com armadura de prata teceu entre duas das mesas perto de mim. Uma mulher. Meu olhar a seguiu, assustado. Seus longos cabelos loiros caíam por suas costas e seu rosto era suave com a juventude, mas os músculos se flexionavam em seus próprios braços enquanto ela entregava mais canecas aos guerreiros reunidos.

Havia outras como ela, mais mulheres de armadura, circulando pela sala. Algumas usavam capacetes de batalha e a maioria, notei, carregava espadas ou punhais amarrados aos cintos. Mulheres guerreiras.

Valquírias. Uma onda de entendimento me encheu. Essas eram as valquírias originais, as que Odin havia invocado há muito tempo. As que haviam voado para a batalha para colher as almas de homens dignos para trazê-los de volta para cá. Eu não tinha percebido que elas agiam como garçonetes entre esses tempos. Eu não podia dizer que estava arrependida por ter perdido essa parte do show.

Eu me aproximei delas, tensa para recuar se alguma das pessoas conjuradas mostrasse algum sinal de agressão. Mas elas continuaram comendo, bebendo e servindo as mesas como se eu não estivesse lá. Gradualmente, meus ombros caíram. Andei pelos corredores, olhando por cima dos rostos, tentando ignorar a dor crescente no meu estômago.

Por que Muninn construiu todos eles? Eles não estavam tentando me machucar. Ela poderia ter me deixado neste lugar sozinha se ela apenas quisesse me aprisionar. Eu não entendi. Mas então, a mulher corvo sempre pareceu muito excêntrica. Talvez isso fosse para o entretenimento dela.

Uma risada baixa e rolante saiu da cabeceira da sala e meus pés congelaram no lugar. Muninn conjurou mais uma figura. Um homem alto, de ombros largos, com uma capa de viagem e uma barba castanha manchada de prata, um olho perdido por trás de uma cicatriz, estava recostado no trono que eu nunca tinha visto ocupado antes.

Odin. Eu o imaginei lá quando cheguei a Valhalla sozinha, uma imagem desenhada por instinto. Eu pensei que estava atravessando a ponte com ele apenas algumas horas atrás. Mas isso... esse não era o verdadeiro Grande Pai, não mais do que esses guerreiros de verdade ao meu redor ou esta Valhalla, mas ele estava tão próximo do verdadeiro quanto eu tinha chegado. Não uma marionete ferida, como a que nos levou até aqui. Um reflexo vibrante do deus de sua vida real.

Eu me aproximei, esquivando-me de um guerreiro que recuou em seu banco enquanto ele batia na mesa com diversão. O único olho castanho claro de Odin percorreu a assembléia. Seus lábios estavam curvados em um sorriso que eu só poderia chamar de satisfeito.

Dois lobos esparramados no chão ao pé do trono. Não enormes monstruosos como os wargs, mas de tamanho regular, um cinza e um preto. Seus ouvidos continuavam animados, mas suas cabeças descansavam languidamente nas patas dianteiras. Os olhares deles também não se voltaram para mim quando passei pela última fila de mesas.

Um corvo empoleirado no ombro de Odin, sua cabeça balançando enquanto se inclinava perto de seu mestre. Muninn ou o outro corvo que Loki havia mencionado a ela – corvo do pensamento, ele disse? Eu não conseguia lembrar o nome daquele.

Se era Muninn, era a verdadeira? Incorporando-se a este quadro enquanto ela me espionava?

Minhas pernas hesitaram por um segundo. Depois, subi ao trono e passei a mão no ombro de Odin.

Meus dedos colidiram com um corpo emplumado. O corvo gritou indignado quando eu o bati para frente. Com um plissado de penas, saltou de volta ao seu poleiro. Odin não se mexeu com a contemplação de seus guerreiros.

Tudo parte da ilusão, então. Eu fiz uma careta, seguindo o olhar de Odin sobre o corredor lotado. Ok, eu tinha conseguido ver a festa. Agora, como diabos eu ia sair daqui?

De alguma forma, a multidão de grandes guerreiros parecia diferente daqui. Seus rostos pareciam mais sombrios. Antes de todas as vozes parecerem satisfeitas ou triunfantes.

Agora... Agora um grito de raiva chegou aos meus ouvidos. Em uma mesa próxima, um dos homens puxou o outro de pé pela frente da camisa. O segundo homem deu um soco no primeiro, o sangue tão forte jorrou do nariz do cara.

Em seu trono ao meu lado, Odin riu. O som rolou sobre mim, pondo os cabelos em meus braços em pé.

Lá, um cara musculoso tinha o rosto tão fundo na caneca que estava praticamente mergulhando de snorkel em seu hidromel. Quando ele levantou a cabeça, suas bochechas estavam vermelhas. Ele balançou um pouco em seu assento. Ele bateu a caneca contra a mesa e berrou com uma valquíria que passava para trazê-lo mais.

Um prato bateu no chão. Uma fila de guerreiros em um banco lutou um contra o outro enquanto eles brigavam sobre os pedaços mais seletos de carne em um ganso que acabava de ser trazido. Por aqui, um homem pegou uma espada na parede e a apontou para um de seus companheiros. Eles se esquivavam de um lado para o outro em uma dança de espadas, suas lâminas batendo juntas. Mas eles não estavam apenas brincando. Suas bocas torceram com hostilidade.

Até o ouro nas paredes parecia manchado agora, amassado aqui e ali por uma lâmina. Um guerreiro jogou outro contra a parede, e o prédio estremeceu. Alguns flocos dourados caíram do teto como neve cintilante.

"Bravo!" Odin chamou de seu trono. "Deixe o banquete continuar!" O conjunto de sua boca parecia desconfortavelmente como um sorriso agora.

Por que a cena mudou? Será que realmente era assim que Valhalla era naquela época? Não combinava com o que os outros deuses me disseram. Por que as valquírias teriam trazido de volta idiotas em vez de honrosos guerreiros? Por que Odin os animou quando brigaram? Qual seria o sentido de Valhalla se fosse assim?

Fiz uma pausa, olhando para os ombros de Odin novamente. Corvo de um lado único o outro nu.

Talvez essas não fossem lembranças de nenhum dos deuses. Muninn teria passado muito tempo neste salão com Odin, não é? Seria em suas memórias que era menos provável que ela se visse lá do que apenas o que tinha visto ao seu redor.

E, aparentemente, o que ela viu parecia um bando de bêbados travando pequenas guerras um contra o outro, com Odin incitando-os. Ela claramente não era fã de Odin atualmente. Poderia ser que suas memórias tivessem sido distorcidas. Seja qual for o caso, ela queria mostrar isso para mim. Para me dar o lado dela da história? Isso deveria me convencer de que nos lançar nessa prisão era justificado?

"Você está tentando me provar que Odin merece o que você está fazendo com ele?" Eu liguei em direção às vigas. “É um pouco difícil assumir que sua opinião é imparcial. E ele deixou todas essas pessoas irem, não foi? Ele enviou os guerreiros e as valquírias para terminar suas vidas... depois da vida... como quisessem. Mesmo que você não goste de como ele administrava o corredor, ele parou.”

Sem resposta. Nem mesmo uma dica de que ela me ouviu.

Os homens que brigavam pela parede se viraram. O maior empurrou o mais esguio na parede novamente. Mais flocos de ouro caíram. Eu segui o caminho deles para trás, através do ar em direção ao teto em arco. Uma lasca de luz do sol brilhava através da palha de ouro.

Uma ideia surgiu no fundo da minha mente. Loki tinha conseguido mudar os pensamentos de Muninn o suficiente para fazê-la imaginar a ponte do arco-íris, criando-a parcialmente, e isso era algo que ela não estava pensando em pensar. Se eu pudesse trabalhar com as impressões que

ela já estava me dando, talvez eu pudesse enganá-la a me dar o que eu precisava.

Flexionei meus ombros, pressionando minhas asas de valquíria pelas minhas costas. Elas se espalham de cada lado de mim, pesadas e sólidas. Bati-as para levantar a poucos metros do chão.

"Eu entendi a foto", eu disse, lançando minha voz sobre o barulho da multidão. “Valhalla era um lugar de merda. Os guerreiros eram idiotas. Odin era um idiota maior. O ouro estava embotando. O hidromel azedo. O teto começa a desmoronar.”

Subi um pouco mais, deslizando sobre os guerreiros. Mais deles estavam brigando agora, este jogando hidromel no rosto daquele, outro subindo na mesa para chutar a cabeça do vizinho. Muito legal pessoal. Mantendo-o elegante. Eu conhecia bandidos na minha primeira vida cuja companhia eu preferiria.

Ou eles estavam apenas respondendo aos pensamentos de Muninn quando ela respondeu ao que eu estava dizendo?

"Essas armas parecem prontas para cair das paredes", eu disse. “Só estou esperando um daqueles bancos se abrirem. Odin provavelmente riria disso, certo? Pelo menos até aquele belo trono dele tombar. Ou o teto cairá sobre sua cabeça? É muito vacilante. Mal segurando junto. Ele tem sorte de ainda não ter desabado.”

Enquanto eu dizia as últimas palavras, subi em direção ao teto com algumas batidas rápidas de minhas asas, o mais rápido que elas podiam me carregar. No último segundo, eu me virei e apontei minhas pernas para as camadas de palha dourada com um chute enorme.

Meus pés atravessaram o teto, tão frágeis na mente de Muninn. Bati minhas asas e subi pelo buraco que fiz, em direção à liberdade do céu azul brilhante com uma rajada de ar fresco enchendo meus pulmões, e...

As paredes abaixo de mim tombaram completamente. Uma força me atingiu por trás. Eu girei, minha cabeça tonta e uma sensação vibrou levemente no meu peito. Do meu coração.

Um dos deuses que me fizeram - um deles estava perto. Se eu pudesse me apegar a esse sentimento, talvez eu pudesse...

Concentrei toda minha atenção naquele puxão pálido. Meu corpo virou de novo e eu caí para a frente na terra dura.

07

Aria

Eu pulei de volta, tensa e cautelosa, meus pés apoiados contra a terra. Eu tinha caído em um prado, a grama brotando aqui e ali do chão seco, com um salão quase tão grande quanto Valhalla na minha frente. Não há ouro neste, apenas pedra.

Ninguém mais estava por perto. Éramos apenas eu e a brisa quente e um aroma de flores de maçã de algum lugar próximo. Eu imaginei que não tinha conseguido chegar ao deus que eu sentia afinal. Para onde diabos Muninn tinha me enviado agora e por quê?

Vozes filtraram através da porta larga do corredor. Piadas e risadas - e um grito de dor. Minhas asas se abriram de onde haviam se dobrado contra as minhas costas na minha queda. Antes que eu pudesse dar um passo em direção ao corredor, a porta se abriu com tanta força que bateu na parede de pedra ao lado da moldura.

Loki pulou para fora, seus cabelos voando para trás da testa em uma chama vermelha pálida, seus passos alongando-se quando seus sapatos de vôo o levantaram do chão. Oh. Eu imaginei que tinha encontrado o meu caminho na direção certa, afinal. Movi-me para correr atrás dele, e uma horda de figuras saiu do corredor.

Esses homens não eram guerreiros humanos como em Valhalla. Eles podem ser construções sem energia da vida

real para eu sentir, mas algo sobre a sua influência, o poder em seus movimentos, me disse que eles eram deuses.

Loki já estava superando eles. Então, uma forma prateada brilhante chicoteava seu meio e bateu em suas costas. Com uma maldição ofegante, ele caiu no chão.

A forma prateada voou de volta para o corredor. Eu congelei por um segundo, olhando. Esse tinha sido *o* martelo *de Thor*? Por que ele estaria atacando Loki? Ou era exatamente isso que Muninn queria que eu pensasse?

A massa de outros deuses desceu sobre o malandro caído. "Você não vai sair disso, Trapaceiro", rosnou um homem moreno. Outro puxou os braços de Loki atrás das costas em um ângulo que fez Loki estremecer. Os olhos dele brilharam. Ele conseguiu chutar um deus no intestino e outro na virilha antes que um deles levantasse suas pernas também.

"Muninn!" Loki murmurou. “Uma vez já foi o suficiente. Quando eu colocar minhas mãos em você, vou torcer o pescoço de penas até...”

Outro deus enfiou a mão carnuda na boca do malandro. Eles o arrastaram em direção ao corredor.

Não. Meu corpo entrou em ação. Eu pulei no ar, jogando-me no mais próximo dos deuses atormentando o Loki. “Deixe-o ir, seus idiotas! Deixe-o *ir* !”

Meu cotovelo cutucou o deus nos olhos enquanto eu apertava suas costelas. Ele grunhiu, seu aperto afrouxando. Eu me virei para enfrentar o deus ao lado dele, e um punho enorme se conectou à minha têmpora.

Eu já havia enfrentado uma força divina antes, nos momentos em que Thor e eu brigamos enquanto ele estava me ensinando a usar a força e a velocidade que ele me dera. Mas ele estava segurando na época, realmente não tentando me machucar. Uma valquíria não era páreo para um deus. E este não se conteve.

Dor lascou meu crânio. Recuei para trás, minhas asas tremendo e caí em uma pilha sobre minhas mãos e joelhos. Minha visão gaguejou quando eu pisquei. Empurrei-me de volta aos meus pés, em direção à multidão. Eles eram apenas construções. Eu deveria ser capaz de detê-los. Eu não podia simplesmente sentar aqui enquanto eles manejavam Loki.

Minha cabeça ainda estava latejando. Eu cambaleei antes de encontrar meu equilíbrio. “ *Ari.* "

Minhas pernas travaram com a urgência na voz irregular de Loki. Meu olhar encontrou o dele através da multidão de deuses ao seu redor. Sua boca estava livre, mas eles seguravam seus braços e pernas com tanta força quanto antes. Ele ficou mole ao alcance de seus atacantes. O brilho em seus olhos tinha fervido até uma chama que enviou uma sensação de torção através do meu intestino.

Normalmente, eu não conseguia usar a sensibilidade às emoções que Baldur havia me dado tão bem nos deuses, mas agora eu mal precisava ler a expressão do malandro. Ainda havia raiva, mas também resignação... e vergonha.

"Deixe isso", ele disse. “Eles terminarão comigo em breve. Você pode manter seu canivete pronto, no entanto.”

Os deuses voltaram para o corredor, carregando-o entre eles. Ele ficou em silêncio em suas mãos enquanto eles empurravam para dentro. A porta bateu atrás deles.

Que diabos estava acontecendo? *Isso* era da lembrança de alguém - de Loki, eu teria que adivinhar? Ou Muninn estava juntando pedaços em um cenário horrível como o que ela fez com os wargs?

Ele queria que eu tivesse meu canivete pronto. Esfreguei o ponto sensível da minha têmpora, onde aquele deus havia me dado um soco e puxei a faca do meu bolso.

Mais caras - alguns que pareciam zangados e outros divertidos - atravessavam a porta do edifício. Eu mudei meu peso de um pé para o outro, debatendo se eu deveria carregar lá, apesar do que Loki havia dito. Ele não podia saber exatamente o que Muninn havia planejado mais do que eu. Embora eu não tivesse certeza de que havia qualquer situação da qual eu pudesse tirá-lo, se ele não pudesse. Apenas não parecia certo esperar simplesmente quaisquer coisas terríveis que estivessem fazendo com ele. Eles não pareciam querer apenas uma conversa educada.

Acabei de reunir minha determinação e segui em direção ao corredor quando a porta se abriu novamente. Loki saiu, uma onda de risadas divinas ecoando atrás dele. Eu me irritei, mas nenhum dos outros deuses apareceu na porta.

O malandro estava sombreando a boca com uma mão. Ele levantou a outra para mim com um movimento de seus dedos. Seus olhos ardentes não encontraram meu olhar.

"O que eu disse?” "O que eles fizeram com você? Você está bem?"

Ele não falou, apenas fez outro gesto de contração com os dedos. Certo, o canivete. Eu fiz uma careta quando o entreguei.

A mão de Loki mergulhou por apenas um instante quando ele se afastou de mim, e eu tive um vislumbre do que ele estava tentando esconder. Linhas negras grossas ziguezageavam em seus lábios apertados, perfurando a pele acima e abaixo com feridas rosadas e irritadas. Um som sufocado me escapou.

Loki empurrou a lâmina em seu rosto. Pedaços de um material preto que parecia couro choveram quando ele tossiu e cuspiu. Os fragmentos se desintegraram em pó quando atingiram o chão.

O malandro voltou-se para mim, esfregando a boca. Eu me preparei, mas quando ele abaixou o braço, seu rosto parecia o mesmo de sempre. Porque ele já se curou ou porque mudou suas feições para esconder as feridas? Eu o tinha visto transformar seu rosto no de uma mulher antes. Eu o tinha visto se transformar em um lobo. Ele claramente não gostou que eu o tivesse visto nesse estado.

Ele empurrou o canivete dobrado em minha direção. No segundo em que meus dedos se fecharam, ele começou a andar. "Vamos lá, vamos fugir deste lugar miserável."

Eu tive que andar rápido para acompanhá-lo. Nós contornamos o corredor e nos aventuramos em um trecho espesso de floresta, todos os pinheiros e bétulas, atrás dele. Contraí minhas asas para evitar os galhos.

Quando as árvores se fecharam entre nós e o corredor, o ritmo de Loki diminuiu. Ele ainda não tinha olhado diretamente para mim desde que saiu.

"O que foi tudo isso?" Eu disse calmamente. “Eles... Eles *costuraram* sua boca fechada. Muninn deve ter algum tipo de mente doentia para...”

"Não a culpe por essa parte", Loki interrompeu em um tom acentuadamente irreverente. “Além do papel dela em recriá-lo. Essas são memórias, duende, lembra? Você está recebendo uma introdução real ao mundo dos deuses.”

Meu estômago apertou. “Então isso realmente aconteceu. Eles realmente... Thor os ajudou, não ajudou? Esse foi o martelo que o impediu de fugir.”

"Todos nós fazemos coisas das quais não nos orgulhamos especialmente quando apanhados no fervor de uma multidão, hum?"

“Mas *por que*? Por que eles fariam isso com alguém? Isso é só...” Minhas mãos se fecharam ao meu lado com o desejo de voltar e esmurrar todos esses idiotas em pó. Claro, o que provavelmente aconteceria era que eu acabaria com as juntas muito doloridas e quem sabia o que mais.

Loki soltou uma risada cansada e parou. Ele se apoiou no tronco de um pinheiro e finalmente encontrou meus olhos, um pouco do brilho malicioso de sempre voltando. "Bem, você vê, eu fiz uma aposta."

"Você o que?"

Ele gesticulou vagamente em direção à cidade que havíamos deixado para trás. “Vi uma excelente oportunidade de ganhar para os deuses uma infinidade de armas. Alguns dos elfos das trevas são bastante habilidosos com suas forjas, você sabe. Eu tinha um conjunto de irmãos usando a grande lança de Odin e um navio para o irmão de Freya, Freyr, e depois apostei com um conjunto diferente de artesãos que eles não poderiam produzir melhor. E é claro que eles não resistiram a tentar. Um dos itens adoráveis que eles produziram foi o Mjolnir. ”

"Eu realmente não vejo como trazer para os deuses um monte de presentes acabaria com eles atacando você", eu disse.

Os lábios de Loki se curvaram em um sorriso. "Bem, a aposta era pela minha cabeça, se eu perdesse."

Minhas sobrancelhas se levantaram. "Sua *cabeça*?" Eu estava começando a entender todos os comentários que os outros fizeram sobre o trapaceiro se metendo em tantos problemas quanto ele.

"Tinha que ser algo que eles não achavam que poderiam chegar a outro lugar", disse ele, bruscamente. “Eu achava que os deuses iria decidir a meu favor, considerando o enorme favor que eu tinha feito , mas, bem... O problema para os elfos negros era, eu não tinha colocado o meu pescoço em oferta, e não havia nenhuma maneira para Brokk tomar minha cabeça sem danificar isso. Então, no final, ele decidiu o pagamento que você viu.” Ele apontou os dedos em direção à boca.

A história ainda não estava certa para mim. Estudei sua expressão, que era tão casual agora. “Por que os deuses não teriam decidido por você? Por que eles teriam ajudado o elfo negro a fazer isso em vez de deixá-lo escapar, se pudesse? Eles pareciam...

Eles pareciam quase como se estivessem *gostando de* levá-lo para o seu destino.”

Loki deu de ombros. "Você se lembra onde estamos, e o que eu lhe disse que não sou, não é?"

"Você não é exatamente um deus porque não era originalmente de Asgard", eu disse. “Tecnicamente você é um

gigante. Mas você é o irmão de sangue de Odin. Você morou aqui com o resto dos deuses - quanto tempo?”

Seu olhar se afastou de mim novamente, com uma pitada de melancolia que ele não conseguia disfarçar. “Não importa quanto tempo. Os Aesir têm ideias muito particulares sobre gigantes.”

"Então, eles não gostam de você só porque você não é um deles." Minha mente voltou para as provocações do pátio da escola, pequenas brigas nos corredores, com crianças que zombavam dos buracos e manchas nas minhas roupas, meus cabelos cortados sem corte, antes que eu tivesse os meios para pelo menos me fazer parecer como se eu me encaixasse. Como se aquela pequena agonia fosse alguma coisa comparada ao tormento que acabei de testemunhar. Eu sabia o sabor disso, no entanto. Eu sabia o quão profunda a injustiça disso poderia doer.

"Essa é a essência", Loki concordou. “Os deuses e os gigantes estiveram na garganta um do outro. Também não tenho muito amor pelas pessoas do meu nascimento, devo admitir. Na maioria das vezes, eles são um grupo violento de agressores, que é melhor deixar em sua própria brutalidade. ”

"Mas *você* não *é* um bruto violento", eu disse. "Qualquer pessoa com meio cérebro pode ver isso."

“Obrigado por dizer isso. Mas o preconceito nem sempre é tão facilmente descartado, agora é? E... bem, digamos que eles têm muitas outras razões para nem sempre se sentirem totalmente amigáveis comigo. É uma situação complicada. ”

Foi o que Hod também disse. Mas Hod não fez segredo de que ele culpava muitas dessas complicações por Loki. Eu

nunca tinha ouvido Loki criticar nenhum dos deuses por nome que não fosse provocador. Quanto foram justificadas todas essas queixas sobre Hod, e quanto foi simples preconceito?

Meu queixo apertado, um tremor de raiva correndo por mim. Loki chamou minha atenção e riu.

“Você parece tão feroz em meu nome. Não há necessidade de me vingar, duende. Já faz muito tempo agora.”

Hod estava brigando com ele esta manhã. Freya fez seus comentários...

Minha garganta se apertou.

"É?", Perguntei.

Algo novo iluminou o olhar de Loki quando ele olhou para mim, brilhante, mas profundo por trás daqueles olhos âmbar. Ele se afastou da árvore. Sua mão veio à minha bochecha quando ele se inclinou para me beijar.

Não era como os beijos que havíamos compartilhado antes, aquele fogo instantâneo de chamas. Sua boca se moveu suavemente contra a minha, como se estivéssemos acendendo um fogo entre nós pouco a pouco, incitando-o desde a primeira faísca. Como se ele *precisasse da* minha presença, meu toque, para dar vida a essa chama. Uma onda de desejo encheu meu peito, e eu o beijei de volta com mais força.

Com um ruído faminto, ele passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para mais perto. Agarrei seu pescoço, meus dedos emaranhados nos fios de seda que

caíam lá. A luz parecia brilhar nas bordas das minhas pálpebras.

Deve ser assim que seria ficar no centro quente de um incêndio, como o olho de uma tempestade, envolto em brilho e calor, mas não queimado.

O malandro recuou mais cedo do que eu queria, sua cabeça inclinada sobre a minha. Meu coração disparou. "Loki..."

"Eu sei", disse ele com um sorriso, e se endireitou. “Sem compromissos, sem proclamações. Existem simplesmente momentos em que não posso resistir a você.”

Eu não gostei da impressão que tive de que ele havia se retirado de mim. Essas palavras não eram o que eu ia dizer. Mas eu não tinha ideia do que eu *queria* dizer a ele, então eu calei minha boca. E abri novamente. Quando molhei meus lábios, o sabor doce e picante dele permaneceu na minha língua.

"O que fazemos agora?" Eu me fiz dizer. "Acho que devemos procurar os outros?"

"Ou uma saída", disse Loki. "E não parece haver uma aqui." Seu sorriso ficou afiado. "Vamos ver o que mais o corvo tem reservado para nós nesta grande aventura."

08

Loki

"Muninn realmente fez um excelente trabalho com este lugar ", eu disse enquanto caminhávamos pela floresta que fazia fronteira com a cidade de nossa falsa Asgard. “Suponho que não é surpreendente, já que ela tinha tantas memórias extensivas para trabalhar. Ainda assim, por mais que eu queira esmagar essa construção no chão e acabar com ela, tenho que lhe dar pontos por habilidade. ”

Ari emitiu um som sem compromisso. Ela desenhou em suas asas, mas a tensão mostrou em suas costas e ombros. Ela estava preparada para sacá-las no momento em que sentiu que precisávamos fugir. Algumas semanas atrás, ela as segurava como se fossem um fardo e agora ela os confiava como qualquer outra parte dela.

Ela estava realmente subindo ao seu papel de valquíria. A valquíria que eu escolhi. Mesmo através do turbilhão de emoções que eu estava tentando sufocar, eu podia sentir um flash de orgulho por isso.

"Então, é assim mesmo que Asgard é?", Ela disse. "Além de pequenos detalhes que mudaram desde as memórias que Muninn está usando?"

Eu puxei uma respiração do ar de pinheiro, quente, mas com um fio de frescor de outono. O corvo não estava se preocupando muito em manter suas estações consistentes. O farfalhar das agulhas secas sob nossos pés, a inclinação do sol entre as árvores - tudo sobre a ilusão parecia

verdadeiro. Eu poderia ter feito esse passeio centenas de vezes.

"Se eu não tivesse visto tudo o que já vi, acreditaria que *era* Asgard", eu disse. “Quando chegarmos à coisa real, você achará muito familiar. Mas, felizmente, com emergências muito menos repentinas de eventos horríveis do passado.” Eu pisquei para ela, como se estivesse brincando. Como se eu ainda não pudesse sentir o ferrão daquela corda de couro em volta dos meus lábios e o golpe mais nítido de toda aquela risada divina enquanto Brokk a costurava.

"E eu acho que os outros deuses não estão por perto?" Ela disse. "Você disse antes que não os via há muito tempo."

Eu assenti. “O mundo seguiu em frente sem nós, e alguns de nós agüentaram mais do que outros. Muitos dos deuses menores simplesmente escaparam. Talvez tenham encontrado uma cabana adorável em uma praia tropical e estejam vivendo uma vida de relaxamento. Outros iniciaram qualquer missão que pudessem inventar e nunca mais retornaram. Muitos Vanir voltaram para sua casa original - Freyr ainda pode estar lá. Eu não faço uma ligação há anos. Não é provável que ele comemore uma visita minha.”

Eu sorri para Ari, mas ela me encarou com aqueles malditos olhos cinzentos que eu estava aprendendo a ler, não sentia muita falta deles estreitados em mim.

Eles não deveriam me olhar assim, com os talentos que lhe demos quando a trouxemos de volta dos mortos sob o disfarce de uma valquíria. Mas seus instintos afiados nas ruas claramente levaram essas habilidades básicas a um nível mais alto do que as três mulheres que enviamos em busca de Odin antes dela.

Claro, foi por isso que ela sobreviveu e eles, tanto quanto sabíamos.

"Bem, boa viagem para eles, se o resto deles fosse assim." Ela fez um gesto em direção ao corredor que havíamos deixado para trás. Uma pontada quente de vergonha percorreu minhas costas com a lembrança da cena que ela testemunhou antes da costura. Não é o meu momento mais impressionante, sendo arrastado por essas loucuras. Eu gostaria de torcer o pescoço de Muninn apenas por deixar Ari ali naquele momento.

Nossa valquíria não havia hesitado, no entanto. Pelo menos vinte deuses ao meu redor, e Ari se lançou neles como se quisesse levá-los todos de uma só vez, apenas para me libertar. Isso a incomodou tanto, vendo a maneira como eles estavam me machucando, que ela arriscou sua vida tentando impedi-los.

Literalmente arriscou sua vida, porque ilusões ou não, eu tinha visto o quão forte aquele soco a atingiu. Norns só sabia o que Muninn poderia ter permitido que suas criações fizessem à nossa valquíria se ela continuasse a luta. Toda a briga *que eu* tinha em mim se esvaiu naquele momento, vendo-a desmoronar no chão no segundos antes de se mover novamente.

Alguns minutos de agonia envergonhada enquanto o maldito elfo escuro costurava meus lábios era uma troca fácil para mantê-la segura. Eu já havia suportado o temperamento indisciplinado dos deuses várias vezes. Ela não deveria ter que sofrer no meu lugar.

"Eles tiveram seus momentos, mesmo os que eu não ligo muito", eu disse. "Encontrei minhas maneiras de me dar bem com eles."

"Eu acho que deve ter havido algo que você gostou neste lugar se você ficou aqui, mesmo quando eles o trataram assim, em vez de ir para casa."

"Boa comida, acomodações confortáveis, um clima temperado - o que não é amor." Eu balancei minha cabeça com um sorriso confuso. Ela não sabia do que estava falando quando chamou o reino dos gigantes de minha *casa* . "Você deve se lembrar que minha alternativa era uma terra bastante árida, cheia de idiotas agressivos, cujo passatempo preferido era encontrar a cabeça de alguém com quem eles pudessem se meter. Como você pode imaginar, eu também não me dei muito bem com meus vizinhos".

"Não, acho que não", ela murmurou e chutou um galho caído. "Eu simplesmente não posso ... Até *Thor* estava pronto para machucá-lo."

Ela ainda estava presa nessa memória, não estava? Eu achava que era mais fácil colocar isso de lado quando eu tinha tantas para competir com essa.

"Nenhum deles pretendia causar danos permanentes", eu disse, deixando minha voz cair em um tom tranquilizador. “Eles estavam simplesmente certificando-se de que eu cumprisse minha aposta.” Mesmo se tivesse sido a culpa deles, eu a perdi em primeiro lugar. Odin havia feito o julgamento final. “E Thor não me conhecia há tanto tempo naquele tempo. Depois que partimos em algumas missões próprias, enfrentamos monstros, reis gigantes e vestidos de noiva - agora essa é uma história que terei que compartilhar em detalhes em algum momento - desenvolvemos um camaradagem muito melhor. Você viu como estamos agora. Não há mal-estar lá.”

"Hod parece ter alguns", disse Ari calmamente.

A pontada de ansiedade que eu consegui enfiar no meu estômago estremeceu nos meus nervos novamente. Quanto menos falarmos sobre *isso,* melhor. Se Muninn já não tivesse acrescentado à sua agenda de horrores que nos infligiria, preferia que ficasse fora.

"E ele é bem-vindo", eu disse levemente. “Todo aquele olhar furioso o mantém ocupado. Espero que ele fique muito entediado se desistir. “

"Mas-"

"Ari." Parei e me virei para ela, colocando as mãos em seus ombros estreitos. Alguns fios de seu cabelo loiro escuro flutuavam sobre sua testa, e eu não pude resistir ao impulso de afastá-los de seus olhos. Talvez em parte por causa do calor que brilhou em seu olhar com o meu toque. Eu não podia imaginar me cansando de ver isso. Sua paixão era um presente em todas as suas formas.

"Você não precisa se preocupar comigo", eu disse. “Eu me cuido por mais tempo do que você pode imaginar. Fiquei feliz com o jeito que as coisas eram, exceto a ausência misteriosa de Odin, e estou ainda mais feliz agora que você se juntou a nós. O passado é apenas o passado, não importa o que Muninn tente entender.”

Ari estudou meu rosto como se estivesse tentando ler uma verdade mais profunda por trás das minhas palavras. Eu deixei apenas calor e bom humor aparecerem no sorriso. O resto não era dela para carregar de qualquer maneira.

Ela ficou na ponta dos pés, pressionando um beijo nos meus lábios que eu não tinha visto chegando. Um arrepio agradável passou pelo meu pulso quando me inclinei. Oh, sim, eu escolhi bem quando me concentrei nessa alma.

Eu provoquei minha língua ao longo da costura de sua boca, e seus lábios se separaram com um som ansioso. Nossas línguas se entrelaçaram calorosamente. Ela se inclinou para mim, suas pequenas curvas niveladas contra o meu peito. Eu poderia ter passado alguns momentos nessa pausa para descobrir que outros sons eu poderia incentivar dela com o roçar das minhas mãos e o movimento da minha língua, mas só então uma voz irritada, mas ainda elegante, viajou pelas árvores.

"Oh droga."

Eu levantei minha cabeça e Ari afundou nos calcanhares. "Acho que podemos ter descoberto nossa deusa desaparecida", eu disse.

Ari girou, a esperança iluminando seu rosto. Ela estava tão interessada em terminar com este lugar quanto eu. Que lembranças ela temia que Muninn conjurasse? Eu sabia que só tinha captado as dicas nela, ela as mantinha trancadas tão bem.

Corremos pela floresta para onde ela afinava na beira do pomar de Asgard. No meio das macieiras retorcidas, Freya estava andando. Seus cabelos dourados se espalharam para sombrear seu rosto enquanto ela olhava suas mãos. Sua boca estava torcida em um ângulo cheio.

"De novo", ela murmurou, e depois levantou a voz. "Raven, pare com isso *agora*!"

"Eu não acho que ela provavelmente ouça você", eu disse, andando devagar. "Se alguma coisa, ela está feliz que você esteja angustiada." Eu levantei minha cabeça, considerando suas mãos, que pareciam tão macias e magras como sempre. "Qual é exatamente o problema?"

"Não finja que você não pode vê-lo", Freya retrucou para mim. “Foi sua culpa da primeira vez. Estou murchando tudo de novo. Isso está me deixando velha.”

Eu arqueei uma sobrancelha, observando seu rosto perfeitamente jovem e ri. “Não, você não está, oh deusa da beleza. Ela está fazendo mais truques de memória em você. Você ainda é você mesma, como quando chegamos aqui. Ela não pode realmente mudar nossas próprias formas.”

"Mas..." Freya empurrou as mãos para frente, como se a distância lhe desse uma melhor perspectiva. A única linha em seu rosto adorável era o sulco no meio da testa. Muninn não conseguiu fazê-la parecer velha, mas ela fez a deusa parecer bastante ridícula. Eu não poderia dizer que me importava tanto com esse truque. "Ele está certo", disse Ari, passando por mim. Ela agarrou as mãos de Freya. “Eu prometo que você parece exatamente a mesma de quando eu te conheci. Não deixe o corvo mexer com sua cabeça.”

O aperto dos dedos de Ari contra os dela deve ter quebrado a ilusão. A deusa soltou um suspiro de alívio. Ela deu um tapinha no rosto, por sua vez. "Que truque miserável que foi."

Que mulher vaidosa estava diante de mim. Essa foi realmente a *pior* situação que ela já encontrou em sua longa vida? Eu gostaria de vê-la trocar por alguns das minhas.

"Então, essa foi a pior coisa que você pode imaginar, querida Freya", provoquei. "A lembrança mais horrível que Muninn conseguiu arrancar de sua mente foi quando você começou a envelhecer?"

Ela fez uma careta para mim. “Se bem me lembro, nenhum dos deuses ficou tão satisfeito com a situação. Não, tenho que agradecer a você.”

Ari olhou na minha direção. "Como você fez os deuses envelhecerem?"

Eu acenei minha mão. “Outra longa história. Era uma vez, exigimos as maçãs de uma árvore especial neste pomar para manter nossa juventude. Por um acidente total, a deusa que pegou aquelas maçãs foi sequestrada. Com um pouco de pensamento rápido e vôo, eu a recuperei e tudo estava bem.”

"Não tenho certeza de como a conduzir propositadamente além das paredes de Asgard foi um *acidente* ", disse Freya.

"Eu não poderia saber o que a águia queria com ela", protestei. "Talvez ele estivesse simplesmente querendo conversar."

Ari girou nos calcanhares, observando o pomar. "Você ainda precisa comer aquelas maçãs para impedir que você envelheça... e morra, eu acho?"

"Não, obrigado Asgard", eu disse. “Nosso renascimento após Ragnarok os removeu como uma necessidade. Como tenho certeza de que Freya gostou profundamente, para que ela nunca precise se preocupar com cabelos grisalhos ou rugas. ”

"Ah, cale a boca", disse Freya. "O pior: ficar chateado por perder a juventude ou se alegrar ao ver isso acontecer com os outros?"

A resposta irritou. Eu não tinha sido alegre. Era bom para a alma encontrar humor em circunstâncias terríveis, não que ela soubesse muito sobre isso. O *que* Odin viu nela para fazê-la sua segunda esposa, afinal? Ela tinha confundido seu cérebro com beleza e encantos superficiais?

"Eu estava muito ocupado arriscando minha vida resolvendo o problema para estar tendo muita alegria", eu disse com um rolar de olhos, mantendo o tom leve. “Não me lembro de você ter contribuído muito para o esforço, além de entregar o uso da sua capa de falcão. Suponho que todo o resto de sua energia foi necessária para lamentar sua beleza.”

A mandíbula de Freya se apertou. “Você deveria ter chorado também, eu acho. Sem essa beleza, como você seria capaz de propor tantos planos para me casar com essa criatura ou com aquela?”

“Oh, havia muitos rostos bonitos ao redor de Asgard. Suponho que poderia ter oferecido sua filha.”

Eu sabia que minha língua havia voado rápido demais da sombra que atravessava o rosto da deusa. Não que o tipo dela tenha demonstrado consideração pelos *meus* filhos.

Ela levantou a mão para apontar um dedo acusador para mim, e o chão tremeu com passos trovejantes. Eu me virei para ver ninguém menos que o próprio Thrym, uma vez rei dos gigantes, correndo em nossa direção através das árvores.

09

Aria

Todo o pomar tremia quando a figura maciça apareceu em nossa direção. Alto como Loki e quase tão musculoso quanto Thor, o enorme homem derrubou uma árvore com um golpe do braço abaulado e arrancou outra pelas raízes com um rugido. Pedaços de couro pendiam sobre seu corpo marcado. Uma coroa de ferro amassada estava ao acaso em seus cabelos castanhos.

"Oh, perfeito", disse Freya, voltando-se para o abrigo mais denso da floresta.

“Agora você trouxe o rei dos gigantes à vida. Exatamente o que precisávamos.”

Loki bufou. “*Eu o* trouxe à vida? Não me lembro de enviar convites.”

“Você mencionou todos os seus esquemas, todas as maneiras como me usou em suas apostas. Parece-me que a maior aposta foi contra ele. Onde você acha que o corvo da memória tirou *essa* ideia?”

“Ah, acredito que você foi quem começou a desabafar sobre meus planos e as várias apostas que posso garantir, que nunca iniciei. Bem, pelo menos não as que envolvem sua mão no casamento, tão requisitadas quanto essa benção.”

O gigante furioso arrancou outra árvore e a jogou em nossa direção. Eu me arrastei para trás e me escondi atrás

de um pinheiro. "Hum, vocês dois se importariam de resolver esse argumento mais tarde e lidar com o rei gigante que está olhando para nós querendo nos quebrar em pedaços agora?"

"Com prazer", disse Loki, tirando a adaga do cinto com um flash de luz metálica. “Eu tenho muita prática limpando as bagunças nas quais a deusa entra.” Ele sorriu para Freya.

“Que *eu entrei*?” Freya cuspiu. "Se eu tentasse contar o número de vezes que sua suposta inteligência nos colocou à beira do desastre..."

“Você não precisa. Continue contemplando sua beleza restaurada e eu assumirei o gigante.”

O gigante em questão se aproximou. Abri minhas asas, desligando o resto da conversa. Eu, pelo menos, faria algo para garantir que a última criação de Muninn não nos destruísse. Talvez o gigante não parecesse tão ameaçador para os deuses, mas eu com certeza não queria apenas sentar e esperar que ele tentasse me esmagar.

Eu saquei meu canivete e me joguei no ar. Os galhos arqueados ao redor tornavam difícil obter uma grande vantagem no ar. O gigante quase alcançara a floresta agora, um rastro de destruição espalhado pelo pomar atrás dele. Eu não poderia igualá-lo corpo a corpo, isso era óbvio. Mas se eu pudesse encontrar um ponto fraco como eu tinha no teto em Valhalla... Uma greve no lugar certo, e ele deveria cair em pó como os wargs, como os deuses que agarraram Loki teriam se eu tivesse entrado com força o suficiente.

Os olhos, talvez? Se eu pudesse chegar perto o suficiente do rosto dele para conseguir isso. O pensamento de entrar lá pronta para esfaquear aquela figura quase

humana da maneira mais cruel possível, fez meu estômago revirar.

Apenas uma construção a partir das memórias, lembrei a mim mesma. Como prática de alvo. Nada real. Nenhuma vida perdida.

Não que eu pudesse afirmar que minhas mãos estavam limpas de matar de verdade depois de todos os elfos negros que tivemos que massacrar abrindo caminho para o que pensávamos ser Odin. Essa ponte já havia sido atravessada.

Canivete pronto, deslizei para mais perto do gigante. Ele arrancou um galho enorme de uma das macieiras e o balançou na frente dele como um taco. Seus olhos corados focaram em mim.

"Eu não vou ser envergonhado assim!" Ele rosnou. "Você a trará para mim, ou todos cairão."

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas ele não parecia interessado em me atualizar. Antes que eu tivesse a chance de fazer qualquer coisa, ele levantou o galho em minha direção. Eu pulei de um tronco próximo mais alto no ar,me lançando sobre o topo de uma árvore. Minhas asas me elevaram na cabeça dele.

O gigante cortou para cima com o galho mais rápido do que eu esperava, dado o volume dele. Eu me empurrei para o lado com um bater de minhas asas, mas a ponta irregular bateu nas minhas costelas.

Caí em outra árvore com um assobio de dor. Meu peito palpitava por todo o lado esquerdo. Mais hematomas para adicionar à minha coleção crescente.

De volta à floresta, Loki xingou. "Ari!" Freya chamou. Madeira lascada estalou sob os pés enquanto ambos atacavam o pomar.

Eu me joguei para fora do caminho de outro balanço do taco improvisado do gigante, rangendo os dentes contra a queima nas minhas costelas. Meu canivete. Minhas mãos estavam vazias. Deve ter caído do meu alcance quando o galho me bateu.

Meu coração pulou com um pânico mais agudo do que o gigante havia provocado. Essa faca era a única coisa que me restava de Francis. Eu não poderia perdê-la aqui. O mundo de ilusões de Muninn pode engolir isso se eu não recuperá-la rapidamente.

Saí da árvore em que caí. O gigante deu outro rugido. Então Freya saltou entre mim e aquela forma enorme, sua espada brilhando à luz do sol.

“Sou eu que você queria, não é, Thrym?” Ela disse, se colocando em uma posição de luta. "Por que você não vem me buscar?"

“Exijo Freya como minha noiva!” berrou o rei gigante. “Um comércio justo, a deusa pelo martelo do deus. Você *vai* ter que pagar o meu preço.”

Ela sorriu ferozmente, sua beleza se tornou ardente. "Aqui estou. Tão triste que tantos de vocês esquecem que sou a deusa da guerra tanto quanto a deusa do amor. E sei exatamente de que lado você merece estar. Não se atreva a colocar mais um dedo em nossa valquíria.”

A raiva nessas palavras enviou uma dor através do meu peito. Ela não estava apenas se defendendo, mas eu também. É melhor eu continuar ajudando-a a fazêlo.

Eu me joguei no chão, procurando minha faca. O baque de metal batendo na madeira ecoou atrás de mim. Então, um chiado e um grito que pareciam mais dolorosos do que furiosos.

"Ah, e aqui eu pensei que as chamas fizeram uma adição adorável à sua arma de escolha", a voz irreverente de Loki soou. "Olhe para aquele galho com seu brilho alegre."

Um brilho azul chamou minha atenção. Lá! Eu me joguei para o canivete, quase mordendo meus dedos na pressa de agarrá-lo. Uma pontada atingiu minhas costelas, mas eu a ignorei. Minha mão apertou com força a alça de plástico. Eu me virei para entrar na batalha.

Não havia muito para se juntar. Freya estava cortando o rei gigante de um lado e Loki o provocando com golpes de sua adaga e flashes de fogo do outro. Um gigante, até um rei, obviamente não era páreo para dois deuses poderosos. E Loki podia dizer o que quisesse sobre sua herança, mas observando-o ali, seu rosto brilhava com poder enquanto distraía o gigante por tempo suficiente para Freya passar a lâmina na parte de trás dos joelhos do animal, ele não poderia ter parecido mais diferente do homem que eles estavam lutando.

Aquele monstro volumoso era um gigante. Loki poderia ter sido uma vez, não que parecesse realmente pertencer a eles, mas depois de todo esse tempo entre os deuses, eu não conseguia vê-lo como algo além de um deus.

O corte da espada de Freya fez o gigante cair de joelhos com um gemido. Freya se aproximou e, no mesmo momento, o gigante pegou uma lança pontiaguda de madeira quebrada do chão e a empurrou em sua direção.

Gritei um aviso e me joguei para frente com meus músculos valquíricos aprimorados. Meu calcanhar estendido bateu no pulso do gigante. Seus dedos se contraíram, deixando cair a lança. Então ele estava passando a mão em minha direção. Eu me joguei no ar. Ele agarrou meu tornozelo, me puxando para trás - e Freya levou a espada ao pescoço dele.

"Isso é o mais perto de mim do que você jamais conseguirá", disse ela, e cortou sua garganta com um golpe rápido.

Nenhum sangue escorria. O gigante desmoronou completamente esvaziando com uma baforada daquela poeira horrível.

Freya estava de pé sobre ele, ofegante. A sujeira tinha listrado seus braços e o lado de uma bochecha, mas isso não entorpecia sua beleza. Eu não tinha certeza de como alguém poderia esquecer que ela era a deusa da guerra, uma vez que a viam assim mesmo uma vez.

Não é de admirar que Odin quis que ela fosse sua rainha.

"Obrigada", eu disse, voltando à terra com um bater de minhas asas. Coloquei meu canivete no bolso. "Eu não sabia que importava muito para você ser jogada ao redor."

Eu quis dizer isso como uma piada, mas as palavras saíram um pouco planas. Freya olhou para mim.

"Você é a *nossa* valquíria", disse ela. “Mesmo se eu não tivesse uma mão direta em convocar você. Se não fosse por você, não estaríamos mais perto de encontrar meu marido. Você lutou por mim muito mais do que eu já lutei por você.” O canto dos lábios dela se curvou. “E é bom ter uma pausa da constante postura masculina. Eu realmente não queria perder a primeira chance de companheirismo feminino adequado que tive em um século ou dois. ”

Eu realmente não tinha amigos mesmo quando estava viva. Muito difícil confiar tanto em alguém. Não havia tempo para dedicar a eles, quando tudo era cuidar de Petey e ganhar mais dinheiro para que eu pudesse fazer a primeira parte ainda melhor. Era meio difícil de entender a ideia de que uma deusa poderia querer minha "companhia". Eu não tinha certeza exatamente do que falaríamos quando terminássemos com o básico "explique-me como diabos é isso ou essa coisa divina funciona ”, mas eu não discutia com ela. Não quando ela ainda tinha essa espada na mão, de qualquer maneira.

Loki caminhou para se juntar a nós, passando o suor da testa alta com a manga da túnica. “Bem”, ele disse, “não podemos dizer que o corvo não está nos mantendo alerta. Se alguma vez eu reclamei que nossas vidas não eram empolgantes o suficiente, peço desculpas dez vezes.”

Freya ergueu as sobrancelhas para ele e embainhou a espada. O sorriso de Loki ficou envergonhado. “Também peço desculpas por sugerir que você não poderia travar suas próprias batalhas, querida deusa. Possivelmente subestimei você de vez em quando.”

“Possivelmente?” Freya disse.

"Definitivamente. Começo a pensar que deveria ter trazido a verdadeira você comigo para recuperar o martelo de Thor, em vez de Thor naquele vestido. Embora, é claro, todos nós tivéssemos negado o impressionante espetáculo do vestido, então... ”

Freya riu. “Não, acho que você fez a escolha certa lá. Eu não teria perdido essa visão por nada.”

Qualquer tensão que se formou entre eles antes se dissolveu no ar. Respirei fundo e as árvores ao meu redor tremeram.

Eu congelei, estudando-as. Animando meus ouvidos, saboreando a brisa, como Hod sugerira. Uma faixa cinza brilhou entre duas das árvores e desapareceu. Aquele gosto cinza fez cócegas na minha língua novamente.

"Está acontecendo de novo", eu disse. “A falsa Asgard está vacilando. Mais que antes. Talvez-"

Não tive a chance de fazer sugestões. O chão inclinou-se, dobrando as árvores em cima de mim, e o estalar de um tronco me fez cair do pomar em direção a onde Muninn me queria em seguida.

10

Aria

Darca chicoteou em torno de mim. Joguei meus braços e soltei minhas asas, tentando pegar alguma coisa. Uma leve sensação tomou conta do meu coração - um dos deuses, um dos meus criadores, em algum lugar próximo. Eu me joguei em direção a essa impressão com toda a força do meu corpo.

Eu colidi com uma forma sólida todos os músculos magros e perfume esfumaçado. *Hod,* tive tempo de reconhecer, e então o mundo construído de Muninn me derrubou novamente. Nós dois caímos, esparramados, em um piso acarpetado.

Eu me afastei do deus, consciente dos meus joelhos e cotovelos. Ele sentou-se com uma expressão atordoada, esfregando a parte de trás da cabeça onde havia atingido o chão. "Ari?" Ele disse. Seus dedos roçaram minha pele quando ele encontrou meu pulso e o apertou. "Você está bem?"

"Um pouco mais confusa do que na última vez que conversamos, mas ainda respirando", eu disse. A queda acordou a dor nas minhas costelas. E outras dores menores do começo de hoje que eu realmente não queria contar. Por mais feliz que estivesse em ver Hod a salvo e relativamente ileso, não me importaria de esbarrar em Baldur por um pouco daquele toque curativo em breve. "Para onde ela te mandou?"

"Melhor não falarmos sobre isso", disse ele sombriamente.

Eu tinha visto o quanto as lembranças que Muninn despertou afetaram até Loki imperturbável. Por enquanto, eu não iria forçar.

Eu me agachei para estar pronta para me mover rapidamente se a situação exigisse, mas nada na sala ao nosso redor parecia uma ameaça. O tapete azul pálido era macio sob meus pés. Uma cama de solteiro, cuidadosamente arrumada com edredom estampado de nave espacial, ficava à nossa direita, uma cômoda de bordo e uma cadeira e mesa do tamanho de um garoto à nossa esquerda. A janela sobre a mesa estava aberta, a cortina flutuando ao lado dela. A brisa carregava o cheiro de um gramado recém-cortado.

"Você viu algum dos outros?", Perguntou Hod.

Eu assenti. "Eu estava por conta própria no começo e depois acabei com Loki e Freya."

"Mas nenhum sinal de Baldur?"

Oh Claro que ele estava mais preocupado com seu irmão gêmeo do que qualquer outra pessoa. "Não", eu disse. Eu queria dizer que tinha certeza de que Baldur poderia suportar o que Muninn jogou para ele, mas sinceramente, era difícil dizer o que realmente estava acontecendo sob a superfície brilhante do deus da luz. Às vezes, eu tinha a impressão de que ele estava ampliando o brilho para impedir que alguém olhasse por baixo.

"Ela não atingiu ninguém com nada que não possamos lidar ainda", eu me acomodei e franzi a testa para a sala ao

nosso redor. “Eu não sei o que ela está fazendo agora. Tenho certeza de que não estamos mais em Asgard.”

"Não é como me parece", disse Hod. “Imagino que seja em algum lugar de Midgard. Você reconhece isso?”

Eu balancei minha cabeça. “Eu nunca estive aqui antes.” Os únicos quartos de criança em que eu já estive eram os da casa da minha mãe, e nem o meu, nem o de Francis nem o de Petey pareciam tão arrumados. O tapete no meu tinha sido tão irregular que você podia praticamente jogar damas nele. Havia manchas de água em todos os tetos dos vazamentos durante tempestades ruins e uma pitada de cheiro de mofo que nunca havia saído por causa deles. "Isso definitivamente não é das *minhas* memórias."

A testa de Hod franziu. Ele virou a cabeça como se estivesse entrando no quarto, mas eu sabia que ele não podia ver.

"Quanto você pode dizer sobre onde estamos?", Perguntei com uma curiosidade honesta.

“Pela maneira como o ar se move, posso ter uma noção do tamanho do espaço, onde estão os objetos grandes. E o toque pode preencher muito.” Ele deu um tapinha na lateral da cama. “Do mobiliário, estou assumindo o quarto? Não é muito grande. Limpo.” Ele fez uma pausa, seu peito se expandindo com uma inspiração lenta. “Algo sobre isso cheira familiar. Talvez *eu tenha* estado aqui.”

"Você tem o hábito de dar uma olhada em crianças aleatórias?" Eu disse, ele enrijeceu quando a porta se abriu. Uma pequena figura parou no limiar à nossa vista. Meu coração deu um pulo.

Oh Não é uma criança aleatória.

As sobrancelhas finas de Petey se uniram quando ele nos contemplou com seus grandes olhos cinza-azulados. Cada parte dele era exatamente como eu teria lembrado dele, desde os cachos loiros e dourados até aquelas pernas magras - pernas que apareciam por baixo do short, começando a se desgastar ao longo das bainhas. Não há necessidade de perguntar de quem Muninn tirou essa parte da ilusão.

Porque tinha que ser uma ilusão. Petey não estava realmente aqui. Mas isso não impediu que todas as partículas do meu corpo doessem para ir até ele.

Eu poderia ir até ele, não poderia? Não poderia machucar o verdadeiro Petey dar um abraço nesse, dizer mais uma vez o quanto eu o amava, que estava voltando para ele.

Antes mesmo de terminar de pensar nesse pensamento, eu já estava me mexendo. De pé, caminhando em direção ao meu irmãozinho, meus braços estendidos. Hod respirou fundo atrás de mim.

"Ari"

Oh, Deus, ele não ia ser um cobertor molhado até sobre essa reunião de mentirinha, não é? Eu o ignorei e alcancei para afastar um cacho perdido dos olhos de Petey.

Petey se encolheu, se afastando de mim. Ele olhou para mim com os ombros rígidos. "Quem é você?" Ele disse com uma voz trêmula. "O que você está fazendo no meu quarto?"

As palavras me atingiram como um tapa no meu rosto. Eu congelo. “Sou eu, Petey. É a Ari.”

Ele recuou um passo. “Eu não te conheço. Você não deveria estar no meu quarto. Mamãe diz que ninguém pode entrar lá, a menos que me pergunte primeiro.”

Meu peito se apertou tão forte que eu mal podia respirar. "Eu só queria ver você", eu disse. “Você *me* conhece. Ari. Sua irmã. Eu estive lá desde que você nasceu.”

“Você é uma estranha. Eu não deveria falar com estranhos.”

"Ari." Hod se levantou atrás de mim. Ele colocou a mão no meu ombro, seu aperto firme, mas não duro. “Este é o quarto dele na casa de seus pais adotivos. Loki e eu viemos vê-lo antes de deixá-lo, naquela última manhã. Nós devemos ir. Ela só está tentando te machucar. Não deixe.”

"Mas..." Meus olhos ficaram quentes. Petey ainda estava olhando para mim, seu corpinho rígido. O queixo dele tremia. Como se ele estivesse com medo de *mim*. “Você não pode fazê-lo lembrar? Você sombreou as memórias - deve poder trazê-las de volta. Não vai contar. Não é realmente ele.”

"Não é realmente ele", concordou Hod. “E eu não posso fazer mágica nele. Ele está agindo da maneira que Muninn quer que ele faça. Você o deixou ir uma vez. Você pode fazer isso de novo.”

Eu não tive que ficar ali diante do olhar perplexo de Petey antes. "Petey, por favor." Dei outro passo em sua direção, procurando em sua expressão qualquer indício de reconhecimento. Ele se encolheu para trás, tropeçando no corredor.

"Mãe!" Ele gritou em voz baixa. “Mãe, me ajude! Há uma estranha...”

Um calafrio percorreu meu corpo. Fechei os olhos, apertei a mandíbula e fechei a porta do quarto.

Passos se afastaram do outro lado. O falso Petey correndo para sua falsa mãe? Joguei meus ombros contra a porta, minha cabeça inclinada, minha respiração dura na garganta.

Hod se moveu em minha direção, mas eu levantei minha mão para detê-lo. Meus dedos se curvaram na minha palma. Eu me afastei da porta, girando, olhando para os cantos da sala como se eu pudesse ver o corvo lá.

"Você está doente, Muninn", eu disse. “Apenas *doente*. Não sei por que você se voltou contra Odin, mas se você pensa que é de alguma forma o cara legal aqui, é ilusório. Você não *usa* um garotinho - você tem alguma ideia? - Então Odin parecia um pouco insensível às vezes? Você acabou de provar que é um monstro do caralho!”

Ela não respondeu. Eu realmente não tinha pensado que ela faria. Com um som estrangulado, atirei meu punho contra a parede. Amassou o gesso com um baque satisfatório e uma pontada de dor igualmente satisfatória nos meus dedos. "Ari", disse Hod, parecendo mais urgente agora.

Eu pulei para longe dele, golpeando a parede oposta com o pé, batendo com o calcanhar no assento da cadeira, de modo que a madeira rachou. “Tudo isso é falso. Isso tudo é falso, e lixo, e - eu não passei anos arranhando meu caminho para fora da casa da minha mãe só para que você pudesse me calar nesta prisão estúpida. Vamos *sair*!”

Dei outro giro na parede, depois subi nas asas e chutei o maldito teto. Pó de gesso espalhado. Eu girei, com o peito arfando, sufocado por um soluço.

Hod estava parado ao lado da cama, com a boca em uma linha dolorida. Apenas esperando que eu termine minha birra. Porque o que mais alguém poderia chamar assim? O que diabos eu estava realmente realizando com todo esse embate?

Meus ombros caíram. A raiva dentro de mim diminuiu, mas isso apenas deixou mais espaço para a angústia.

“Você terminou, valquíria?” O deus das trevas perguntou, mas seu tom era suave, sem desaprovação.

"Eu só queria... eu só queria segurá-lo mais uma vez."

Minha voz diminuiu. Eu me afastei e encostei a cabeça no peito de Hod. Ele engoliu audivelmente. Seus braços vieram ao meu redor, me abraçando.

"Eu sei", ele disse.

"Mesmo se ele não fosse real..."

"Eu sei."

Eu relaxei em seu calor, mais magro que o de Loki, mas mais firme. Ele não tinha falado muito, mas apenas esse reconhecimento aliviou o pior da dor. O suficiente para dizer: "Bem, estamos sozinhos agora, mas não tenho certeza de que você possa me beijar e fazer isso melhor".

Uma risada partiu da garganta de Hod. Suas mãos chegaram ao meu rosto e gentilmente o inclinaram para trás. Uma escuridão mais faminta encheu seus olhos verdes cegos. "Eu poderia tentar", disse ele em voz baixa que enviou um arrepio ansioso através de mim.

Um tipo diferente de sombra cintilou na borda da minha visão. Minha cabeça virou, tentando rastrear. Lá. Um bater de asas na ondulação da cortina.

Dessa vez não hesitei. Lancei-me para longe de Hod em direção àquele vislumbre do corvo. Minhas mãos arrebatadoras roçaram uma sensação como penas de babados - e a sala e o deus giraram para longe de mim.

O mundo ficou turvo ao meu redor. O chão tombou. Tropecei sobre meus pés e caí de joelhos, que nesse momento tinha que ser a parte mais machucada de mim.

Desta vez não há tapete. Tábuas de madeira lisas. Uma sala de estar bem aberta, prateleiras alinhadas com livros ao longo de uma parede de cada lado de uma lareira de pedra. Um ventilador de teto agitava o ar úmido. Eu estava cercada por duas poltronas vazias e um sofá enorme onde duas figuras estavam aninhadas uma contra a outra. Uma nebulosidade se agarrava às margens do espaço, como se isso fosse mais um sonho do que um lugar físico. Não que os lugares em que eu estive antes aqui também fossem reais.

"Você poderia ir", disse o homem. Sua voz era tão fina quanto seu corpo alto, seus ombros curvados. Seus cabelos caíam de forma elegante e branca ao redor das orelhas levemente pontudas. Uma cicatriz irregular cortou o lado esquerdo do rosto. O outro lado estava alinhado com a idade. “Eu sei que não era fácil antes. Não pode ser fácil fazê-lo novamente. Eu posso gerenciar por conta própria. Duvido que a Morte me deixe perder o rumo.”

"Não", a mulher enrolada contra ele disse com voz rouca. Ela levantou a cabeça de onde estava com o rosto pressionado contra o peito dele, seu cabelo preto brilhante derramando sobre as omoplatas estreitas, e eu percebi que

era Muninn. O mesmo vestido preto solto, os mesmos olhos escuros como quando a conheci.

Quando foi isso? *Quem* era esse? Tive a sensação de que de alguma forma tropeçara em uma das lembranças da corvo. Ela quis dizer que o que eu acho que disse? Isso parecia mais pessoal do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar que ela gostaria que eu visse.

"Eu não estou perdendo um momento com você", disse ela, os dedos emaranhados na camisa do homem. "Se eu pudesse, eu conjuraria mais."

Ele acariciou o rosto dela. “Tivemos bastante. Mais do que eu já tive a menor esperança de ter. Você não tem escassez de lembranças disso, Srta. Raven. Não segure com muita força.”

"Não existe", ela murmurou. A cabeça dela dobrou perto da dele novamente. Ela pressionou um beijo nos lábios dele, e suas pálpebras se fecharam quando ele a beijou de volta. Meu rosto ficou vermelho.

Não, eu não deveria estar assistindo isso. Mas isso significava algo que eu consegui captar das memórias que ela construiu para nós nas dela, não é? Tinha que haver algo aqui que eu pudesse usar.

Eu só comecei a mudar quando a cena ao meu redor entrou em colapso com uma lavagem de escuridão como vastas asas me batendo. Eu tive tempo suficiente para respirar fundo antes que Muninn me jogasse de mãos vazias para fora de sua memória.

11

Thor

Eu realmente não conseguia explicar como isso aconteceu. No momento em que algo que parecia uma ameaça veio para mim, algo em minha mente e corpo mudou. A fúria da batalha desviou a lógica e todas as outras considerações práticas para a parte de trás da minha cabeça. Uma onda de poder correu através dos meus membros. Com meu pulso batendo como uma batida em meus ouvidos, meus pés batiam no chão e minha mão girava Mjolnir sem pensar, exceto como conectar mais rapidamente cada golpe fatal.

Derrube todos eles. Derrube-os rapidamente. Deixe o sangue fluir até que nenhum deles possa colocar um dedo em mim e nos meus.

Essa era simplesmente a minha natureza. Eu trabalhei do jeito que trabalhei, e isso nos serviu bem em batalhas suficientes ao longo dos tempos, quando tivemos muitas para lutar.

O triste é que eu não podia dizer com certeza em qual batalha estava lutando neste momento. Uma das reviravoltas de Muninn na paisagem me jogou em um campo com uma vasta gama de gigantes já avançando em minha direção, com os dentes à mostra com gritos de guerra e armas levantadas. Eu me joguei para a frente, com o martelo pronto, no segundo em que meus pés se firmaram no chão.

Nós travamos muitas batalhas contra gigantes. Eu não conseguia me lembrar de nenhuma em particular onde eu estava sozinho, mas então, Muninn não parecia estar buscando precisão. Principalmente, ela parecia estar tentando nos destruir.

Ela poderia esquecer isso. Eu batia em cada um desses crânios gigantes cinco vezes e ainda estava pronto para lutar de volta para Ari e os outros. Um pequeno corvo não estava tirando o melhor de mim.

Meus músculos se contraíram quando eu girei para um lado e para o outro, batendo o martelo feito pelos elfos negros em uma testa aqui, uma mandíbula ali. Chicoteando-o por toda uma linha de meus inimigos, derrubando-os como dominós, antes que voasse de volta para minha mão. Se houvesse mais uma brecha na luta, eu poderia ter feito uma pausa para chamar um trovão e um raio, mas essa briga nunca diminuiu.

Os gigantes podem não estar me acalmando, mas essa foi uma batalha mais limpa do que qualquer outra que eu tenha lutado na realidade. A cada golpe, os corpos se transformavam em mais poeira, até cobrir a grama ao redor. Melhor do que o sangue que geralmente me espalhava pelo meio de um confronto como esse. Eu não poderia dizer que sentia falta do fedor metálico de sangue no ar, o sabor dele rastejando em minha boca.

Mas de alguma forma, sem os jatos de sangue e os corpos espalhados, o rugido da fúria da batalha diminuiu. Continuei lutando, golpeando os gigantes que corriam contra mim dois ou três de cada vez, porque se não tivesse acabaria com uma lança no estômago ou um taco na cabeça.

Virei para a esquerda e virei para a direita, tentando reunir mais fervor com o impulso. Não deu certo. Um peso se instalou em meu intestino quando enviei o próximo corpo voando com uma faixa de poeira.

Todas essas pessoas que eu matei uma vez. Todas as vidas que eu extingui. Eles não eram nada além de poeira agora no mundo real também. Eu as apaguei em uma batida do meu coração, com quase nenhum pensamento para qualquer um deles.

O peso no meu intestino ficou enjoado. Mas o que eu poderia fazer, além de continuar lutando até esmagar todos eles em pedaços?

Atirei para derrubar um gigante que correra atrás de mim e percebi que não estava mais sozinho.

Ari havia caído na beira do campo. Ela cambaleou e recuperou o equilíbrio. Meu intestino apertou mais quando ela levantou a cabeça para apreciar a vista.

A visão de mim enterrando Mjolnir na cabeça deste gigante. Batendo direto no rosto dessa pessoa. Choveu mais poeira, com um cheiro levemente azedo.

Eu balancei mais rápido, mais forte, meu pulso acelerando um pouco. Os gigantes podem ir atrás dela. Eles não eram reais. Se eles já estiveram vivos, isso foi há muito tempo. Eu não conseguia parar até destruir todos eles. Até eu conquistar essa maldita memória em que Muninn tinha me jogado.

A raiva ardente disparou de volta em minhas veias. Um rugido ecoou dos meus pulmões. Eu bati, chutei e joguei uma tempestade interminável de movimentos enquanto o

enxame batia em minha direção, o suor escorrendo pelas minhas costas. Os corpos e gritos se misturaram em um borrão. Meu martelo golpeou carne e osso até colidir apenas com o ar vazio.

Eu parei. Os gigantes realmente foram embora? Nada estava ao meu redor na planície, exceto a poeira espalhada.

Minha mão do martelo caiu ao meu lado. Um tremor percorreu meus músculos. A sensação enjoada se enrolou no meu estômago.

Ari estava olhando. Ela foi até a beira do campo, segurando o canivete, as asas abertas. A respiração que ela respirou era instável. Aquele *horror* estava em seu rosto?

"Eu teria ajudado", disse ela. “Mas eu não... eu não conseguia descobrir se acabaria atrapalhando. Acho que você estava sob controle.”

Seu tom ficou um pouco irônico na última frase. Isso formigou em mim. Antes que eu pudesse decidir como responder, outro enxame de gigantes apareceu no horizonte. Meu coração despencou. De novo não. O corvo realmente achou que poderia me derrubar dessa maneira?

Ari estremeceu, seus músculos tensos. Por Hel, não, eu não a queria na briga comigo, vendo a fúria ainda mais perto. Arriscando o toque do meu martelo, se minha mira não voasse certeira, a queima do meu raio.

"De volta", eu disse bruscamente, acenando para ela. "Mantenha-se afastada. Esta é a minha batalha.”

Muninn, envie-a para outro lugar. Tinha que haver um lugar melhor do que aqui. Não que o corvo estivesse

interessado em melhorar nossa situação. Se eu pudesse atravessar essa cena diretamente para ela, destruir ela e sua prisão...

Não que eu parecesse ter chegado muito mais perto dela até agora.

"Eu posso lutar", disse Ari.

"Eu não quero que você lute", eu bati. Os gigantes estavam quase em mim. Com os dentes cerrados, afastei-me dela para encontrar a carga deles.

Era um grupo menor desta vez. Com dois passos, enviei raios do céu para o aglomerado mais apertado. Esmaguei os outros ainda mais rápido do que os anteriores, meus pulmões começando a queimar com a tensão, mas a fúria da batalha que corria pelo meu cérebro nunca abafou minha consciência de Ari em algum lugar atrás de mim. Ari ainda está assistindo Thor, o destruidor.

Muitas vezes eu me orgulhava desse papel. Mas ela não tinha visto muito mais de mim nas últimas duas semanas, viu? Ensinando-a a espancar seus inimigos. Queimando a frustração por golpear os terrenos ao redor da casa Midgard com meu martelo. Destruindo todos aqueles elfos negros que haviam pululado contra nós.

Ou talvez fosse simplesmente o fato de ter aqueles olhos externos em mim provocando uma pontada de culpa que sempre existia, mas eu geralmente conseguia manter enterrada.

Hesitei um segundo antes de bater com o martelo no crânio do meu último atacante. Torcido de raiva, o rosto daquele gigante não parecia tão diferente do meu

provavelmente. *Brutos*, Loki gostava de chamá-los. Como alguém me chamaria?

O corpo caiu com um baque e se esvaziou em uma pilha de poeira. Eu examinei o campo. Nada mais se agitou por enquanto.

“Thor?” Ari disse. Tentativa agora. Meus dedos se apertaram ao redor do cabo do Mjolnir.

"Como você acabou aqui?" Eu perguntei sem me virar.

"Eu não sei", disse ela. “Parece que sou capaz de me aproximar de todos se chegar perto de você enquanto Muninn está nos jogando. Mas ainda não descobri como usar isso para obter alguma vantagem real. Acho que estamos sempre melhor juntos do que separados. Mais chances de separar suas ilusões.”

Seus passos atravessaram a grama, formando uma nuvem de poeira. A poeira dos corpos que eu tinha derrubado, que pareceram sólidos demais com as ilusões. Meu estômago revirou. Eu me virei, apontando em uma direção diferente. "Vamos ver se podemos encontrar uma maneira de sairmos deste lugar, então."

Ari ficou parada até que eu a alcancei e dei um passo ao seu lado. Mudei um pouco para a direita para lhe dar mais espaço, mas não pude deixar de observá-la pelo canto do olho.

Ela fechou o canivete e enfiou-o no bolso, com a cabeça baixa. Suas asas se abriram. No espaço de alguns segundos, ela parecia uma jovem comum, embora determinada e nitidamente bonita. Até minha náusea não conseguia parar a corrente de desejo que subia do fundo da minha barriga.

“Estamos bem?” Ela disse depois de um minuto, sua voz ainda hesitante. Minha cabeça virou. "O que?"

“Eu só quero dizer... você parece chateado. Talvez comigo. Eu não sei. As coisas que Muninn está jogando para nós, os truques que ela está fazendo - eu não sei o que ela poderia ter lhe mostrado. Eu gostaria de saber que ainda estamos bem.”

Ela olhou para mim, preocupação e confusão brilhando em seus olhos. Se meu estômago estava apertado antes, ele se torcia em um enorme nó agora. Ela pensou que eu poderia ter algum tipo de problema com *ela* . Merda.

Eu parei, me virando para encará-la. "Estamos bem", eu disse. “Estamos absolutamente bem. Sinto muito, Ari. Você não fez nada de errado. Esta é a primeira vez que vejo você desde que fomos jogados no pátio. Fico feliz em vê-la, só para saber que você está bem.”

Ela cruzou os braços sobre o peito e ergueu o queixo, voltando mais de sua energia habitual. “Então, com o que você *está* chateado? Porque algo está obviamente sacudindo sua corrente. Foi algo sobre essa batalha? Más memórias?"

"Não exatamente. Eu...”” Soltei um suspiro apressado. “Eu não quero isso, do jeito que você me viu lá fora - do jeito que você já me viu mais vezes do que eu gostaria - ser do jeito que você pensa sobre mim. Eu luto porque preciso, e talvez eu possa encontrar prazer enquanto estou no meio, mas não me divirto com a matança. Eu não procuro.”

Talvez isso não fosse inteiramente verdade. Houve momentos, muito antes de Ragnarok, em que eu viajei com Loki ou um ou outro de meus irmãos, sabendo que provavelmente teríamos brigado com alguém. Mas sempre

alguém que merecia. E eu não sentia esse desejo de procurar uma luta há muito tempo.

Desde que eu assisti minha casa e todas as pessoas nela consumidas em um incêndio abrasador que nenhum martelo poderia defender.

"Ei." Ari tocou meu braço. Calor floresceu sob seus dedos. “Eu não sou ninguém para julgar. Quantas vidas eu levei embora quando enfrentamos os elfos negros?”

"Não é o mesmo", protestei. “Você não se perde nela.” *Você não se pergunta se realmente tem controle ou se a fúria está te levando.*

A boca dela torceu. “Eu sei como é ser pego de emoção. Para querer machucar tanto alguém, você esquece tudo o mais naquele momento. Também não gosto.”

Eu fiz uma careta. Minha mão se moveu por vontade própria, acariciando seus cabelos. "Tenho certeza que se você já se sentiu assim por alguém, eles mereceram", eu disse ferozmente.

Ela fechou os olhos, sua expressão relaxando com o meu toque. Como se ela o aceitasse tanto quanto eu queria oferecer. Céus acima, eu poderia ter essa sorte? “E a horda que você estava enfrentando não merecia?” Ela perguntou.

Eu molhei meus lábios. “Eu estava me defendendo. Então, suponho que sim. Nem me lembro pelo que estaríamos brigando em qualquer memória que Muninn os tirou.”

"O que há para se sentir culpado então?"

Eu parei. A resposta ficou presa na minha garganta. “Às vezes, lamento... sempre conversamos sobre os gigantes como nossos inimigos, você sabe. Eu nem confiei em Loki por um longo tempo. Mas a verdade é que minha mãe era uma gigante.”

As sobrancelhas de Ari se ergueram quando ela encontrou meus olhos novamente. "Odin e todas as suas muitas viagens", disse ela, soando divertida.

"Basicamente", eu disse, um pouco da minha vergonha com a admissão desaparecendo. “Mas ele me levou de volta para Asgard como seu, e eu sempre agi como se fosse apenas dele. Pelo que sei, matei primos ou tios ou quem sabe quais parentes no campo de batalha. Eu nunca parei para perguntar.”

“Eles também não pediram” apontou Ari.

"Você não acha que há algo distorcido nisso?"

Ela encolheu os ombros. “Eu não acho que sangue significa muito. Meu pai foi embora antes que eu tivesse idade suficiente para lembrar dele. Minha mãe passou mais tempo me cortando do que cuidando de mim. Eu ajudaria antes uma estranha do que ela. Nascer não é uma promessa para ninguém.”

"Mas você também não derrotaria nenhum deles em uma polpa sangrenta."

"Eu poderia ter sido tentada recentemente", ela murmurou. Ela agarrou minha mão onde ainda estava descansando contra seus cabelos, enrolando seus dedos nos meus. “Você quer saber como eu penso em você, Thor? Vejo força e devoção e um coração imenso que não suporta o

pensamento de ninguém sob sua proteção, que é basicamente toda a humanidade, se machucando." Ela sorriu. "Ah, e não vamos esquecer um enorme apetite e a risada mais entusiasmada que eu já ouvi."

Eu quase podia ver meu reflexo brilhando de volta para mim em seus olhos cinzentos. Eu não precisava de nenhum dos sentidos especiais de Baldur para saber que ela estava dizendo a verdade. A tensão que foi ferida através do meu intestino diminuiu.

A cabeça de Ari se virou para o lado. Os olhos dela se estreitaram. "O que eu disse..." Quando as palavras deixaram meus lábios, eu peguei uma dica de algo. Um brilho escuro, um breve movimento, além do trecho de grama e depois desapareceu.

"O mundo real surgiu de novo", disse Ari, virando com a mão ainda em volta da minha. "Vi um pouco mais dessa vez. Estava escuro, mas havia uma luz avermelhada e, por um segundo, senti tanto calor..." Ela olhou para mim, mas seu olhar estava distante. "Aconteceu quando Loki e Freya também estavam conversando."

"Também vislumbrei algo", eu disse. "Agora mesmo. Mas apenas um vislumbre."

Um sorriso saltou para o rosto de Ari. "Você fez? Então o efeito está ficando mais forte. Estamos chegando mais perto de romper. Parece quase como... Quando aconteceu antes, Loki estava se desculpando com Freya por não reconhecer o quão grande ela era uma guerreira. E agora eu fiz você pensar em si mesmo, em todas essas batalhas, um pouco diferente, talvez?" Ela estudou meu rosto.

"Você fez", eu disse. "Você acha que foi isso que causou o rompimento?"

"Eu não sei. Mas talvez, quando mudamos de ideia sobre algo, ou percebemos que estávamos olhando para eles da maneira errada no passado... Isso poderia abalar a construção de Muninn, certo? Qualquer coisa que abale nossas memórias e a maneira como pensamos sobre elas deve, já que ela está usando essas memórias como base para todo esse lugar. Um pouco mais disso e vamos dividir a coisa toda."

Meu espírito subiu. "Podemos esperar."

"Sim, nós podemos. Não a deixe desgastar você, ok?"

Ela passou os braços em volta de mim e eu me inclinei em seu abraço. Um cheiro de trevo fazia cócegas em seus cabelos macios sobre um perfume como uma chama acesa. Cada nervo do meu corpo vibrava com a proximidade dela.

Quando ela se afastou, sua bochecha roçou a minha. Minha respiração ficou presa. Ela hesitou lá, seus lábios a poucos centímetros dos meus. O calor aumentou no espaço entre nós.

"Thor", ela disse calmamente.

"Ari." Minha voz saiu bruta. "Você e Loki..." A lembrança dele a beijando no pátio me cutucou.

"...entenda muito bem que eu não estou olhando para ser amarrada no momento", ela completou. Sua respiração fez cócegas no meu queixo. "O que é uma coisa boa, porque não sei se poderia ser feliz escolhendo apenas um de vocês. A menos que você não queira..."

"Para ajudar com isso", eu disse, e tomei seus lábios nos meus.

Ela provou ser tão doce quanto cheirava, a alegria de nossa pequena vitória ondulando entre nós. Corri meus dedos mais fundo em seus cabelos, e um murmúrio satisfeito escapou dela. Seu corpo derreteu em mim como se ela precisasse da força sobre a qual ela havia falado - minha força - para fazê-la passar por isso, mesmo que apenas neste momento.

A sensação dela quente e ansiosa contra mim quase me fez perder a cabeça de uma maneira muito diferente. Mas também me lembrou que ainda não estávamos nem perto de sair dessa prisão. Relutantemente, eu me afastei dela. Ela sorriu para mim. A visão do rubor em suas bochechas, o rosado de seus lábios após aquele beijo, enviou um raio de luxúria direto para minha virilha. Levou todo o meu autocontrole para não puxá-la de volta para mim.

"Ainda há muito mais para ir", eu disse.

"Sim." Ela se virou, a mão no meu braço, e seus olhos se arregalaram. Sua mandíbula ficou frouxa e depois se fechou. "Entendo-"

Eu me inclinei para frente para tentar entender o que ela havia decifrado, e uma força invisível surgiu entre nós, arrancando Ari de mim. Com um grito, eu a peguei. Meus dedos se fecharam apenas em torno do ar vazio.

12

Aria

O mundo girou em volta de mim. Eu tentei me empurrar de volta para Thor. O vento chicoteou meu corpo para a frente e, entre os relâmpagos da grama e da pedra, meu olhar pegou uma figura curvada atrás das grossas barras de uma gaiola, um anel de fogo lambendo tudo ao seu redor. A figura levantou a cabeça levemente, mostrando uma barba manchada de prata e um olho marcado - *Odin* . Um zumbido percorreu meu peito: a conexão que eu sentia quando o procurava antes. Esse era o deus real. Mas onde ele estava? Eu tive que pegar todas as pistas que pude...

O cheiro de cinza e algo pungentemente amargo entupiram meu nariz e boca, e então eu fui arrancada de lá também. Minha mão tateando se fechou em torno de carne sólida. Eu me agarrei, mas o pulso escorregou do meu alcance.

Meus ouvidos estalaram. Caí de bunda em ladrilhos de mármore que eram tão familiares que sua superfície dura era quase um alívio. Eu estava de volta ao Asgard em que entramos pela primeira vez. Os enormes salões de pedra pairavam ao meu redor, o sol quente do verão entrando entre eles. Na minha frente, um enorme grupo de deuses - construções, eu tinha que assumir - se reuniram em círculo em um pátio menor, com prédios apertados ao redor. Eles gritaram com o que estavam assistindo.

Eu me levantei, pegando meu equilíbrio contra o lado do corredor que eu tinha pousado ao lado. Eu não tinha perdido

completamente Thor. Ele estava apenas se levantando onde deveria ter aterrado do lado de fora dos prédios vizinhos. Seu olhar caiu na multidão antes de me encontrar. Ele ficou rígido, sua testa geralmente avermelhada empalidecendo.

O que? Minha cabeça girou de volta para procurar a multidão, mas eu era muito pequena para ver por cima da cabeça da maioria dos deuses. Tudo que eu sabia era que, o que quer que eles estivessem vendo, estava fazendo-os rir e conversar entre si. Pareciam bem-humorados. Mas obviamente Thor viu algo que eu não vi.

Ou lembrou-se de algo que eu não poderia ter.

Subi em uma borda ao lado do prédio para ver melhor. Agarrando-me às pedras frias, virei-me novamente para a multidão e congelei.

Baldur estava em pé em um espaço vazio no meio do anel dos deuses. Angústia, uma emoção mais aguda do que eu já tinha visto antes, estava gravada em todo o seu rosto. Um dos deuses na beira do ringue jogou uma faca para ele, outro uma pedra, outro o que parecia uma cenoura. Ele os afastou com rajadas de luz de sua pele, sua boca apertando mais.

Que porra eles estavam fazendo? Por que eles estavam atirando em Baldur, de todas as pessoas? Inferno, eles pareciam *felizes* com isso, sorrisos se estendendo por todos aqueles rostos, as risadas que eu tinha ouvido antes de encarar a reunião. Como se fosse um jogo amigável, tudo um bom esporte. Eles não podiam ver que ele odiava isso?

Não, eles não podiam ver nada. Eles eram apenas construções. Eu tinha que lembrar disso. Construções que Muninn construiu e guiou como fantoches.

Mas algo sobre isso deve ter vindo de uma memória. Não fazia sentido.

Eu me apoiei contra a parede para soltar minhas asas, mas antes que eu pudesse pular para voar para Baldur, uma forma de cabelos escuros empurrou a multidão.

"Baldur!", Gritou Hod.

Seu irmão gêmeo se virou. Um lampejo de - era *pânico* ? - cruzou o rosto de Baldur antes que sua expressão se assentasse em uma de alívio.

Hod passou o braço em torno de Baldur e abriu um caminho com cílios sombreados enquanto conduzia o deus da luz para fora do ringue. Eu os observei ir até que uma cintilação no espaço aberto chamou meu olhar de volta. Minha boca se abriu.

Baldur reapareceu no meio do ringue. Mas-

Meu olhar disparou para frente e para trás. Agora havia dois Baldurs. O de pé com Hod à margem da multidão, sacudindo a cabeça com um sorriso que ainda parecia um pouco magoado com o que seu irmão estava dizendo, e o que apareceu do nada no meio dos outros deuses.

O novo ficou ali de braços abertos, como se estivesse recebendo os projéteis, totalmente sereno. Não vi nenhum brilho mágico ao seu redor, mas quando mais deuses assumiram o "jogo", jogando um prato, uma batata, uma lança, cada objeto simplesmente ricocheteou em seu corpo e caiu no chão.

Hã. Isso ficou cada vez mais estranho.

Talvez algum tempo atrás, Baldur realmente tivesse estado lá e sido atingido, por qualquer motivo louco. Alguém claramente se lembrava disso.

Thor deve ter visto seus irmãos - meios-irmãos, dado o que ele me contou sobre sua mãe? Ele estava andando pela borda externa do ringue para se juntar a eles. Pulei da minha borda e corri atrás dele. Havia apenas um lugar onde eu estava obtendo respostas. Foi um bom sinal, não foi, que quase todos nós nos encontramos novamente? Tivemos uma chance melhor de derrubar a prisão de Muninn, quanto mais pensássemos. Pelo menos eu esperava que sim.

"... não vou chegar a isso", Hod estava dizendo com uma voz áspera quando eu os alcancei. “Vamos embora. Não precisamos tolerar a tortura dela.”

"Acho que não será suficiente sair", disse Baldur, seu tom melódico habitual subjugado assustadoramente. "Eu posso sentir isso. As coisas que eles estão jogando com essa lembrança de mim. Eu posso sentir tudo isso.”

Se eu pensava que Thor tinha empalidecido antes, não era nada comparado com a sombra pálida do rosto de Hod diante dessa informação. As mãos dele se apertaram.

"Então, vamos encontrar as outras construções que ela conjurou e detê-las antes que cheguem a esse ponto."

"Chegar a que ponto?", Perguntei, estudando suas expressões. "O que diabos está acontecendo por lá?"

Os olhos escuros de Hod se voltaram para minha voz automaticamente, e de alguma forma ainda mais cores conseguiram escorrer de seu rosto. "Se continuarmos com isso, você nunca terá que descobrir, valquíria", disse ele, e

avançou, um pedaço de sombra disparando pelo chão na frente dele. “Alguém já viu Loki? Um ou outro dele deve estar por aqui em algum lugar.”

"Eu vou perceber se ele estiver aqui", Thor resmungou e partiu na direção oposta para cobrir mais o pátio. Baldur seguiu atrás de seu irmão gêmeo. Sua apreensão tremia tão perto da superfície que eu podia sentir onde normalmente só sentia aquela calma sonhadora dele.

Eu corri atrás deles, diminuindo a velocidade quando encontrei Baldur. "Qual é o problema? Por que eles estavam fazendo isso com você? Realmente aconteceu, não foi?”

"Sim", ele disse, seu olhar ainda seguindo o irmão. “Hod está certo. Seria melhor se simplesmente parássemos e não precisássemos reviver o evento inteiro. ”

“Por quê?” A outra versão dele, a lembrada, não parecia nem um pouco perturbada. Ele parecia estar dando boas-vindas ao ataque. “Eu não entendo. Todo mundo ficou louco um dia, ou estava...”

"Aria." Sua voz permaneceu suave, mas havia uma nota de aço nela. “Eu não quero ir lá. Deixe. *Por favor.”*

Eu comecei a me arrepiar, mas a angústia naquela última palavra arrancou meu coração. Minha boca se fechou. "Sinto muito", eu disse depois de um momento. “Vou tentar ajudar. O que exatamente estamos procurando?”

Baldur olhou para mim então. Alguma emoção que eu não conseguia ler brilhava em seus brilhantes olhos azuis. Ele colocou a mão no meu braço e apertou suavemente. O toque me inundou com um calor repentino. Pelo amor de Deus, todos esses deuses eram muito atraentes. Eu tinha

acabado de beijar Thor, e tentar Hod em outro beijo antes disso, e Loki, bem... E agora um gesto possivelmente amigável de Baldur tinha me acendido.

Coçar a coceira com Loki na outra manhã definitivamente não tinha saciado minha fome. Eu não acho que isso tenha diminuído o limite. Se alguma coisa, parte de mim queria descobrir como poderia ser com cada um dos outros ainda mais agora. Como se isso estivesse perto da hora ou do local para isso.

"Loki deveria estar por aqui em algum lugar", disse Baldur. “Possivelmente dois dele, como você pode ver dois de mim. E pode haver outro Hod. Quanto mais conseguirmos identificar, melhor.”

"Nele." Eu fiz uma pequena saudação e me levantei do chão com um bater de minhas asas. Elas foram úteis em momentos como este.

Alguém na multidão atirou um machado na memória - Baldur. Ele olhou para fora de sua pele, e todos os deuses aplaudiram. Fiz uma careta para eles, não que eles parecessem me ver, e voei sobre o ringue.

A cabeça brilhante de Freya apareceu. Ela correu para Hod, onde ele estava circulando a multidão. Sua expressão já estava tensa. Todos eles sabiam o que estava acontecendo aqui, ou prestes a acontecer. Todos eles, exceto eu. Fosse o que fosse, claramente seria horrível.

Eu girei, e um choque de cabelo vermelho pálido brilhou entre as sombras dos edifícios. Loki saiu de um caminho lateral do outro lado do pátio. Ele viu a cena e seus lábios pressionaram.

Quando ele nem conseguia encontrar nada divertido em uma situação, você sabia que era muito ruim.

"Hod!" Eu chamei com um gesto em direção ao malandro, e então lembrei que o deus cego não seria capaz de ver meu braço apontador. Mas Thor tinha me ouvido também. Ele se apressou em torno da multidão para se juntar a Loki, e os dois correram para onde os outros três haviam parado. Eu mergulhei, meus pés tocando o chão no momento em que os cinco deuses se encontraram.

“Você não encontrou o local ainda?” Loki estava dizendo.

Hod se arrepiou. "Depois de todo esse tempo, com toda a atividade, é difícil marcar exatamente."

“Bem, vamos lá então. Obviamente eu tenho que fazer tudo por aqui.”

Loki saiu correndo pelo ringue, e o resto de nós correu atrás dele. Seu olhar se contorceu de um lado para o outro. Então seus ombros ficaram tensos e ele acelerou até um galope.

Vi o porquê um segundo depois. O sol pegou outra cabeça de cabelo vermelho pálido, este no meio da multidão. O segundo Loki. Eu me levantei do chão com minhas asas para ter uma visão melhor.

Não é apenas um segundo Loki. Outro Hod, tão jovem como sempre, mas com cabelos caindo um pouco mais ao redor do rosto, estava ao lado dele. A lembrança - Loki o estava guiando para frente com a mão no cotovelo. A memória - Hod estava segurando um galho pequeno,

algumas folhas tão verde-escuras quanto seus olhos ainda se agarrando a ele. A ponta foi esculpida até certo ponto.

O verdadeiro Loki xingou e empurrou seu caminho para a multidão, mas o outro, ele e o outro Hod, haviam acabado de chegar à borda interna do ringue. Loki se inclinou perto do ouvido de Hod como se quisesse murmurar algo para ele. Ele afastou a mão do outro deus, aquela que segurava o galho, e deu um aceno rápido.

Meu Loki pulou para frente, agarrando o outro Loki pelo braço. O outro Hod já havia lançado o galho para a frente. Ele girou no ar. A memória - Baldur virou-se para encarar o irmão, e o galho o atingiu diretamente sobre o coração.

O golpeou e esfaqueou seu peito, o sangue jorrando ao redor dele.

Um som sufocado partiu da minha garganta. Eu mergulhei, mas as pernas de Baldur já estavam cedendo. O deus da luz desabou no chão. O sangue pulsou da ferida para se acumular nos azulejos de mármore. Diminuindo a velocidade quando seu coração parou.

Eu bati no chão com tanta força que caí de joelhos. Eles bateram na pedra dura, mas eu quase não senti o impacto. A cabeça de Baldur balançou. Seus brilhantes olhos azuis estavam vidrados. Meu estômago estava pesado.

A multidão ao nosso redor ficou quieta. Um lamento cortou o silêncio atordoado. Mais e mais vozes se juntaram a ela, com suspiros e soluços, em um vasto coro de luto.

Eu só tinha arrastado uma respiração irregular, e os gemidos foram cortados tão rapidamente quanto eles se levantaram. Eu levantei minha cabeça. A multidão

desapareceu. Não havia mais ninguém além dos deuses reais e do Baldur de suas memórias, deitado ali naquela poça de sangue. Parecendo muito, muito morto.

Ele realmente não podia ter - eu deixei meu rosto cair em minhas mãos, meu coração batendo dolorosamente. Essa sensação que eu tinha de que ele estava escondendo alguma coisa. As conversas sobre enterrar memórias desagradáveis tão profundas que você nunca teve que enfrentá-las. Aquele comentário que ele fez, com uma nota tão estranha em sua voz, ficou comigo: *eu não estava lá por Ragnarok* .

Porque ele morreu antes que isso acontecesse.

Morreu... porque Hod jogou algum ramo especial nele. Porque Loki havia guiado o deus das trevas lá.

Meu olhar se levantou. O verdadeiro Loki, meu Loki, estava parado no pátio onde ele tentara parar seu antigo eu. Uma sombra havia embotoado seus olhos normalmente brilhantes. Sua mandíbula fricionou.

Um baque na beira do pátio chamou nossa atenção. O verdadeiro Baldur se virou, com a mão apoiada na frente de um dos corredores como se estivesse segurando o corpo. Seus ombros tremiam e enrijeciam e tremiam novamente.

Eu posso sentir , ele havia dito apenas alguns minutos atrás. *Eu posso sentir tudo isso.* O que ele estava sentindo agora? Ele estava morrendo como seu colega? Eu me empurrei do chão.

Hod virou-se para Loki, com o rosto ainda mais duro do que o normal.

Loki abriu as mãos. "Eu tentei", disse ele. "Eu tentei parar com isso."

"Não que houvesse algo para parar se você não tivesse feito isso em primeiro lugar", o deus das trevas cuspiu.

Minhas pernas tremeram. “Alguém poderia me dizer o que diabos aconteceu?” Eu disse. “Baldur está bem? Por que *alguém* estava jogando alguma coisa nele? Como pôde aquele pequeno galho...”

“Eu vou... eu vou ficar bem” Baldur forçou a voz a sair, mas sua voz era fraca e áspera. Hod olhou para ele, se mexendo e ficando tenso como se quisesse ir para o irmão gêmeo, mas não o fez ao mesmo tempo.

Thor deu um passo em minha direção. Ele colocou uma mão firme nas minhas costas. “Há muito tempo - não muito antes de Ragnarok - Baldur e sua mãe, a deusa Frigg, começaram a sonhar com ele morrendo. Frigg estava tão preocupada com ele que percorreu os reinos pedindo que todos os objetos jurassem que isso nunca o machucaria. Mas ela passou por cima do visco. Ela disse que parecia muito jovem e manso para machucar alguém.”

A cena inicial fez um pouco mais de sentido, sabendo disso. "Então todo mundo imaginou que testaria esses votos?", Perguntei. Pelo que eu tinha visto, funcionou. Nada ferira Baldur nem um pouco.

"Como um jogo", disse Loki com uma voz cortante. “Um jogo estúpido e descuidado. Vamos fingir matar o deus tão recentemente aterrorizado por morrer.”

"Melhor do que realmente matá-lo", disse Freya.

“Eu não o matei não é?” Disse o malandro, girando ao redor. “Eu trouxe o visco. Eu ofereci a Hod. Parece-me que ele aceitou de bom grado. Ele queria participar, e eu deixei.”

"Você sabia que poderia realmente machucá-lo", retrucou Hod. “Quem afiou seu fim em uma lança? Você não me disse o que eu estava segurando.”

"Você não perguntou. Você realmente queria saber?”

Um rubor zangado varreu o rosto pálido de Hod. "Você não pode estar sugerindo que eu estava esperando esse resultado."

"Como eu deveria saber?" Loki exigiu. “A amargura estava flutuando em você como o fedor de um gambá. Foi um jogo idiota jogado por deuses idiotas tentando não ver o mundo à beira do colapso, e eu lhe dei os meios para abrir os olhos deles.”

"Você o matou", disse Hod. “Você o matou com a minha mão, e por isso eles também me mataram, e você saiu alegremente livre. E todos sabemos como você pagou o resto de Asgard.”

Loki acenou com a mão para ele. “Olhe para você agora. O que importa mais para você: ir comigo ou cuidar do seu amado irmão?”

"Você..." A palavra saiu estrangulada. Hod se jogou no malandro.

"Pare!" Eu gritei. Thor pegou seu irmão pelo ombro. Ele olhou com raiva para Loki.

Loki olhou dos dois para Baldur trêmulo e depois para Freya, que estava assistindo a cena com olhos acusadores. Ele se virou para mim. Havia uma selvageria em seus movimentos, em seu rosto, que eu nunca tinha visto antes, desesperado e cruel. Eu dei um passo para trás.

“Realmente aconteceu assim, não foi?” Eu disse. "Você realmente o matou." Não é um truque. Não é um pequeno problema que ele poderia voltar.

Assassinato frio e deliberado. E ele estava defendendo isso agora mesmo.

Meu estômago revirou novamente. A expressão de Loki se fechou.

"Tudo bem", disse ele. “É assim que sempre é, como sempre foi. Como se você tivesse a menor ideia... Aproveite seus cavalos altos em suas casas de vidro.”

Ele girou nos calcanhares e varreu os sapatos de vôo. Hod parecia que poderia tentar persegui-lo, mas mudou-se para o irmão gêmeo. Freya pegou o olhar de Thor e balançou a cabeça como se dissesse: *Que pena, mas o que mais poderíamos esperar?*

Meu intestino ainda estava atado. Recuei mais um passo e me vi pulando para trás do pátio, na escuridão da mente de Muninn.

13

Aria

Eu tropecei direto para uma sala que imaginei ser um escritório. Uma grande mesa de carvalho estava em uma extremidade, cercada por estantes de livros. No outro, onde eu estava agora, duas poltronas marrons à moda antiga se encaravam com uma mesinha de pernas arqueadas entre elas. Meus tênis afundaram na rica pilha do tapete embaixo deles. Um leve cheiro de fumaça pairava no ar, mas desta vez era fumaça de madeira, não a cinza química que eu havia notado antes. Da lareira no canto, imaginei.

De quem era essa memória? Os móveis pareciam feitos por humanos, não a grande escala que eu tinha visto em Asgard, mas era menor e mais aconchegante do que o estúdio na casa dos deuses em Midgard, que parecia ser principalmente o domínio de Hod. Eu nunca tinha estado em uma casa que não fosse a que tinha um estúdio.

Eu me virei para tentar a porta e encontrei a parede onde deveria haver uma porta sólida, nada além de papel de parede com estampa de rosas em ouro amarelo. Uma coceira claustrofóbica rastejou sobre meus ombros, apesar do calor acolhedor da sala.

Uma forma negra passou por mim. Eu me virei para ver um corvo pousar no topo de uma das poltronas. Ele inclinou a cabeça para mim em um gesto muito familiar. Então, com um movimento do corpo, o pássaro se transformou em uma mulher.

Muninn se sentou no assento da cadeira, a saia de seu vestido preto solto, enfiado sobre as pernas finas como a palma da mão, seus olhos escuros me olhando tão atentamente quanto quando ela estava em forma de corvo. Meu pulso trovejou. Todo esse tempo, ela esteve se escondendo de nós, me expulsando novamente toda vez que eu vislumbrava - ou derrubava prédios em mim. O que significava que ela estava se revelando agora?

"Valquíria", disse ela em sua voz docemente rouca. "Por que você não se senta?"

"Bem, para começar, depois de tudo que você jogou para mim até agora, me sinto mais segura de pé", eu disse.

Ela piscou para mim como se não entendesse totalmente ao que eu estava me referindo. Ela poderia parecer uma pessoa agora, e ela era definitivamente tão inteligente e consciente quanto qualquer ser humano que eu conheci, mas pelo que eu tinha visto até agora, sua mente era tão corvo quanto humana. Eu não tinha certeza de quantos conceitos como brincadeira ou compaixão se aplicavam a ela.

"Eu prometo que nenhum dano chegará a você nesta sala", disse ela. "E que eu não vou enviar você até terminarmos de falar."

As palavras soaram com uma força mágica que enviou um formigamento misterioso sobre a minha pele. Eu havia passado tempo suficiente na companhia de deuses para acreditar que ela estava vinculada a esse voto.

Tanto quanto todas as coisas que a mãe de Baldur havia implorado estavam vinculadas ao voto deles? Meu estômago apertou tudo de novo, lembrando a cena que ela me

arrancou. Mas meu corpo ainda estava cheio de dores, minhas pernas um pouco bambas. Sentar, se eu tivesse essa promessa, pode não ser uma coisa tão ruim.

Afundei na outra cadeira, meu olhar nunca deixando a mulher corvo. Ela jogou os cabelos pretos para trás do rosto com um gesto esvoaçante e me considerou em troca.

"Gostaria de algo para comer?" Ela perguntou.

Apesar de toda a tensão em mim e o horror do que eu acabara de testemunhar, uma pontada passou por mim. Lambi meus lábios. "Algo que eu realmente *posso* comer?"

"Claro. Não sou uma anfitriã tão horrível." Ela apontou para a mesa e um prato de prata apareceu. Havia um rolo de jantar recheado com queijo e carne fatiada, um cacho de uvas e uma torta de framboesa.

A saliva surgiu em minha boca quando o cheiro chegou ao meu nariz. Consegui não correr para o sanduíche, mas agarrá-lo com firmeza e levá-lo à boca com calma. Eu me preparei enquanto mordia - e meus dentes afundaram em pão de verdade, cheddar de verdade, presunto de verdade.

Em questão de minutos, eu engoli tudo, as uvas e a torta também. Quem sabia quando Muninn poderia decidir levá-los embora? Não pude deixar de lamber as últimas migalhas dos meus dedos, já que não podia contar com ela sendo tão generosa novamente. Em algum lugar lá dentro, um copo de água também apareceu na mesa. Eu agarrei e drenei.

Muninn ficou quieta, me olhando, durante a refeição. Quando terminei, limpando a boca com as costas da mão, ela me deu um pequeno sorriso.

"Refrescada?" Ela disse.

"Sim." Hesitei. “Por que você me deu isso? Por que estou aqui?"

Ela encolheu os ombros. “Eu simplesmente queria conversar. Você viu muito desde que chegou aqui. Do que os deuses de Asgard são capazes. Como eles se divertem. Como eles resolvem suas queixas. Não é uma imagem tão bonita quanto eu acho que eles pintaram a você do lugar, é?

"Eles não me disseram muito sobre isso", eu disse honestamente. Ela também nos jogou nessas memórias por esse motivo? Não apenas para atormentar cada um de nós com vislumbres do passado, teóricos ou reais, mas para fazer algum tipo de demonstração? Assim como ela tentou pintar Valhalla na luz negativa de suas memórias. Minhas mãos apertaram no meu colo.

"Não consigo imaginar que você esteja muito impressionada de qualquer maneira", disse ela. “E há muito mais que eu poderia te mostrar. Anos e anos de brigas mesquinhas e preconceito, insensibilidade e violência. É disso que os deuses são feitos, ao que parece.”

"Tudo isso foi há muito tempo", eu disse. "Eles não agiram assim durante o tempo que estive com eles."

“Além de agora, quando eu os *fiz* lembrar do passado?” Muninn se inclinou para frente. “Eles fizeram um pequeno show para você. Por sua preciosa valquíria e sua preciosa missão de encontrar Odin. Eles não dão a mínima para você, assim como Loki deu a mínima para a vida de Baldur, assim como Thor deu a mínima para as vidas intermináveis que ele matou, assim como Odin não deu a mínima para saber se seus guerreiros eram realmente tão dignos . ”

“É por isso que você está nos colocando nisso tudo? Porque você não gosta das coisas que eles fizeram? É o tipo de panela que chama a chaleira negra para acusá- *los* de serem cruéis. Quantas vezes um de nós poderia ter sido morto pelas coisas que você criou lá?”

A mulher corvo não parecia perturbada pela minha acusação. “Se você tivesse se sentado, aceitado o reino que eu lhe dei, eu não precisaria fazer nada. Mas você estava tentando sair. Medidas exigem contramedidas. ”

Tive a sensação de que não iria convencê-la do meu ponto de vista tão cedo. "Tudo bem", eu disse. "Bem. Isso ainda não responde por que estou aqui.” Ou por que ela nos trancou nesta prisão em primeiro lugar, não que eu esperasse que ela me falasse sobre isso.

O sorriso dela voltou. "Espero que você veja a razão", disse ela. “Você fez seus sentimentos sobre a cela que eu criei muito claros. E é verdade, não tenho nenhuma disputa real com você. Você simplesmente estava em má companhia. Então, eu queria fazer uma oferta a você.”

Meu corpo endureceu contra o estofamento macio da cadeira. "Que tipo de oferta?" Eu pressionei quando ela fez uma pausa.

"Deixe-os", disse ela, com os olhos fixos em mim. “Deixe eles lidarem com suas memórias sozinhos. Eles sofrem apenas o que trouxeram sobre si mesmos de qualquer maneira. O que eu faço não é fácil sozinha. Eu poderia usar uma valquíria do meu lado. Eles não merecem sua lealdade.”

Eu segurei uma risada. "E *você* faz?"

“Eu ganharia. Não espero nada por nada, como costumam fazer. Você teria sua liberdade também. Você não me serviria - seríamos aliadas. Iguais."

"Você realmente acha que depois de todas as vezes que você mentiu para nós, de todo o perigo que você nos colocou, que eu poderia confiar em você?"

Ela piscou, mais devagar desta vez. “Eu posso admitir que você não deveria ter levado o castigo deles. Você pode escapar agora. Se você optar por retornar a eles... Eu faço o que preciso para manter a célula estável. Não posso prometer nada sobre o que você pode ver da sua própria mente.”

Meus pensamentos voltaram para Petey em sua nova casa. Um arrepio percorreu minha espinha. "Se você usar meu irmão novamente..."

As sobrancelhas dela se ergueram. "Qual? Há tantas coisas que vi em suas memórias que você pode querer evitar.”

Engoli em seco. Esta foi uma oferta, com certeza. Também foi uma ameaça. Só de pensar em todas as coisas do meu passado, ela poderia decidir se recusaria a me esfriar até os ossos.

Eu não precisava descobrir o que mais ela me fez passar. Eu poderia aceitar a oferta dela. Deixar os deuses e deusas para trás. Ver o que me esperava do lado de fora desta sala que eu tive que assumir que também não era o ambiente real de Muninn. Talvez eu tivesse melhores oportunidades de libertar os outros de fora.

Ou eu estava pensando que justificaria me poupar?

Eu me mexi na cadeira, resistindo à vontade de puxar meus joelhos na minha frente como uma criança. “Como isso funcionaria? Esta aliança? Como eu saberia que podia confiar em você para manter sua palavra?” *Como você planeja garantir que eu mantenha a minha?*

Muninn abriu as mãos delicadas. “Um voto simples deve cobrir todas as preocupações. Em ambos os lados. Nós duas vamos querer um pouco de segurança no acordo, presumo.” Seus olhos brilhavam como se ela tivesse lido meus pensamentos e minhas memórias.

Se eu fizesse um voto de lealdade, ficaria presa a ela. E provavelmente me impediria de fazer qualquer coisa para ajudar os deuses contra ela. Chupei meu lábio inferior.

Cada parte de mim recusou a ideia de voltar para essas memórias - tanto minhas quanto as dos deuses. Eu não sabia o que pensar de Loki ou Hod depois da cena que testemunhei. Que outros segredos Thor e Freya e até Baldur tinham que eu ainda não tinha percebido? Todos eles se esconderam muito de mim, não?

Mas, enquanto minha ansiedade me consumia para me soltar, outros tipos de lembranças vieram à tona. Hod sentado comigo no telhado em frente à casa da família adotiva de Petey enquanto eu me despedia, oferecendo palavras para me firmar, me abraçando quando eu estendi a mão para ele. Baldur curando as muitas feridas que eu levei com seu sorriso normalmente inabalável. Freya falando através do meu desconforto comigo, compartilhando sua própria frustração por não poder fazer mais pelo marido. Thor me emprestou seu martelo para que eu pudesse queimar um pouco da minha tensão, me beijando agora com uma vulnerabilidade inesperada.

E Loki. Meu malandro. Meu estômago se revirou mais uma vez, lembrando a maneira como ele conversara com Hod, a maneira como defendia como havia guiado a morte de Baldur. Como poderia ser o mesmo homem que afastou a maneira como os deuses o atormentaram antes, que me assegurou que *eu* não precisava ficar com raiva por ele?

Eu sabia que ele poderia ser perigoso. Essa era sua natureza, como o fogo que ele poderia conjurar? Quente fervendo sob a superfície até que uma rajada aguda o fez queimar, queimando todos ao seu redor?

Ainda não tinha todas as respostas. Eu mal tive a chance de fazer as perguntas. Muninn sugeriu que os deuses esperavam muito de mim sem dar nada em troca, mas eles me deram muito. Eu não estaria viva se não fosse por eles. Eu não teria esses poderes. Eles estavam lá comigo, me apoiando, a cada passo dessa jornada até agora.

Não. Eu não poderia abandoná-los. Inferno, mesmo o pensamento do que eles poderiam estar passando agora fez meu coração doer.

"Obrigado pela oferta", eu disse, levantando-me, "mas vou ter que dizer não, obrigada... Então, vá em frente e faça o que for necessário. Eu estou com eles."

O olhar de Muninn me seguiu enquanto ela ficava na cadeira. Sua mandíbula se apertou. "Você realmente pensou sobre isso?"

O que isso importava para ela mesmo? Lá, eu era apenas mais uma pessoa para ela atormentar, não era? Eu não conseguia ver como ela precisaria tanto de um ajudante, um que não pudesse encontrar em outro lugar entre os elfos negros ou quem quer que fosse.

Eu parei. Não era realmente sobre como eu poderia ajudá-la aqui, era? Era sobre como eu poderia machucá-la lá.

"Você está certa", eu disse. "Eu não tinha pensado nisso o tempo todo. Você nem quer realmente uma aliança comigo, não é? Você só está preocupada comigo estar em sua pequena 'cela' porque não compartilho tantas lembranças como os outros. É muito fácil para mim ver suas construções quando estou com elas. Muito fácil para mim agitar suas memórias com uma perspectiva externa. "

"Você não sabe de nada", disse ela, seu tom ficando altivo. O queixo dela se levantou.

"Eu sei que vou quebrar esta prisão", eu respondi. "Eu sei que você também sabe, ou você não teria medo de mim o suficiente para tentar vinho e jantar comigo. Talvez eu deva ser a pessoa a fazer ofertas. Vamos sair agora, e não vamos..."

Ela emitiu um som estrangulado e estendeu as mãos. "Tenha o mundo que você quer então. Só vai piorar."

Eu tropecei para trás - e saí por uma porta aberta que não estava lá um instante antes.

14

Baldur

Eu tentei segurar. Com cada fragmento de força que eu tinha em mim, eu tentei. Mas a escuridão inchou de dentro de mim, apagando o pátio e a parede contra a qual eu havia me apoiado e meus companheiros deuses. *Me* apagando. Eu não era nada além de um pensamento em um vazio infinito, uma extensão fria e escura que continuava e continuava e ainda se fechava ao meu redor com tanta força que eu lutava para respirar.

O silêncio ecoou em meus ouvidos. Nenhum gosto encontrou minha língua, nenhum perfume atingiu meu nariz. Nenhuma sensação me tocou, exceto o nada gelado.

Minha mente estremeceu. Tive o impulso de fechar os olhos que não podia mais sentir, como se pudesse fechar a escuridão com mais escuridão. Talvez eles já estivessem fechados. Tentei tatear e agitar, mas não sabia dizer se estava me mexendo. Um arrepio percorreu meus pensamentos.

Não é isso de novo. Por tudo que era sagrado, *não*.

Isso acabaria. Eu me apeguei a esse fato no momento em que surgiu em minha mente. Isso não foi para sempre. Foi apenas um truque de Muninn. Ela estava imitando a escuridão fria da morte em que eu me demorei por anos e anos que pareciam uma eternidade, quando eu pensei que poderia ser uma eternidade, afinal. Na primeira vez, eu não fazia ideia de que renasceria. Pelo que eu sabia, eu estava

destinado a vagar naquele nada arrepiante até meus pensamentos se desintegrarem completamente e...

Não. Não estava me adiantando lembrar desse medo. Eu tenho que lutar contra isso. Muninn queria nos destruir, e eu não podia deixá-la.

Se ela não tivesse escolhido sua arma tão bem.

Concentre-se no que veio depois. Concentre-se no calor e na luz. Luz para queimar a escuridão que ela havia chamado. Eu apertei meus pensamentos e os virei nessa direção.

Ele *tinha* sido quente e leve, aquele momento quando eu abri meus olhos para um campo na borda de Asgard, grama assobiou alto em torno de mim em uma brisa final da primavera, o sol radiante em cima. Com toda essa sensação ao meu redor de uma só vez, depois de tanto tempo no vazio, eu não sabia como processá-la. Eu só fiquei lá pelo que pareceram horas, absorvendo tudo, meus pensamentos se estabelecendo atrás de uma névoa de calma que convocava com a luz. Eu precisava daquela névoa para abafar tudo antes: o frio, a escuridão e o nada.

Talvez não tivesse passado tanto tempo assim. Quando eu me levantei no campo, outros deuses e deusas ao meu redor estavam encontrando seus pés também. Nós nos viramos, contemplando um ao outro e os corredores de nossa grande cidade, altos e brilhantes, além da grama. Alguns outros começaram a rir de puro deleite. Lágrimas escorreram pelo rosto de uma deusa passando por seu sorriso brilhante. Eu sorri de volta automaticamente. Eu não sabia o que eles haviam passado, mas eu podia entender a alegria deles.

Eu me virei novamente e me vi cara a cara com Hod.

A última vez que eu o enfrentei - *não*. Cortei esse pensamento, essa memória e a labareda das trevas que se apegavam a ela.

"Irmão", ele disse asperamente.

Eu não poderia dizer como ele me reconheceu. Estávamos do lado um do outro com tanta frequência desde o momento em que nascemos, ele provavelmente poderia ter lido minha presença no ritmo da minha respiração, na mudança do meu peso contra o chão. Ele me disse uma vez que podia sentir a luz em mim, mesmo que não pudesse vê-la.

Abri meus braços e ele entrou neles. Nós nunca nos abraçamos tanto quando crianças, mas esse momento parecia o momento para isso. Ele me apertou com força e deu um passo para trás, a tensão ainda em seu corpo.

"Irmão, eu -"

Eu o cortei instintivamente, minha mente afundando mais fundo na névoa de luz. "É bom estar de volta, não é?" Brinquei com as pontas dos dedos sobre as folhas da grama. "É maravilhoso."

Ele engoliu em seco. "Sim. Sim. Tudo parece como estava. Parece o mesmo?”

Eu considerei a cidade novamente. O brilho foi um pouco mais suave? Não sabia se podia confiar nas minhas memórias antes do vazio. Ele rastejou por todas as partes de mim. Manchava todas as imagens que eu já tinha.

Um calafrio percorreu-me. Afundei profundamente na névoa.

"Tão magnífico como sempre foi." Eu o segurei com uma pincelada dos meus dedos contra sua manga. "Vamos para casa."

Não tínhamos chegado à cidade naquela primeira vez. Demos apenas alguns passos quando uma figura alta e imponente se juntou a nós.

Nosso pai, o Grande Pai, renascera com sua capa de viagem pendurada nos ombros e o chapéu de abas largas amassadas ainda sombreando seu único olho brilhante e a cicatriz do outro. Parecia que ele não tinha voltado tanto dos mortos como de uma caminhada ao redor de Midgard.

"Meus filhos", ele disse em voz baixa. Ele deu um tapinha no ombro de Hod e me puxou para um abraço breve, mas apertado. "Faz muito tempo."

Seu olhar viajou pelo campo e parou em Frigg, nossa mãe. Ela estava nos observando de onde havia hesitado no meio da multidão de Aesir renascido. Algo no rosto de Odin escureceu.

Naquele momento, não entendi, não me concentrei nisso o suficiente para perguntar, mas depois descobri que o casamento deles começara a se fragmentar pouco depois da minha morte. Ele a culpou pelos votos, pelo jogo que os havia seguido e seu trágico fim. Parecia que a culpava mais do que ele culpava Loki, o que nunca fez muito sentido para mim nos momentos fugazes que eu me permiti considerar. Mas os pensamentos mais profundos de meu pai eram muitas vezes misteriosos.

Ele cutucou meu lado então, com firmeza, mas não com força suficiente para machucar. "Os votos que foram feitos em nome de sua mãe não se aplicarão a você em seu

renascimento", disse ele, com o tom um pouco áspero. "Não tente o destino fingindo invulnerabilidade." "Claro que não", eu disse.

Eu já tinha visto minha própria esposa: a adorável Nanna. Ela correu pela grama para se juntar a nós e colocou o braço em volta do meu, inclinando a cabeça no meu ombro com um suspiro que era quase um soluço. Mesmo quando levantei minha mão na primeira vez para atraí-la para mais perto de mim, a névoa que envolvi em torno de mim rastejou no espaço entre nós.

Não importa quanta luz eu chamei para obscurecer o passado, eu sabia que não era o deus com quem ela se casara. Eu tinha deixado muito para trás na escuridão do vazio. Poucos casamentos de Asgard sobreviveram ao primeiro século depois de Ragnarok, mas o nosso desmoronou mais rápido que a maioria.

No presente, no vazio falso de Muninn, eu tremi. Não havia muito calor na memória de nossa queda. Se eu ficasse lá, o corvo vence. Eu levantei minha mente ainda mais adiante.

A única figura de real importância que eu não tinha visto em campo naquele dia era o próprio Loki. Foi apenas algum tempo depois que ele veio até mim enquanto eu passeava pelo pomar. Outro dia brilhante de primavera, mas eu não sabia dizer se haviam passado apenas algumas semanas após o nosso despertar ou no próximo ano. Os dias tinham borrado junto com a névoa em volta dos meus pensamentos.

"Oh, Luminoso", ele disse em seu tom alegre, dando um passo ao meu lado. Mas ele manteve uma distância cautelosa entre nós, sua cabeça mergulhando um pouco.

“Espero que não exista ressentimento - o passado deixou de ser passado e tudo isso? Eu nunca *lhe* dei nenhuma animosidade. As circunstâncias eram o que eram - tirando o melhor partido de uma situação ruim... ”

"Não guardo ressentimentos", disse a ele. Eu não queria sentir nada, não queria pensar em nada sobre o tempo antes do campo.

Ele me deu seu sorriso mais brilhante, brilhante o suficiente para rivalizar com um fogo ardente, e nunca mais voltamos a falar sobre isso. Você poderia dizer muitas coisas sobre o trapaceiro, mas uma coisa que ele sabia como ser sem falhas era ser prudente, se ele sentisse que lhe devia isso.

Essa lembrança me fez deslizar de volta para a escuridão do presente. As palavras afiadas lançadas entre meu irmão e Loki enquanto eu entrava em espiral neste lugar. Eu tentei tirar essas imagens da minha mente.

O frio apertou mais forte ao meu redor ao mesmo tempo. A escuridão engasgou a garganta que eu não podia sentir. Um choque de pânico espalhou meus pensamentos.

Luz. Eu precisava de luz. Essa era a única maneira de eu lutar contra isso.

Normalmente eu poderia tirar um brilho quente de mim mesmo simplesmente querendo. A luz se apegou a mim e serpenteava através de mim como as sombras chegaram a Hod. Eu desejei uma explosão de brilho no espaço ao meu redor, como se ainda não soubesse como isso terminaria.

A luz e o calor desapareceram no vazio, engolidos no segundo em que me deixaram como se nunca estivessem lá. O frio se infiltrou ainda mais.

Impulsionei mais luz e senti que se soltou de mim antes de me controlar. Não havia sentido em dar brilho ao escuro. Eu tive que recuar para dentro de mim, segurar a luz que eu poderia encontrar lá. Ficar são seria uma vitória. Muninn poderia me ferir, mas apenas tão profundamente quanto eu deixar.

Havia tanta luz na minha vida, mesmo nos anos à espera do retorno de Odin em Midgard. Loki, olhos sempre brilhando com travessuras, cabelos brilhando como fogo, radiantes enquanto ele fazia suas piadas astutas. A voz jovial de Thor enquanto ele rugia de rir e passava um prato de comida enquanto nos sentávamos ao lado da lareira crepitante. Os passeios que fiz com Freya pelo campo, nós dois ficamos quietos em um entendimento mútuo de que queríamos companhia, não conversa.

E Hod, que morava tanto em sua própria escuridão que até um vislumbre de luz dele podia encher uma sala. As vezes que ele parou na sala de música e se recostou para me ouvir tocar, um sorriso raro cruzando seu rosto... Eu apreciei todas as lembranças assim.

Eu tinha visto seu sorriso mais nas últimas duas semanas, quando ele conheceu Aria. Nossa valquíria acendeu algo em meu irmão sem nem perceber. Mas então, ela tinha quase tanto fogo nela quanto Loki. Minhas lembranças dela brilhavam em minha mente: sua voz vibrante enquanto ela cantava junto com meu violão, seu sorriso quente ou feroz, dependendo da situação à nossa

frente. Sua força e brilho eram como se ela fosse feita de aço forjado pela luz do sol.

Mesmo enquanto eu pensava nisso, a memória em que eu estava me escondendo se esmaeceu. Uma onda de frio rastejou através dela, embotando o brilho de Ari. Eu chicotei meus pensamentos dela para Hod, para Loki, para nossos outros companheiros, mas a escuridão me perseguiu.

Isso já havia acontecido antes. O vazio rastejou dentro de mim até preencher todas as fendas da minha cabeça, manchar até minhas melhores lembranças.

Eu não poderia deixar isso acontecer. Eu não poderia cair naquele poço sem fim novamente. Eu tinha deixado muito para trás da primeira vez. O que restaria de mim se eu me perdesse uma segunda vez? Os outros, todos eles - eles precisavam de mim nesta batalha.

O pânico tremeu através de mim. Eu tentei torcer e fixar meus pensamentos, mas eles voavam por todo lado, fugindo dos dedos do frio. Eu não estava pronto para isso.

Eu não me deixei, tinha tanto medo de considerar que isso poderia acontecer.

Uma memória diferente surgiu, uma não brilhante ou quente, mas tingida de arrependimento. Hod veio até mim querendo falar sobre aquele momento no pátio, sobre o que eu poderia ter passado depois, apenas alguns dias atrás. Eu o rejeitei. Eu disse a ele que não havia necessidade. Eu bati nele para parar.

Eu estava errado. Como eu me convenci de que, de alguma forma, fiz as pazes com o passado? Eu simplesmente não tinha pensado nele e havia chamado isso de paz o

suficiente. Mas agora que fui forçado a assistir novamente, não tinha a menor ideia de como me defender. Eu não tinha nada além do pânico e do medo subindo por baixo.

Só respire. Eu me apeguei a essa ideia o mais forte que pude. Apenas respirei com os pulmões que não pude sentir, o ar que não pude provar. Dentro e fora. Pense em nada além disso. Eu *tive* que aguentar o máximo que pude. Eventualmente isso acabaria. Eventualmente, Muninn decidiria que eu já tinha o suficiente. Talvez eu não pudesse lutar, mas eu poderia suportar.

Deixe-me não ter perdido muito até o momento em que ela cedeu. E se eu tivesse outra chance de conversar, afastar a névoa e enfrentar a verdade com alguém que se importava com o céu acima, não devo desperdiçá-la.

15

Aria

Eu deveria saber que acabaria em algum lugar ruim após o aviso de Muninn, após a raiva em seu rosto. Mas de alguma forma eu não estava preparada para me deparar com a sala de estar da minha antiga casa, com o cheiro azedo escorrendo do tapete manchado e as almofadas do sofá afundando na penumbra que passava pelas persianas. Cada músculo do meu corpo ficou tenso instintivamente, mesmo que eu estivesse sozinha na sala.

Sozinha por um breve momento. Eu me virei e mamãe apareceu na porta da cozinha, sua expressão tensa como uma toalha torcida.

Ela apontou um dedo para mim. “Não me dê esse olhar. Como se você merecesse metade do tempo e energia que já lhe dou. Por que você não fica no seu quarto, onde eu não preciso ver seu rosto comprimido? Você não gosta do jantar? Consiga um emprego e compre você mesma.”

Era uma colcha de retalhos de toda a minha infância. Só Deus sabia de que jantar eu havia me queixado - muitas vezes ela jogava alguns pedaços de pão e margarina na mesa e disse a Francis e eu para irmos lá. Até o momento eu tinha treze anos, um ano após sua morte, eu *tive* que começar a pegar biscates para me manter fora da casa e colocar um pouco mais de comida na minha barriga. Ela vinha fazendo essa sugestão desde que eu tinha mais ou menos cinco anos, se ela nem se preocupava em responder uma queixa, em vez de apenas revirar os olhos e me dar as costas.

"Por que *você* não consegue um emprego?" Voltei agora antes que eu tivesse a chance de pensar melhor em me envolver. Meus nervos tremeram. Quem mais iria aparecer? Esse corte de cabelo - esbelto, na altura dos ombros, e descolorido para um loiro mais amarelo - foi por volta dos dois anos. Trevor. Um calafrio mais gelado passou por mim.

"Não fale assim comigo, sua putinha!" Mamãe gritou. Eu já estava mergulhando para a porta do outro lado da sala. Eu corri através da sala de lama que era mais uma lixeira, até o quintal, onde o balanço enferrujado deixado pelos ex-proprietários da casa estava rangendo.

Se eu estivesse longe o suficiente, Muninn me jogaria de volta aqui? Poderia muito bem descobrir. Prefiro correr do que esperar o verdadeiro show de terror começar. O que eu realmente precisava era encontrar pelo menos um dos outros deuses. A mulher corvo quase confirmou com suas reações. Quando estávamos juntos, desafiando as memórias, sua prisão ficou muito mais instável.

Subi a cerca de arame amassado e corri pela entrada do vizinho. O grunhido de um motor familiar, o que me ensinou a me afundar debaixo das cobertas, se eu o ouvisse chegar tarde da noite - como se isso me protegesse - ecoava pela rua.

Meu coração gaguejou. Eu me joguei na direção oposta.

Eu era mais forte que isso agora. Se ele viesse até mim, se Muninn forçasse o assunto, eu cortaria sua porra de garganta. O pensamento era doentio e satisfatório ao mesmo tempo.

Dobrei a esquina, passei pela lavanderia e pelo carro de fora da garagem. Até onde ela iria me deixar correr? Talvez eu fosse para o parque. Fazer uma boa corrida para esticar as pernas enquanto eu descubro o caminho para sair disso.

Virei para a rua seguinte e Loki saiu tropeçando de um beco à minha esquerda. Ele conseguiu se endireitar com tanta graça que você quase pensaria que se jogava assim de propósito.

Seu olhar brilhante encontrou o meu. "Aí está você. Você tem alguma ideia de como é difícil rastreá-la através deste labirinto de memória?"

Eu diminuí a velocidade quando me virei para encará-lo, mas dei um passo para trás e outro. Um tipo diferente de tensão envolvia meu intestino. Embora eu quisesse encontrar um dos deuses, não tinha certeza se estava pronta para enfrentar esse. Loki parecia muito mais calmo do que da última vez que o vi, mas a imagem de sua expressão cruel, a pontada de suas palavras, permaneceu muito clara. Como poderíamos lutar juntos se eu não podia confiar nele para não me esfaquear pelas costas?

"Pelo que me lembro, você foi quem fugiu de nós", eu disse.

Ele fez uma careta. "De alguma forma, duvido que teria melhorado a situação se tivesse ficado. Eu pensei que estava pronto, mesmo que ele tivesse feito isso, mas... Ari, não era o que parecia."

"Você não usou Hod para assassinar seu próprio irmão?"

"Eu-" Ele se interrompeu com um suspiro áspero. "É complicado. Só estou pedindo para você não julgar a partir daquele momento em que a imagem inteira é muito maior."

"Complicado", repeti. "Eu realmente não consigo pensar em nenhuma complicação que faria tudo bem. Você sabe, Hod disse a mesma coisa, e eu estava começando a pensar que ele estava apenas se desculpando por te odiar sem uma boa razão. Mas, vendo isso, estou surpresa que ele possa ficar perto de você."

Loki estremeceu. Ele estendeu a mão para mim. "Duende..."

A nota de persuasão em sua voz me arrancou com muita força. Eu não estava aqui para ele me falar com simpatia. Eu não confiava em mim mesma para não ser influenciada quando não deveria. Ele era muito escorregadio.

"Não", eu disse. "Não me chame por apelidos, não aja como se eu estivesse do seu lado aqui. Se você quiser ajudar a encontrar uma maneira de dividir esse lugar, ótimo. Vamos nos ater a isso. Eu quero sair daqui, não falar sobre maneiras de justificar o assassinato."

Eu me virei. Loki correu atrás de mim.

E a visão do meu bairro de infância se dividiu com um trovão.

Eu girei mais rápido, meus ouvidos zumbindo, enquanto a escuridão se fechava ao meu redor. Meu pulso bateu forte. Eu esperei a escuridão me derramar em uma nova memória... mas não aconteceu.

Meu senso de meu corpo parou e então começou a desaparecer. Eu estava flutuando lá no preto e no frio. Que porra de tortura era essa?

Eu me virei, tanto quanto eu ainda podia me mover com a minha pele e os músculos embaixo dela ficando dormentes. Um fio de sensação correu pelo meu peito. Um dos meus deuses, um dos outros deuses que ajudaram a me transformar em uma valquíria, estava em algum lugar próximo. Desta vez não Loki, não pensei.

Uma pontada de alívio reverberou através de mim. Eu me agarrei em direção a essa impressão, me agarrando e me arrastando em direção a ela com toda a força que eu tinha no meu corpo. O frio mordeu meus ossos e um suspiro me escapou. Eu me joguei mais rápido.

Minha mão se fechou em torno de um cotovelo. Pele firme, mas fria. Meus dedos deslizaram sobre um braço bem musculoso. Eu me puxei para mais perto, e um perfume como uma brisa fresca da primavera tomou conta de mim.

Baldur. Em que diabos foi esse lugar em que ele se meteu? Eu ainda não conseguia vê-lo, não conseguia ver nada além da terrível escuridão sem fim, mas eu segurei. Inclinei minha cabeça no canto do ombro dele, e ele se virou para mim como se tivesse acabado de perceber que eu estava lá. O braço dele deslizou em volta da minha cintura. Frio. Muito frio.

Enganchei meu próprio braço em volta dele, pressionando-me contra ele com todo o corpo. Tentando compartilhar qualquer calor que ainda tivesse no meu corpo com ele. Ele poderia literalmente congelar até a morte neste lugar? Tudo o que eu tinha visto sugeria que Muninn ficaria

satisfeita se sua tortura acabasse nos matando. Menos problemas para ela então.

“Aria” murmurou Baldur, rompendo o silêncio aborrecido que nos rodeava. Seus lábios roçaram minha testa enquanto ele falava. "Você não deveria estar aqui."

"E você deveria estar?" Eu disse. Eu podia sentir seu coração batendo forte no peito agora. O calor começou a fluir sob sua pele, onde tocou a minha. Tinha que ser a memória dele. Como poderíamos sair disso?

Eu o abracei mais perto. “Eu *estou* aqui. Estou bem aqui com você. Não sei como você conseguiu essa memória, mas agora é diferente. Você não está sozinho."

"Eu morri", disse ele, áspero, como se as palavras tivessem rasgado alguma coisa na saída. "É aqui que você vai quando morre."

Um reino de frio e escuridão e nada mais. Oh Deus. Foi horrível o suficiente para mim e não prosperei com a luz como Baldur. Não é atoa que ele não queria falar sobre onde esteve durante Ragnarok.

O que você diz a alguém que morreu e ficou lá por tanto tempo e agora estava tendo que reviver aquela tortura novamente? O que poderia convencê-lo de que não tinha sido o tormento que parecia? Tudo o que eu poderia ter dito ficou preso na minha garganta. Abri a boca, fechei novamente e me forcei a continuar.

“Você sobreviveu uma vez. Você sobreviverá novamente. Como eu. Merda acontece, e continuaremos. E desta vez, você me contratou. Já está mais quente assim, certo? Tudo que você precisa fazer é trazer a luz.”

Ele se mexeu contra mim, a flexão de seus músculos enviando um arrepio muito mais agradável através de mim. “Eu tentei, mas eu perco. Escapa para longe de mim.”

"Tudo bem." Inclinei minha cabeça contra seu peito. "Então eu vou ficar aqui no escuro com você até conseguirmos passar." E espero que isso seja suficiente.

Sua mão se fechou contra as minhas costas. Sua cabeça mergulhou sobre a minha e, desta vez, quando seus lábios roçaram meus cabelos, o gesto foi decidido. Parecia um beijo. Meu coração pulou. "Baldur..."

Ele respirou fundo. Abri meus olhos para um brilho fraco emanando de sua forma. Agora ele estava visível contra a escuridão, enevoando o negro como uma daquelas águas-vivas translúcidas que voavam pelas profundezas do oceano. Claro, eu não gostaria que uma água-viva me segurasse assim.

Algo que eu disse que deve ter passado. Estávamos chegando a algum lugar. A escuridão fria ainda nos apertava com força, mas não estava mais completa.

"Lá vai você", eu disse, olhando para ele com um sorriso. "Você encontrou a luz."

"Você me encontrou", disse ele, sorrindo de volta, mas sua expressão era mais tensa, mais intensa do que eu estava acostumada. O sonho havia desaparecido. "Obrigado."

"Não tenho certeza se realmente fiz tanto", eu disse. "Não é exatamente um teste doloroso te dar um abraço."

Ele riu. Seus dedos acariciaram meus cabelos e minhas costas, desenhando uma trilha de calor através de mim.

“Isso não é... fico feliz que você tenha estado conosco, sabe. Acho que nunca te disse isso, mesmo pensando nisso. *Você* tem uma luz que traz para nossas vidas que precisamos.”

Eu não me senti tão brilhante, mas se o deus da luz disse isso, imaginei que ele deveria saber do que estava falando. E... "Hod disse algo assim também."

"Ele fez?" O sorriso suave voltou. Seus olhos, ainda mais brilhantes que o resto, procuraram os meus. “Você se sente bem perto dele. E de Loki também.”

"Bem, eu fiz, de qualquer maneira." Essa bobagem parecia fora de lugar no momento. Eu não sabia o que ele estava procurando em mim. Algo que ele precisava, para romper o resto dessa ilusão? A honestidade parecia funcionar melhor antes. "Eu gosto de tudo em você. Quero todos vocês.” Um rubor se espalhou pelo meu pescoço dizendo isso abertamente, mas era verdade. "Isso é um problema?"

Por um segundo, ele não parecia saber o que dizer. Ele segurou meu rosto, abaixando o dele para que seu nariz roçasse o meu. “Aria... eu mantive minha distância do resto do mundo por tanto tempo. Eu não sei como ser o que você precisa. Mas eu gostaria de poder ser isso. Muito."

O desejo ecoou por suas palavras. Isso despertou um desejo correspondente em mim. Foda-se Muninn. Foda-se sua prisão estúpida. Deixe-a ver o quão pouco me importava com *ela* e suas maquinações. Talvez eu possa ser a única a destruir este lugar. Este homem na minha frente - ele importava. E ela tentou quebrá-lo novamente.

"Você está sempre pensando sobre isso, não é?" Eu disse suavemente. “O que as outras pessoas precisam. Como

você pode facilitar as coisas para eles. Mantendo todos nós em harmonia. Talvez você deve pensar sobre o que *você* precisa, o que você quer, para uma mudança."

"O que eu quero", ele murmurou. Ele levantou meu queixo e sua boca encontrou a minha.

Se Loki levou fogo ao seu beijo, Baldur trouxe o sol do verão. Um calor suave irradiava através de mim, despertando um desejo mais quente na minha barriga. Eu o beijei de volta com todo o desejo que eu tinha em mim, derramando aquele calor de volta nele. Nenhum calafrio que Muninn enviou poderia resolver isso.

A respiração de Baldur gaguejou quando sua boca se deslocou contra a minha, inclinando-se para encontrar um ângulo mais profundo. Minhas mãos deslizaram para explorar os contornos de seu peito musculoso através de sua camisa. Seus dedos brincaram no meu cabelo, seu toque enviando tremores de prazer através dos meus nervos. Eu o beijei mais forte. Afogar-me no brilho dele era a coisa mais incrível que eu podia imaginar naquele momento.

"Aria." Meu nome saiu como um suspiro. Sua boca se afastou da minha, traçando um percurso aquecido ao longo da minha mandíbula e descendo pela lateral do meu pescoço. Uma mão caiu na minha cintura e começou a subir, cada vez mais perto das curvas dos meus seios.

Eu arqueei para ele com um gemido. A escuridão estava caindo ao nosso redor enquanto seu brilho se expandia. Um pouco mais, e podemos ser livres, pelo menos deste lugar, completamente. Mas, mesmo quando o movimento de seus lábios me deixou ardendo de necessidade, um tipo diferente de calafrio percorreu meus nervos.

Nós estávamos indo rápido. Isso estava ficando perigoso. Até onde eu queria que isso fosse? Eu o queria - oh, merda, sim, eu queria - mas as sombras das memórias que Muninn havia trazido muito perto da superfície estavam nas bordas da minha mente.

Devo ter ficado um pouco tensa, porque Baldur fez uma pausa. Ele recuou apenas alguns centímetros, observando minha expressão. A fome ainda brilhava em seus brilhantes olhos azuis, mas ele disse: "Você sabe que não precisa..."

A escuridão se lançou sobre nós, golpeando nosso abraço. Em um piscar de olhos, rasgou Baldur dos meus braços.

16

Aria

Uma determinação feroz ecoou através de mim. Eu *não* estava deixando Muninn ditar todos os termos aqui. Eu a descobri, pelo menos em parte. Nós aquecemos sua escuridão. Eu poderia lutar de volta.

Concentrando toda a minha energia em Baldur, me joguei de volta para ele. Minha mão pegou seu tornozelo. Nós voamos juntos pelo ar e pousamos em uma pilha um ao lado do outro em azulejos de mármore frio. O impacto enviou uma lasca de dor através dos meus joelhos já crus. O tecido do meu jeans rasgou, descobrindo a pele raspada.

Eu rolei. Estávamos de volta a Asgard que eu conhecia, no caminho principal que levava entre os corredores, o pátio com sua fonte borbulhando ao longe. Brilhando sob o luar. Muninn tinha trazido a noite sobre nós, uma quietude sombria que mal me enervou depois do tom escuro do qual acabamos de cair.

E ela não conseguiu seu caminho completamente. Baldur estava sentado ao meu lado, seu cabelo loiro branco balançando quando ele balançou a cabeça. Eu consegui nos manter juntos, qualquer um de nós que ela pretendia enviar aqui. Ainda não vi nada ameaçador, mas, naquele momento, sabia que não devia confiar nessa impressão.

Baldur virou-se para mim e seus brilhantes olhos azuis se arregalaram. Foi a primeira vez que ele me viu corretamente desde que eu o peguei naquele vasto nada.

"Você está machucada", disse ele. "Deixe-me-"

Em vez de continuar falando, ele simplesmente se aproximou, colocando a mão na lateral do meu joelho. Mesmo que a pele crua ainda estivesse ardendo, seu toque enviou uma labareda de calor na minha coxa.

"Eu não posso fazer nada sobre o rasgo no seu jeans", disse ele, a nota áspera em sua voz sugerindo que ele também não era totalmente afetado.

"Vou pegar o que você puder oferecer", eu disse, e quase mordi minha língua.

Baldur me deu um sorriso lento que pareceu inesperadamente perverso por um momento, mas desapareceu assim que ele voltou à tarefa em questão. Com um toque de seus dedos, os arranhões nos meus joelhos se fecharam. Ele pegou meu braço, fazendo uma careta ao ver os machucados lá.

"Estou construindo uma coleção", eu disse.

Ele deu uma risada curta e suave. “Certamente parece. Eu posso consertá-los pelo menos em parte.”

Sua mão deslizou pelo meu braço, mais calor me inundando com isso, e não apenas o tipo de cura. Eu resisti à vontade de morder meus lábios - os lábios que ele estava beijando há alguns minutos atrás. Quando ele terminou com os dois, seu olhar voltou para o meu rosto.

"Existe algum outro lugar?"

Foda-se, havia algum outro lugar que eu queria que ele tocasse? Sim e não. Que tal em todo lugar?

O pensamento enviou outra onda de nervosismo através de mim. Meus dedos se curvaram contra os azulejos de mármore. Antes que eu pudesse descobrir como responder, um gemido abafado chegou aos meus ouvidos. Minha cabeça girou.

"Tem mais alguém aqui."

Nós subimos. A cidade ficou em silêncio novamente, mas parti na direção em que o som tinha vindo. Quem Muninn estava atormentando aqui - e se eles já tivessem sido gravemente feridos? Baldur se apressou ao meu lado, seus passos diminuindo de velocidade enquanto abaixávamos a uma passagem mais estreita entre dois corredores bem espaçados.

"Isto é..."

Nós dois paramos no final da passagem. Era o caminho para o pátio secundário, onde nos encontramos pela última vez em Asgard. O pátio onde Loki havia guiado Hod a lançar a lança de visco e matar Baldur em suas memórias compartilhadas.

A lua estava baixa o suficiente para que apenas um pouco da luz tocasse o pátio. O suficiente para ver o cadáver de Baldur ali, como na cena da luz do dia. Hod estava agachado ao lado do corpo, a cabeça baixa. Pedaços escuros espalharam os azulejos de mármore ao lado dele. Levei um segundo para perceber que eram os pedaços quebrados do ramo de visco.

Baldur endureceu. Quando eu olhei para ele, ele ergueu os ombros. Com passos cuidadosos, ele atravessou o pátio até seu irmão gêmeo.

"Irmão", ele disse gentilmente. "O que você está fazendo aqui?"

Hod levantou a cabeça alguns centímetros. Seu olhar passou de Baldur para mim, onde eu estava subindo atrás do outro deus. Eu pensei que sua postura ficou tensa ainda mais do que já era. Ele olhou para o irmão gêmeo novamente.

“O corvo me colocou aqui - o que você acha? Onde está melhor?”

Baldur sentou-se ao lado dele, perto o suficiente para que, se ele esticasse a perna completamente, pudesse cutucar o próprio cadáver com o pé. "Não vejo nada te segurando aqui."

“Oh, eu tentei sair. Confie em mim. Isso não foi tão bem.”

A tensão em sua voz fez meu coração doer. Eu vacilei, de pé a alguns metros de distância, não tendo certeza de que era o momento de me intrometer. Não era como se eu tivesse outro lugar para ir, no entanto. Talvez eu visse uma chance de enfraquecer ainda mais a prisão de Muninn.

“Você está bem?” acrescentou Hod, seu olhar ainda em seu irmão gêmeo. "Não consigo imaginar, passar por tudo isso de novo... sei que você não gosta de falar sobre isso, mas também sei que ainda o assombra como pela primeira vez." O rosto de Baldur caiu. “Tentei deixar isso para trás, para não deixar que o que eu sentia afetasse mais ninguém agora. Me desculpe se eu...”

“Oh, pelo Grande Pai, eu não estou dizendo que você fez algo errado. Apenas... estamos juntos desde o útero, Baldur. Eu sei quando algo está errado. E foi desde o primeiro

momento que encontramos nosso caminho de volta para Asgard.” Sua boca se apertou. “Você vive como se houvesse dez camadas de gaze entre você e o resto do mundo - como se você suavizasse todos os golpes possíveis com antecedência, nada teria que doer. Ninguém que está realmente bem tem que fazer tanto esforço para continuar assim. ”

Baldur molhou os lábios e olhou as mãos apoiadas nos joelhos.

"Encontrando a verdade nas memórias", eu disse calmamente. “Mudando a maneira como vocês se lembram do que aconteceu... Está desgastando a prisão. Está nos ajudando a sair.”

Eu sabia o que Hod quis dizer sobre as camadas de proteção que o deus da luz parecia ter envolvido em torno dele. Aquele sonho que notei desde o primeiro momento em que o vi, que ele carregava quase como uma armadura. Mas naquele momento, enquanto ele inalava trêmulo, algo na maneira como ele se segurava mudou. Sua coluna se endireitou, seu queixo endureceu. Como se tivesse voluntariamente jogado algumas daquelas camadas de armadura.

Ele me ouviu e estava lutando à sua maneira.

"Você está certa”, disse Baldur. “Foi... a morte que me quebrou. Isso me partiu e depois partiu os pedaços que tinha feito de mim de novo, e de alguma forma eles voltaram a se reunir quando acordamos naquele campo depois, mas eu nunca senti como se eles se encaixassem do jeito que eles deveriam. Suponho que passei muito tempo tentando evitar reconhecer o quão errado eu voltei, esperando que pudesse

dar certo se eu mantivesse uma boa cara por tempo suficiente. ”

"Sinto muito", disse Hod com voz rouca. "Pelos nove reinos, me desculpe." Baldur apertou seu ombro. "Eu nunca-"

O cadáver estremeceu. A voz de Baldur cortou com um engate. A forma do seu eu anterior, túnica rígida de sangue seco, caiu sobre os joelhos. O sangue também manchava os lábios e os dentes do deus morto. Os olhos do cadáver estavam nublados, um azul mais gelado do que os verdadeiros de Baldur jamais haviam sido, mas eles se concentraram em Hod. Palavras chocalharam de sua garganta. "Você acha que basta, irmão?"

Oh, Deus, que horror o corvo inventara agora? Os irmãos de verdade se levantaram, tropeçando para trás, onde eu estava. Hod olhou cegamente para o cadáver, seus músculos rígidos da cabeça aos pés. A coisa se levantou e balançou. Um cheiro azedo e podre de carne em decomposição rolou, me fazendo engasgar. “Draug” murmurou Baldur, sua expressão tensa.

"O quê?" Eu disse, dando outro passo para trás quando o cadáver avançou em nossa direção.

"Algo como a sua ideia de zumbis", disse Hod com uma voz rouca. Os mortos voltam à vida. Inchado, apodrecendo e procurando passar a morte.

Sua mão se fechou em um punho, mas eu sabia apenas olhando para ele que ele nunca acertaria aquela coisa, não importa que, obviamente, não fosse seu irmão de forma alguma agora. O verdadeiro Baldur nunca ressuscitou dos mortos assim, claramente. Muninn estava misturando

memórias novamente, fundindo a morte com monstros com os quais os deuses haviam lidado.

A criatura levantou o braço. Estava segurando a lança do visco, reformada, a ponta pontilhada manchada de vermelho escuro e apontada para Hod. "Você me derrubou, roubou minha vida e minha luz, e quer pedir *desculpas*?"

Hod se encolheu. Baldur agarrou seu antebraço. "Esse não sou eu", disse o deus da luz. “Esses não são meus pensamentos. Eu...” O queixo dele se apertou. “Talvez eu esconda isso de mim também. Talvez eu esteja com raiva de você. Talvez uma parte de mim não quisesse falar com você, porque talvez você também estivesse livre da dor. Mas isso não foi justo da minha parte. Eu sou o deus da justiça e *sei que* você não merece isso. Eu sei que você nunca quis me machucar.”

"Mas eu fiz", disse Hod. “Eu *matei* você. Foi minha culpa, pelo menos tanto quanto a de Loki.”

"Tudo culpa sua", o zumbi murmurou. "Todo seu-"

Ele pulou inesperadamente, batendo com a lança do visco. Eu estava certa sobre Hod. Seu braço disparou, mas apenas para bloquear o golpe. A ponta da lança cortou seu pulso, traçando uma fina linha vermelha. O pânico passou pelo rosto de Baldur. Ele poderia ter sido capaz de pará-lo também, mas Deus, como alguém poderia pedir-lhe para matar *a si mesmo* depois de todo o horror que tinha passado.

Desespero tomou conta de mim. O zumbi mataria Hod, se pudesse. Era isso que Muninn queria aqui.

Ele se lançou para frente com um outro chicote, e eu empurrei minhas mãos em direção a ele. “ *Pare!* "

Um relâmpago estalou em minhas veias e explodiu em minhas mãos. O cadáver estremeceu e chocalhou. Ele tombou e atingiu o chão, desaparecendo em uma nuvem de poeira.

Abaixei meus braços, meu corpo tremendo. Eu realmente desejei ter um pouco mais de controle quando isso acontece, apesar de estar muito feliz com esse resultado. Lancei um olhar para os gêmeos.

Baldur me deu um aceno conciso. Um suspiro irregular saiu correndo de Hod. Ele esfregou o rosto.

“Essa coisa e o que ela disse podem não ter sido reais”, ele disse, “mas você precisa saber que foi minha culpa. Quem mais você pode culpar?”

O deus da luz olhou para mim e engoliu audivelmente. "Se for preciso vencer a prisão de Muninn: e eu?"

A cabeça de Hod se levantou. "Do que você está falando, em nome de Hel?"

“Eu estava lá, não estava?” Baldur acenou com a mão em direção ao meio do pátio. “Eu deixei minha mãe receber esses votos. Eu deixei eles jogarem esse jogo - o que foi estúpido. Loki estava certo sobre isso. Eu exibi o cuidado e a segurança que recebi. Se eu estivesse feliz em simplesmente tê-lo, se eu encerrasse a ideia do jogo... eu nunca estaria em uma posição em que alguém pudesse me machucar. Eu posso assumir a responsabilidade por isso.”

Hod olhou para o irmão, tanto quanto ele podia olhar. Um pouco da tensão deixou seus ombros. “Então, para onde vamos a partir daí?” Ele perguntou.

Baldur respirou fundo. “Bem, acho que primeiro precisamos sair desta prisão. Mas depois, depois... eu gostaria de poder conversar mais com você. A escuridão é o seu forte. Talvez você possa me ajudar a ter mais paz com o que passei. Se você não se importa de assumir parte desse fardo...”

"Claro que não", disse Hod rapidamente. “Qualquer coisa que eu possa fazer. Não será um fardo se ajudar você a se curar.”

Um pequeno mas brilhante sorriso se espalhou pelo rosto de Baldur. "Então eu não poderia pedir mais nada, irmão", disse ele.

Hod sorriu de volta - e o pátio ao nosso redor brilhava. Estava funcionando. Eu congelei, meu coração pulando enquanto eu procurava pelas fendas na construção de Muninn. Desafiamos as memórias que ela estava usando novamente, abalamos suas fundações. Tinha que haver...

Lá. Eu peguei um vislumbre de pedra cinza através de uma fenda nos azulejos. Eu pulei em direção a ela, e o mundo virou novamente.

Não. Meus braços dispararam. Eu treinei minha mente naquela imagem, aquela rocha, o brilho avermelhado e o cheiro de cinza que eu havia captado antes. Aquele era o mundo real. Esse era o lugar que precisávamos alcançar.

O pátio girou em uma rajada de névoa. Eu meio que corri, meio deslizei por ela, meus pés batendo em rochas ásperas. Uma cena se estendia à minha frente, nebulosa nas bordas como no momento em que vi Muninn e aquele homem no que parecia ser o lar deles.

Mas isso não era casa. Um penhasco escuro pairava sobre mim, e uma figura alta andava a vários metros à minha frente, ao lado de um rio que brilhava vermelho ardente. A figura usava uma capa desbotada e um chapéu de abas largas. Um sotaque familiar correu pelo meu peito.

"Odin!" Comecei a gritar, mas o nome parou na minha garganta. Quando eu abri minha boca, uma enxurrada de homens e monstros choveu sobre o deus do lado do penhasco e das fendas no chão ao lado dele. Ele pegou sua lança, mas foi derrubada de suas mãos em um instante. Ele caiu sob a massa de atacantes.

"Pronto", disse a voz docemente rouca de Muninn, em algum lugar distante. “Eu o entreguei. Eu cumpri meu fim.”

"Você fez", respondeu um homem em um tom abrasador. "Mas *você* realmente terminou com ele, corvo?"

Uma força me deu um soco no estômago, me fazendo voar de volta para a neblina, e eu perdi a resposta dela.

17

Hod

O calor na voz do meu irmão derreteu um pouco da minha angústia. Eu sorri para ele, sentindo exatamente onde ele estava da energia suave que ele carregava com ele em todos os lugares. Pareceu me envolver, quieto, mas tranquilizador. Nós éramos realmente bons? Melhor do que tínhamos sido, pelo menos?

Ari respirou assustada. Seus passos atravessaram os azulejos, e minha cabeça virou para segui-los. O ar ondulava ao nosso redor. Eu dei um passo à frente instintivamente. Se ela tinha visto algum tipo de perigo, eu tinha que estar lá também.

Por um instante, pensei ter ouvido o farfalhar de uma capa, uma tosse forte que eu juraria ser de meu pai. Minha respiração ficou presa. Então algo me atingiu, me derrubando.

"Hod!" A voz de Ari chamou de algum lugar distante. O medo passou por mim. Cheguei atrás dela, mas estava deslizando, caindo, mais longe.

Lutei contra o vento, mas nenhum movimento que fiz afetou minha direção. Isso me atingiu com tanta força que meus ouvidos tocaram. Eu me movi através do espaço sem forma até que eu parei na beira de um tapete fino sobre um piso de pedra frio. Minha mão apoiada contra a superfície polida.

A ilusão do corvo começou a se quebrar. Deve ser isso: eu *tinha* tido um vislumbre de Odin, de algum outro lugar que não fazia parte de sua construção. Ari estava certa. Quando mudamos a maneira como pensamos sobre nossas memórias, o que sabíamos ser verdade sobre o passado, o domínio de Muninn sobre nós enfraquece.

E porque chegamos perto de romper, ela nos jogou fora novamente.

Pelo menos eu saí daquele terrível pátio. O que de pior que ela podia jogar em mim?

Não era eu que deveria me preocupar agora, pensei. Pelo que ela colocou Baldur - todas as partes de mim doíam só de lembrar o jeito que ele falou sobre isso. Quão quebrado ele se sentiu. Quão *errado.* Se ela fizesse isso de novo, por quanto tempo ele poderia se segurar?

Ou talvez ele fosse mais forte do que eu estava dando crédito a ele. Mesmo quando uma dor percorreu meu corpo, uma sensação de alívio fluiu sob ele. Eu finalmente fechei a distância que havia crescido entre nós. Ele estava se abrindo para mim. Ele estava disposto a pedir minha ajuda, mesmo que essas conversas fossem ainda mais difíceis para ele do que para mim. Se eu pudesse tirá-lo um pouco da névoa em que ele estava se escondendo, toda a tortura que eu enfrentara aqui teria valido a pena.

Para onde Muninn o havia enviado agora? O que ela fez com Ari?

O corvo já havia batido tanto em nossa valquíria. Eu nem tive a chance de ter certeza de que *ela* estava bem, de perguntar pelo que ela havia passado. Eu estava tão perdido em minha própria dor. Mas se Muninn tivesse desenterrado

essas memórias para mim e meu irmão gêmeo, as torceu com tanta crueldade... Meu estômago revirou com o que ela poderia ter jogado em Ari.

Eu tive que tentar encontrar o caminho de volta para ela. Ela conseguiu me encontrar antes, usando a conexão entre nós. Sempre que a prisão vacilava, era porque estávamos trabalhando juntos, encontrando essas verdades juntos.

Enchi meus pulmões, sentindo o ambiente ao meu redor. Uma sala ampla, pelas correntes de ar que passavam por mim. Uma onda de calor caiu sobre um dos meus ombros, onde a luz do sol devia estar derramando através de uma janela alta. Um murmúrio suave atravessou aquela janela, junto com o ruído dos troncos arrastados.

Meu corpo ficou tenso novamente. Ah Muninn não tinha me jogado muito a tempo da minha última localização. Eles estavam construindo a pira funerária de Baldur lá fora.

Um lamento se ergueu, caindo aos soluços. Nanna, esposa de Baldur. Engoli em seco. Ouvi dizer, depois que todos voltamos, que ela se jogou na pira dele para ser queimada com ele. Você quase poderia dizer que eu matei dois deuses quando o matei.

Alguns *tinham* dito isso.

Se fosse esse o dia, eu estava em uma das câmaras inferiores do salão de meu pai, onde nunca tive motivos para estar antes. A porta atrás de mim estaria trancada, até...

O raio bateu com força. As dobradiças chiaram levemente quando o Grande Pai entrou com passos lentos.

Mais pesado que o normal. Eu podia sentir a queda de seus ombros no som de sua expiração.

Outros passos deslizaram atrás dele, tão fracos que eu não os teria notado se tivesse todos os meus sentidos para me distrair. O segundo visitante parou na beira da sala e colocou o objeto que ele estava segurando contra a parede com um baque suave.

"Meu filho", disse Odin.

"Pai", eu respondi. A antecipação se apertava em volta do meu peito. Fiquei afastado dele, virado para a janela e o sol. A primeira vez, quando isso realmente aconteceu, eu estava de pé de frente para ele, não estava? Mas não havia necessidade de recriar essa memória perfeitamente. Ele diria exatamente as mesmas coisas, daria as mesmas desculpas?

Parte de mim se apertou com uma satisfação sombria com a ideia de ele ter que falar nas minhas costas para transmitir esta mensagem.

"Sabe, se fosse simplesmente minha escolha, não estaríamos aqui", disse Odin. Sua voz estava tensa, mas resignada. Ele já havia decidido que não tinha escolha. “Mas o equilíbrio é necessário, agora mais do que nunca, à medida que o verão desaparece deste reino. Precisamos de escuridão e luz, mas a escuridão quando a luz se foi não pode ser sustentada. ” "Eu sei, pai", eu disse.

Eu realmente não sabia. Ele tinha medo da chegada de Ragnarok; isso ficou claro. Mas o equilíbrio não fez nenhuma diferença para aquela guerra. De qualquer maneira, tinha chegado a Asgard. Esse ato realmente influenciou algo que importava?

Eu não tinha pensado nisso em muitos detalhes no momento original. Eu tinha me afogado em minha própria culpa e tristeza. Seu pronunciamento doía, mas, de certa forma, eu o acolhia. A morte era melhor do que viver com o conhecimento do que eu tinha feito. Eu estava acostumado à escuridão. Eu poderia aceitar.

Agora, eu poderia ter tentado a porta, tentado empurrá-la mas descobri que não conseguia me mover. Quais eram as chances de eu chegar tão longe antes que ele e seu companheiro me parassem? Talvez suas palavras fizessem mais sentido desta vez.

"Se não aplacarmos um pouco mais o senso de retidão de Asgard, poderíamos perder tudo", continuou meu pai como se eu não tivesse falado. "Esse é o fardo que carregamos."

Ele avançou para ficar ao meu lado onde eu estava ajoelhado. Sua mão descansou no meu ombro. "Se eu soubesse, que aconteceria assim..."

Então o que? Ele teria feito algo diferente? O *que* ele *tinha* visto, em todas as viagens em que esteve, em suas visitas aos Norns, em suas visões perspicazes? Todos nós sabíamos que o Grande Pai viu mais com um olho do que qualquer um chegou perto com dois. Ele havia sacrificado o outro para poder vislumbrar o que havia além do mundo no presente.

"Eu gostaria de pelo menos testemunhar no funeral", eu disse. “Preste meus últimos cumprimentos.” Como se essa versão conjurada de meu pai me desse alguma satisfação lá.

O estranho junto à parede falou então. Sua voz era baixa. “O deus cego prestando testemunho? O assassino dando atenção à sua vítima? Que piada."

"Calma", Odin explodiu. Seu aperto no meu ombro aumentou. "Acho que é melhor para todos nós se a ação for feita antes disso", ele me disse.

Melhor para *todos* nós? Um choque de raiva passou por mim. Eu me levantei e me virei para encará-lo, afinal.

“Por que você não diz isso, pai?” Eu disse. “Em vez de falar sobre ações e equilíbrio. Você vai me matar, como eu matei Baldur. Esse é o fato claro disso. Toda essa dança não deveria estar abaixo de você?”

Com cada frase que derramava da minha boca, a raiva dentro de mim queimava um pouco mais quente. Uma boa queima, com uma onda de energia e convicção. Muito mais do que eu tinha percebido que mantinha engarrafada.

O Odin retirado das minhas memórias ficou em silêncio por um momento. Então ele disse: “Talvez seja. Simplesmente pensei que seria mais gentil com você evitar tanta franqueza.”

"Gentileza para mim?" Uma risada aguda caiu. Um ardor mais quente passou por mim, tão rápido que não tive tempo de examiná-lo antes que as palavras saíssem da minha boca. “Diga-me a verdade, pai. Se eu tivesse morrido primeiro - se tivesse sido eu caindo nas mãos de Baldur - você o teria sacrificado? Sua luz, sua alegria? Nossa mãe teria deixado você?”

As perguntas deixaram um sabor ácido na minha língua. Odin ficou parado e em silêncio. Todo momento que

ele não falava, sentia vergonha que eu poderia sentir ao pedir que ele voltasse com raiva.

"Você simplesmente não tem certeza?" Eu exigi. "Ou é que você sabe que não vou gostar da sua resposta se você disser a verdade?"

O estranho perto da parede começou a rir em uma gargalhada. Odin se mexeu. “Que resposta você quer que eu lhe dê, meu filho?” Ele disse em voz baixa. "O que eu poderia dizer que satisfaria você?"

Essas palavras perfuraram o inchaço vicioso dentro de mim. Foi a minha vez de hesitar. Um tremor percorreu meu intestino.

Há quanto tempo eu me perguntava essas coisas sem dizê-las, sem sequer pensar nelas? A emoção neles parecia muito, muito antiga. Profundamente ósseo e tecido em minhas veias.

Quantas vezes eu assisti os outros deuses, incluindo nossos pais, gravitarem em direção a Baldur enquanto me deixavam em paz? Quando nossa mãe alguma vez partiu em uma missão para *me* proteger, para garantir que eu nunca fosse prejudicado? Tudo fora para Baldur. Baldur, o justo. Baldur, o brilhante.

Por que todo mundo preferia sua companhia ao deus das trevas que estava mais em casa à noite?

As observações cortantes de Loki no pátio voltaram para mim. *A amargura flutuava em você como o fedor de um gambá.* Talvez tivesse sido. Porque essa sensação dolorosa dentro de mim não era apenas culpa ou pesar. Alguma parte de mim estava desesperadamente com ciúmes do amor que

havia sido estendido ao meu irmão, repetidamente, e não a mim.

Cerrei os dentes, mas não consegui impedir que essa pergunta final surgisse em minha mente. Eu queria machucar Baldur, no fundo? Queria deixá-lo cair, apenas uma vez?

"Eu não sei", eu disse ao meu pai. “Eu apenas - isso não é o que eu queria. Eu sei que isso não é o que eu jamais teria desejado.”

"É mais fácil fazer nossas escolhas novamente em retrospectiva", afirmou o

Grande Pai. "Isso não significa que você não era fiel a si mesmo quando os criou."

"Ele é meu *irmão* ", eu disse, mas o protesto saiu fraco até para meus próprios ouvidos. Os soluços de Nanna passaram pela janela, junto com os sons mais fracos de choro de outros deuses. Todo esse sofrimento que eu trouxe para este lugar. Porque eu me ressenti com o quão feliz Baldur os fez?

Odin apertou meus ombros novamente. Ele inclinou a cabeça para perto, passando um beijo seco na minha testa como uma bênção, como havia feito todos esses séculos atrás. "Está na hora. Eu juro que te vejo depois.”

"Pai..." Eu não sabia mais o que dizer.

Odin recuou, um sussurro de seus pés contra o tapete. O estrangeiro levantou o taco do chão e se aproximou com passos mais pesados. Suas roupas farfalharam quando ele

levantou os braços. Eu me preparei, minhas mãos apertadas ao meu lado.

Mesmo que eu estivesse amargo, mesmo que tivesse ciúmes, eu poderia levar minha morte com honra. Eu poderia aceitar o castigo devido. EU-

Eu realmente não deveria estar aqui. Eu já havia sofrido esse castigo, eras atrás. Isso era coisa de Muninn. Se eu fosse arrastado para a memória, eu poderia morrer aqui novamente. Era isso que ela significava para mim. Ela queria que eu fosse arrastado até que eu esquecesse de me defender.

O ar mudou quando meu carrasco balançou seu taco. Eu me desviei para o lado, uma fração de segundo tarde demais. O pesado eixo de madeira bateu na minha cabeça, mas me atravessou a testa.

Dor explodiu através do meu crânio. Eu cambaleei para trás, e tombei sobre uma borda no chão em queda livre.

18

Aria

Na hora, a intenção de Muninn me jogou para cima - para cima, para uma escuridão que se abriu para o céu azul claro. Enquanto isso me cuspia, eu bati minhas asas para me pegar na brisa.

Eu me virei. Eu estava pairando sobre Asgard, os telhados reluzentes espalhados abaixo de mim, sozinha.

Não, não sozinha. Um corpo marrom emplumado passou por mim. O falcão de Freya, batendo as asas com força, como se sua vida dependesse de chegar onde quer que estivesse indo o mais rápido possível.

Eu voei atrás dela, esforçando-me para acompanhar. "Freya!" Eu chamei. "O que está acontecendo? O que há de errado?" Essa era uma de suas memórias agora, uma perseguição por um monstro, talvez? Não vi nada voando atrás de nós.

O falcão não diminuiu a velocidade. "Freya!" Gritei novamente. E se não fosse ela, afinal, mas uma construção dela? Mas quando estiquei os sentidos, pude sentir um formigamento em sua energia divina, mesmo a alguns metros atrás dela.

Eu bati com uma nova explosão de velocidade e passei por ela. Se ela estivesse presa em uma lembrança, talvez eu pudesse tirá-la dela como Loki e eu tínhamos antes.

"Freya, você pode pelo menos me dar um sinal—"

O falcão se inclinou ao me ver. Com uma agitação, a deusa escorregou para fora da capa do falcão, colocando-a sobre os ombros para manter o corpo no ar. Ela olhou para mim, com os olhos ligeiramente vidrados, como se ainda não estivesse me vendo totalmente.

"Minha filha", ela murmurou. "Eu tenho que encontrar minha filha."

Meu coração apertou. "Freya", eu disse, segurando sua mão como eu tinha quando ela pensou que estava voltando à velhice. “Eu não sei o que aconteceu antes, mas Muninn quer nos machucar. Para nos quebrar. Se isso te assusta tanto por não conseguir encontrar sua filha, acho que ela nunca deixará você. Mas você a encontrou eventualmente, certo? ”Eu tive problemas para acreditar que Loki teria brincado sobre trocá-la com gigantes de outra forma, mas então, eu tive problemas para acreditar que ele teria orquestrado um assassinato também, então o que eu sabia?

As respirações de Freya se suavizaram. Ela passou a mão pelos olhos. "Então você me traz de volta à realidade novamente, Ari", disse ela com um sorriso torto.

"Eu também preciso desses lembretes", eu disse, pensando no quarto no lar adotivo de Petey, a voz tensa de Hod.

“Eu só... eu a vi. Mas você está certa. É isso que Muninn quer - nós frenéticos, em vez de tentarmos sair.” A deusa suspirou. “Vamos descer à terra. Vou pensar mais claro lá.”

Passamos de voando pela cidade principal e pelo pomar agora. Freya mergulhou em direção a uma clareira na

floresta mais densa. Descemos na grama macia perto de um grande poço de pedra. Cristas marrons projetavam-se do solo na borda da clareira, mas sua forma e textura pareciam erradas para as rochas. Depois de um momento, percebi que eram enormes raízes de árvores. Mas onde estava a árvore?

"Essas são as raízes do Yggdrasil", disse Freya com uma ponta da cabeça. ”Suponho que o corvo decidiu que nenhum dano poderia advir de termos acesso a eles.” Ela deixou a mão seguir a beira do poço. “Aqui é onde os Norns costumavam passar o tempo. Eles gostavam de regar a árvore, entre outras coisas. ”

Outras coisas. "Eu ouvi você e os outros mencionarem os Norns antes", eu disse. "Eu não tenho ideia de quem eles eram."

"Nenhum de nós realmente sabe", disse Freya. “Eles apareceram em Asgard um dia e se estabeleceram aqui, esses três. Profecias giratórias. Alguns disseram que determinaram o futuro. Acho que eles apenas leram os sinais para ver para onde estavam indo.” Ela fez uma pausa. “Odin também. Não éramos casados na época, mas notei que ele os visitava com frequência. Ele sempre quis saber tudo o que pode sobre o que é e o que será. ”

"Acho que esse hábito o causou muitos problemas desta vez."

“Parece que sim.” Ela balançou a cabeça com uma expressão irônica, os cabelos dourados caindo sobre os ombros. “Eu não o teria impedido de andar, mesmo que pudesse. Sinto falta dele quando ele está fora, mas essa sede de conhecimento faz parte do que faz dele o homem que eu amo.”

Pensei no Odin que Muninn havia me mostrado em sua Valhalla manchada. Ele não parecia tão adorável então. Mas, então, Freya poderia obviamente ser sedenta de sangue também. Foi por isso que eles se deram bem.

"Vocês estão juntos há muito tempo?" Eu me aventurei.

"O relacionamento dele com a mãe dos gêmeos se desfez pouco depois da cena que você viu com o visco e assim por diante", disse ela. "Eu não teria pensado em nada acontecendo entre nós, mas depois de Ragnarok, quando todos tivemos nossas segundas chances... Pareceu uma tolice nos conter do que poderia nos fazer felizes."

Ela olhou para mim de lado, com um sorriso provocador nas sobrancelhas. "Percebo que você está se entregando a pelo menos um divórcio divino."

Meu rosto ficou vermelho. A pior parte é que eu nem sabia de que deus ela estava definitivamente falando. Provavelmente Loki. Ela definitivamente o viu me beijar.

"Isso é apenas-" eu comecei, e não sabia como terminar essa frase. Eu não tinha ideia do que estava fazendo com qualquer um deles. Só que me sentia bem quando eu estava fazendo isso, e na hora isso sempre parecia suficiente. O pensamento de tentar definir qualquer coisa, colocar algum tipo de significado nisso, fez meu estômago revirar.

"Está tudo bem", disse Freya. “Você não encontrará julgamento aqui. Tenho a impressão de que você é uma mulher que sabe como proteger seu próprio coração. Espero que você possa lidar com eles.”

Eles. Ok, ela definitivamente notou que algo estava acontecendo com os outros. Parecia um bom momento para mudar de assunto.

"Muninn ficou com Odin por um tempo depois de Ragnarok, não foi?" Eu disse. "Você deve tê-la conhecido muito bem naquela época. Talvez algo que você viu naquela época nos dê mais uma resposta para escapar deste lugar."

"Não sei se diria que a conhecia bem." Freya se recostou no poço, sua expressão pensativa. "Ela não podia se transformar naquela época, você sabe. Ela sempre foi um corvo. Um corvo extraordinariamente inteligente e consciente, mas ela só podia falar com Odin, através de um vínculo mental que eles tinham. Eu nunca falei com ela diretamente. Porém, pela maneira como ele falou sobre ela, ele a considerava uma velha amiga. Nunca tive a impressão de que ele via motivos para duvidar da lealdade dela."

"Ele já disse o que aconteceu logo antes dela sair? Para onde ela foi? Se havia alguma coisa..."

Antes que eu pudesse terminar o pensamento ou Freya pudesse responder, as paredes do poço se despedaçaram. Uma delas me jogou de volta na escuridão que preencheu as lacunas entre as construções de Muninn. Chupei ar em meus pulmões, tentando me endireitar, e só caí para trás novamente. O vento me girou e depois me derrubou.

Muninn não queria que eu fizesse essas perguntas. OK. Eu devo estar chegando perto de derrubar esta prisão.

Caí no chão de madeira arranhado, minha mão disparando para agarrar o corrimão instintivamente. Freya se foi, em algum novo pesadelo, sem dúvida. O cheiro

sombrio da casa da minha mãe se fechou ao meu redor. A tensão apertou meu peito.

O corredor do andar de cima. Eu estava no corredor do andar de cima, fora dos quartos. No momento em que percebi que, apoiando meus pés no chão, o rangido da escada subia de baixo. Um rangido mais pesado do que os passos de minha mãe teriam feito. Todos os músculos do meu corpo se apertaram.

"Não!", Gritei para Muninn, onde quer que ela estivesse. "Não se atreva."

Outro rangido. Meu coração deu um pulo. Eu me joguei na direção da parede no final do corredor com a queima de toda a minha força de valquíria.

"Deixe. Me. *Sair.*"

Eu bati meus punhos na parede primeiro, e ela se partiu com uma chuva de poeira. Com um movimento de meus pés e um bater frenético de minhas asas, eu me joguei na escuridão do outro lado.

O vento de Muninn chicoteava ao meu redor, me puxando para o lado. Não lá atrás - não, eu não deixaria. Eu bati minhas asas o mais forte que pude contra ela, procurando por qualquer outra coisa que eu pudesse segurar. Eu já venci ela antes. Eu poderia ser mais forte do que ela se apenas pressionasse o suficiente.

Uma floresta passou por baixo de mim. A força invisível me levou à direita. Quando minha cabeça girou, os corredores de Asgard passaram. Aquele Thor estava fora de um? Cheguei em direção a ele, mas o vento me levou de volta muito rápido, muito forte.

Eu girei a cabeça sobre os pés. "Ari!" A voz de Loki chamou, lá e então sugou o uivo de ar ao meu redor. Eu me levantei e caí, tropecei em alguns degraus - os da minha antiga escola primária? - me ergui de novo e peguei outra impressão de um dos deuses. Lá. Eu queria ir para lá. Nós lutaríamos com ela juntos. Eu estava tão cansada de ser empurrada por capricho da mulher corvo.

Minhas asas doíam, mas eu as bati ainda mais forte. A força as arrastou - e depois estalou. Caí de cabeça em um quarto escuro, aterrissando na minha bunda.

Um chão de pedra frio estava embaixo de mim. Uma lasca de lua brilhava além da janela, e uma cama enorme estava do outro lado de mim. Três figuras agrupadas à minha direita, amontoadas junto à parede dos fundos. E uma forma, pálida e magra, com cabelos pretos curtos despenteados, como se o vento o tivesse derrubado aqui não faz muito tempo, inclinada sobre a cama.

Hod não parecia ter me notado. A mão dele flutuou sobre as cobertas - sobre o corpo deitado sob elas. Um suspiro interrompido da respiração foi carregado pelo travesseiro, seguido por um leve gemido. A boca de Hod se apertou. Ele elevou os dedos da palma da mão, e a sensação ecoou nas sombras que espreitavam dentro de mim quando ele puxou os últimos fragmentos da vida em sua própria escuridão.

O quarto estava quieto antes, mas agora o silêncio era total. Hod se endireitou, a mão caindo ao lado do corpo. Sua cabeça virou-se para a platéia, e eles se afastaram ainda mais sem uma palavra. Seus lábios se curvaram em uma careta. Ele saiu pela porta e as figuras que assistiam soltaram o ar em uma exalação combinada.

Eu me levantei e corri atrás dele. Eu quase colidi com ele no corredor do lado de fora, onde ele parou, imaginei com o som dos meus passos. Ele pegou meu cotovelo, me firmando.

"Ari?"

Sua voz era concisa, mas seu aperto em mim tremia. Eu conhecia o deus das trevas o suficiente para ter notado que ele sempre ficava mais espinhoso quando tentava cobrir seu próprio desconforto.

"A primeira", eu disse com muito mais alegria do que sentia. Qualquer coisa era melhor do que minhas memórias de infância, e pelo menos eu não estava sozinha. Tivemos a chance de escapar quando podíamos trabalhar um com o outro. Muninn estava nos empurrando cada vez mais. Deve estar ficando mais difícil para ela manter qualquer ilusão.

Meu olhar pegou uma mancha roxa de vermelho-púrpura no lado da testa de Hod - o lado que havia sido desviado de mim antes - e meu corpo ficou tenso. "O que aconteceu com você? Quem fez isso?" Porque eu gostaria de dar a eles um hematoma correspondente como recompensa.

A mão de Hod subiu à têmpora como se tivesse esquecido o ferimento. "Não é nada", disse ele, ainda conciso. "Eu fui descuidado. Meu crânio ainda está intacto, o que é quase o que eu poderia ter pedido."

Eu não tinha tanta certeza disso, mas ele claramente não estava disposto a discutir o problema que havia encontrado. Eu me forcei a desviar o olhar, considerando o corredor. "No que você acha que nos envolvemos neste momento?"

Ele encolheu os ombros. "Se você me viu lá, já acabou."

Eu olhei de volta para o quarto. "Você estava tirando a vida dessa pessoa."

Pessoa? Essas paredes de pedra tinham uma vibração asgardiana. "Aquele *deus*?"

"Nem todos em Asgard se cuidaram tão bem após o renascimento", disse Hod. “Alguns chegaram ao ponto em que a vida que haviam deixado era apenas vida. Eles queriam que seu fim final fosse o mais pacífico e quieto possível. Então eles me chamaram.” Ele virou o rosto. "Essa era a *minha* vida, enquanto Asgard ainda estava ativo: exigia deveres que ninguém queria mencionar à luz do dia."

Deveres que ninguém mais poderia ter feito da mesma maneira, eu queria salientar. Mas eu tinha visto a maneira como sua audiência se encolheu. Não consegui mudar de ideia mentindo.

"E agora?" Eu disse em vez disso.

"Eu não sei. Suponho que esperamos e vemos o que Muninn desperta a seguir.”

Ela estava nos observando agora? Ela percebeu até onde eu tinha chegado em sua prisão em constante expansão? Ela deve ter que focar sua atenção nos outros parte do tempo. Eu tinha quebrado a última lembrança em que ela tentou me prender - eu consegui encontrar meu caminho até Hod.

"Eu acho que ela está cansada", eu disse. “Ela nos quer ansiosos ou chateados o tempo todo... É mais fácil nos controlar dessa maneira. Então, talvez tenhamos uma

chance melhor de sair completamente se estivermos em algum lugar com memórias mais felizes. Ainda não vi seu salão. Por que você não me convida?”

Algo que parecia uma gargalhada saiu do deus das trevas. “Eu não sei o quão feliz é esse lugar, mas tudo bem. Você vai me acompanhar até em casa, valquíria?”

"Seria um prazer", eu disse em um tom formal, e os cantos da boca dele se contraíram.

Deixamos a casa para trás e seguimos para um pequeno corredor de pedras que parecia um cinza um pouco mais escuro do que as que estavam ao seu redor. Um artesão com senso de humor ou a própria escolha de Hod? Ele abriu a porta e andou a passos largos, a confiança traçando sua postura ainda mais reta no espaço familiar.

"Aqui está", disse ele secamente. "Lar Doce Lar."

19

Aria

Seu pulso bateu com curiosidade enquanto eu espiava pelas portas mais próximas da casa do deus escuro, encontrando uma sala de jantar e uma sala de estar com uma única cadeira e prateleiras de livros. Muito Hod. Seus textos aqui foram escritos em qualquer que fosse a versão asgardiana de braille, ou ele teve que usar magia para ler como ele fez com sua coleção em Midgard? Ele seguiu atrás de mim, mas não falou, deixando-me levar tudo de forma ininterrupta.

A cadeira solitária me incomodou. "Você morou aqui sozinho?"

"Vivi no presente, quando voltarmos a verdadeira Asgard", disse Hod. "Isso te surpreende?"

"Eu não sei. Talvez fosse bobagem, mas, de alguma forma, achei que você e Baldur eram bastante inseparáveis."

“Oh, ele tem seu próprio salão, mais perto do pátio principal. Disseram-me que tem uma bela vista.”

Um toque estranho surgiu em sua voz. Aquela conversa com seu irmão gêmeo parecia entorpecer um pouco da culpa que ele estava sentindo, mas aparentemente não o suficiente. Esse era um ponto que eu poderia pressionar para aumentar as lacunas na prisão de Muninn?

"Nós vamos sair daqui, você sabe", eu disse. “E então você terá todo o resto de suas vidas divinas para discutir qualquer outra coisa que precise ser discutida. Finalmente-
"

Eu me peguei, percebendo bem a tempo que meus próprios pensamentos começaram a virar em uma direção culpada. Hod não precisava da minha dor em camadas por conta própria.

Mas claramente ele *me* conhecia muito bem neste momento. "Pelo menos eu posso falar com ele?" Ele respondeu calmamente. “Pelo menos ele ainda está aqui. Pelo menos ele lembra quem eu sou.”

"É estúpido comparar", eu disse. "Vamos continuar, eu sei como é uma merda quando as coisas não estão bem com alguém com quem você se importa tanto."

"Pode haver algum dia, quando tudo isso acabar, em que você possa conversar com Petey novamente."

Eu olhei para ele. "Você me *dizendo isso* , Sr. Deixe para trás todas as suas preocupações terrenas?"

Hod esfregou a boca. “Talvez eu tenha tido um exemplo muito completo de por que simplesmente esquecer as mágoas antigas nem sempre é o melhor curso de ação. E... até *eu* sei que não é certo que ele nem se lembre de você, de todas as coisas que você fez por ele, quando você poderia ser uma parte real da vida dele.” A voz dele ficou ainda mais baixa. "Me desculpe, eu tive que adicionar à sua dor."

Minha garganta se apertou tão de repente que levou um momento antes que eu pudesse falar. “Hod... eu teria sentido muito mais se tivesse que deixá-lo com minha mãe. Ou em

qualquer outro lugar que os elfos negros o encontrassem. Você estava me ajudando.”

"De certa forma." Ele se recostou na moldura da porta. “É assim que contribuo, não é? Pela escuridão, pela remoção, pela morte... Até *Loki* traz brilho ao invés de anulá-lo às vezes. ”

"Ok, agora você está sendo ridículo”, eu disse. Eu precisaria discutir com ele, mesmo que não tivesse pensado que desafiar todas as nossas opiniões sobre qualquer situação que fosse a chave para sair daqui. “Você contribui muito mais do que isso. Você tem todo esse conhecimento desses livros e provavelmente é a coisa mais próxima que esse grupo tem da voz da razão, mesmo que às vezes seja um pouco pessimista e... e às vezes o que você tira é dor. Você me deu espaço para conversar sobre coisas sobre as quais eu nunca pensei que queria falar com ninguém. Para deixar um pouco de fora, sabendo que você estava ouvindo, sabendo que isso importava para você. Isso significa muito.”

"Você só viu uma pequena fração de quem eu sou, valquíria", disse ele, mas sua voz suavizou um pouco.

Eu fiz um som de escárnio. “Já vi o suficiente. Então você não é todo brilhante como Baldur e não tem a bravata de Thor ou o que seja. E daí? Vocês são *todos* tão diferentes um do outro... É meio difícil imaginar que vocês não estejam juntos. Como se você tivesse o equilíbrio perfeito entre vocês.”

Algo sobre esse comentário fez Hod estremecer. "Não é perfeito", disse ele. “Havia todas aquelas linhas de falha que estávamos tentando não deixar abrir. Mas com você estando aqui - você facilitou de alguma maneira. Agitou as coisas apenas o suficiente para começar a limpar as tensões,

suponho. É difícil imaginar que *você* não está conosco agora."

Um calor vertiginoso passou por mim naquele comentário. Eu me aproximei dele, pegando sua mão.

"Sabe, eu assisti o que aconteceu naquele pátio, e acho que você não pode ser responsabilizado pelo que aconteceu. Você não sabia. Você pensou que estava apenas se juntando ao resto deles. Loki—"

Hod sacudiu a cabeça com um empurrão. "Não tenho tanta certeza disso", disse ele bruscamente. "Algumas das coisas que o corvo me lembrou... Houve momentos em que senti tanta *raiva de* como os deuses favoreciam Baldur. Eu não tinha que jogar o pau com tanta força. Eu poderia ter perguntado o que Loki estava fazendo."

Apertei sua mão com mais força. "Você realmente acha que o queria *morto*?"

O deus das trevas parou. Sua mandíbula flexionou. "Não. Nunca isso. Mas eu poderia querer que ele se machucasse um pouco, apenas uma vez. Ter uma coisa errada."

Oh, meu querido deus das trevas.

"Eu não sei", eu disse. Isso me parece bastante normal. "Eu amei Francis de todo o coração. Mas houve totalmente momentos em que me ressenti de todas as coisas que ele conseguiu fazer e que não pude, porque ele era mais velho. E vezes, depois que as coisas realmente ruins começaram... quando eu odiava ter que passar por isso e de alguma forma ele se libertou. Emoções não são justas. Elas simplesmente existem. Isso significa que é minha culpa que ele morreu?"

Meu pulso acelerou quando eu disse, como se eu estivesse com medo de que Hod dissesse que sim. Ele levou a mão ao meu rosto, acariciando o polegar na minha bochecha. "Claro que não", disse ele com firmeza. “Mas isso não é o mesmo. E duvido que *Baldur* tenha ciúmes de alguém. A luz nele apenas lava qualquer coisa como ressentimento.”

“Você não o ouviu antes? Ele também está com raiva.”

"Apenas brevemente, e por razões justificáveis."

"Hmph." Inclinei minha cabeça contra o peito de Hod. Seus dedos se moveram para o meu cabelo, provocando arrepios agradáveis no meu couro cabeludo a cada carícia. “Aposto que ser bom o tempo todo é estressante de maneiras diferentes. Você não pode simplesmente acreditar que é bom o suficiente?”

"Você não pode?" Ele respondeu.

"Estou trabalhando nisso", eu disse. “Você me ajudou de várias maneiras, sabe, apesar de toda a severidade e ceticismo. Eu acho que isso diz muito que você pode ser tão gentil com alguém em quem você não confia.”

Hod ficou em silêncio por um momento. Sua mão parou contra o meu cabelo.

"Eu não acho que você possa chamar esses atos de bondade, Ari", disse ele. "Aquele era um homem se apaixonando por você."

Minha respiração parou, minha coluna ficou rígida. Afastei-me de Hod para olhar em seu rosto. Sua expressão já estava tensa.

"Está tudo bem", disse ele irregularmente, recuando um passo. “Eu não esperava que o sentimento fosse devolvido. Se for mais fácil, você pode fingir que eu nunca...”

Uma dor atravessou meu peito, ainda mais forte que meu pânico. Eu me movi automaticamente, agarrando a frente da camisa dele e puxando-o de volta para mim. Balançando na ponta dos pés no mesmo momento para capturar sua boca com a minha.

Com uma respiração gaguejada, ele estava me beijando de volta. Seus lábios tinham o mesmo sabor salgado e levemente enfumaçado do perfume que se agarrava a ele, e eles se moviam contra os meus como se ele soubesse exatamente como encontrar o ângulo mais sensível. Como se ele tivesse mapeado cada centímetro de mim uma centena de vezes, em vez de este ser apenas o nosso segundo beijo.

A sensação enviou um tremor de alegria através de mim, mas o temor se transformou em um tremor depois de alguns segundos. Eu agarrei sua camisa, tentando me perder completamente no calor da boca dele, mas eu não conseguia controlar o meu corpo.

Hod recuou, não tão longe desta vez. Sua testa roçou a minha. "Ari?" Ele disse com voz rouca.

Eu enterrei meu rosto em seu peito. "Sinto muito", eu murmurei.

Ele fez uma pausa. "Você quer me contar sobre isso?"

Bem desse jeito. Assim como ele perguntou quando eu aleatoriamente chorei nele fora da casa da minha mãe não faz muito tempo. Simples e direto e abrindo a porta para

qualquer coisa que eu pudesse confessar. Sem pressão, sem pressão.

Isso era gentileza, não importa como você olhasse. Ele realmente achava que importava por que ele ofereceu?

"Eu não me permito sentir muito sobre ninguém além de Petey há muito tempo", eu disse, ainda falando com a camisa dele. “Era sempre mais seguro manter distância. Muito mais fácil não se machucar dessa maneira. Eu não... eu realmente não sei mais como fazer isso. Como me importar com as pessoas. Como me apaixonar. Mas todos vocês são tão... não posso deixar de me importar. Não posso deixar de *querer*. E isso me aterroriza. Portanto, não é você. Só estou uma bagunça.”

"Você não está uma bagunça", disse Hod, totalmente feroz agora. Ele inclinou minha cabeça para pressionar um beijo na minha testa que de alguma forma parecia tão apaixonado quanto o encontro de nossos lábios alguns momentos atrás. “Eu não estou pedindo nada. Não espero nada de você. O que você quiser dar, o que puder—"

Ele levantou a cabeça. Antes que eu pudesse perguntar o que estava errado, eu também senti. Uma mudança no ar ao nosso redor, como se uma brisa que não deveria existir tivesse passado diretamente através daquelas paredes de pedra. Uma brisa com um cheiro de cinza química. Nossa conversa abalou algo.

A brisa vinha da porta. Nós dois corremos para o corredor ao mesmo tempo. As paredes ondulavam diante dos meus olhos. Recuei e joguei meu ombro em uma, pronta para agarrar Hod se a ilusão se rompesse completamente.

Meu ombro bateu contra ele com um espasmo de dor. A parede nem quebrou. Eu fiz uma careta.

"Talvez possamos fazer com que as memórias mudem enquanto o foco dela é instável", eu disse. "Pense em outro lugar, em algum lugar que você preferiria estar."

A mandíbula de Hod se concentrou, e quase imediatamente o mundo girou ao nosso redor. A brisa que me inundava era doce com o cheiro da grama da primavera e, quando pisquei, descobri que estávamos em um quarto espartano que continha uma cama de ébano e um guarda-roupa combinando, as paredes de gesso um verde menta claro. Eu poderia estar confusa se não tivesse reconhecido a vista pela janela.

"Este é o seu quarto na casa de Midgard?", Perguntei.

Um rubor fino coloriu as bochechas de Hod. "Eu realmente não estava pensando", ele disse rapidamente. "Aconteceu aparecer na minha cabeça."

Eu me virei e me vi diante de uma parede em branco onde a saída deveria estar. "Muninn conseguiu roubar a porta." Mas eu poderia começar a correr contra essa. Eu me joguei para frente, punhos batendo.

Minhas mãos bateram na parede. Um suspiro saiu da minha boca com o impacto, mas resistiu. Eu girei, esfregando meus dedos.

Hod já estava se movendo para a janela. Ele empurrou a base e soltou novamente, mas não se mexeu. O corpo apenas estremeceu quando ele bateu com o cotovelo contra ele.

"Ela perdeu um pouco de controle sobre a construção, mas tem o suficiente para nos manter aqui", eu disse. "Merda."

"Estamos chegando mais perto", disse Hod. “Eu realmente podia sentir o mundo fora desse tempo. Você encontrou mais alguma coisa que afeta o foco dela?”

“Quando a prisão mudou, contra a vontade de Muninn ou porque ela parecia frustrada comigo antes? Normalmente, quando estávamos conversando, quebrando as memórias em que a construção se baseava. Mas também às vezes quando eu chegava perto demais de saber mais sobre ela. E às vezes...”

Fui direto para Hod. "Vamos ver o quão perto ela está assistindo."

Eu tracei minha mão no peito dele para deslizar em torno de seu pescoço. Os olhos distantes de Hod escureceram com desejo. Ele abaixou a cabeça, encontrando-me no meio do caminho.

Quando ele me beijou, era difícil lembrar que eu comecei isso para tentar sacudir nossa prisão. Eu não sabia o que fazer com todas as coisas que Hod havia dito, todas as emoções agitando dentro de mim, mas cada centímetro da minha pele doía de desejo.

Uma das mãos dele pousou na minha cintura, a outra deslizando pelas minhas costas para me puxar um pouco mais para perto. Ele me beijou de novo, sombras sangrando de seu corpo para brilhar no meu. Elas lambiam o canto da minha mandíbula, sobre a clavícula, nas costelas, provocando felicidade em todos os lugares em que tocavam.

Eu provoquei minha língua em seus lábios e eles se separaram. O calor da boca dele absorveu a minha. Uma pontada atravessou meu núcleo. Oh inferno. Eu não conseguia me afastar disso.

"Eu acho que a atenção dela deve estar em outro lugar", Hod murmurou contra meus lábios com outra carícia de sombra.

"Bom", eu disse, meu coração batendo forte. "Então nós podemos fazer isso."

Puxei-o comigo em direção à cama, reivindicando outro beijo enquanto íamos. Ele gemeu. Subi no colchão, ajoelhando-me de modo que tínhamos quase a mesma altura, e ele deslizou as mãos sob a minha blusa. Seus polegares acariciaram a curva inferior dos meus seios e as sombras que ele trouxe acariciaram por cima. Eu não tinha certeza se ele estava dirigindo-os ou eles simplesmente vieram por vontade própria até que um sussurrou nas minhas costas - e abriu o fecho do meu sutiã.

"Hod", eu disse, momentaneamente assustada.

“Você se importa?” Ele murmurou. “Eu posso chamar de volta. Meus poderes saem quando meus sentimentos são tão elevados...”

"Não", eu disse com um rápido aceno de cabeça. “Não pare. Isso foi *quente* .”

Ele riu. "Não é algo que eu geralmente fui acusado de ser."

"Não é uma acusação", eu murmurei em troca. "Foi um elogio." A última palavra foi cortada em um gemido quando

ele segurou meus dois seios, acariciando meus mamilos em picos instantâneos.

Enfiei minhas mãos embaixo da camisa dele, ansiosa para explorá-lo pele por pele, por sua vez. Meu toque chamou um som faminto de seus pulmões. Ele me derrubou na cama, descansando ao meu lado, seus lábios deslizando pelo meu pescoço.

Hod beijou minha garganta, meu ombro, meu esterno, como se ele estivesse adorando todas as partes de mim, não deixando nenhuma polegada da minha pele sem adornos. Então sua cabeça se abaixou. Sua boca se fechou sobre a ponta do meu peito, e eu gemi, segurando seu cabelo. Suas sombras brincavam nos meus lábios, outros traçando minha espinha. Eu arqueei contra ele, querendo tanto que não consegui encontrar as palavras para dizer isso.

Ele levantou a cabeça por um segundo, e meu pulso pulou com o pensamento de que ele ia me cutucar nas costas. Mas ele apenas se abaixou, arrastando beijos pelo centro do meu peito até a minha barriga. Suas sombras dispararam ao longo da cintura do meu jeans quando ele abriu o botão. Ele puxou-os para baixo, sua respiração quente contra a minha calcinha.

Seu próximo beijo, logo acima delas, foi tão terno que minha garganta engasgou. Agarrei seu ombro, puxando-o de volta, com medo do que poderia derramar de mim se eu o deixasse continuar nessa direção.

Hod veio sem reclamar, colocando o braço em volta de mim e me beijando com força nos lábios. Minha perna nua enganchada sobre sua coxa. Outro gemido escapou dele, reverberando em torno do meu gemido. Sua ereção pressionou contra o meu núcleo quando ele me beijou ainda

mais. Suas sombras lambiam contra mim como um eco de uma centena de beijos minúsculos, e a emoção que eu estava tentando segurar firme se derramava de qualquer maneira.

Meu peito apertou. Hod se afastou do beijo. Ele passou a mão pelo lado do meu rosto e parou no canto do meu olho.

"Você está *chorando* ?" Ele disse, sua voz bruta.

Respirei fundo e mal consegui não soluçar. “Bom choro. Lágrimas de felicidade. Eu apenas... é a nossa coisa, certo? Você precisa me sentir chorar pelo menos uma vez ou não é uma conversa completa.”

"Ari..."

Enfiei minha cabeça na mandíbula dele. “Eu nunca estive com ninguém e isso realmente significou alguma coisa antes, ok?” Até aquela conversa com Loki, tanto quanto eu gostei, como muitas das minhas regras que eu estava quebrando ao passar por isso, tratava-se de coçar uma coceira, perseguir o desejo, nada muito mais profundo.

Sem compromissos. Sem proclamações.

Mas Hod já havia feito uma.

Seu tom se suavizou. “Ari. Minha valquíria”. Seus dedos deslizaram para o meu queixo. Ele apontou para que ficassemos cara a cara. "Eu te amo", ele murmurou, soando um pouco sufocado.

Eu puxei sua boca de volta para a minha. Enquanto nossas línguas se entrelaçavam, puxei suas calças. Ele as chutou, e eu apalpei sua ereção através de sua boxer. Ele me

abraçou mais forte, derramando-se no beijo. Uma onda de felicidade correu através de mim.

Uma de suas sombras se contorceu sob minha calcinha para lamber meu clitóris. Eu ofeguei, agarrada por uma necessidade mais profunda. "Por favor."

Nós saímos de nossas roupas íntimas juntos. Então a pele lisa de seu pau rígido deslizou contra o meu clitóris. Uma onda de prazer correu através de mim. Coloquei minha perna de volta no quadril dele e o incitei diretamente em mim.

Um grito me escapou quando ele me encheu. A queimação vertiginosa se expandiu do meu núcleo por todos os outros nervos. Hod apertou minha coxa, empurrando mais fundo quando caímos em outro beijo. Nós balançamos um contra o outro lado a lado. Suas sombras brincavam sobre meus seios, formigavam contra meu clitóris. Eu choraminguei, meus dentes raspando seu lábio, e ele me empurrou mais rápido.

Minha cabeça inclinou-se para trás, meus olhos rolando para cima. Hod me levou ainda mais fundo, com uma onda de sombra em todos os pontos mais sensíveis da minha pele, e eu vim com um gemido e um calafrio. Sua respiração ficou irregular. Ele empurrou com mais força alguns empurrões erráticos de seus quadris e me seguiu até a felicidade final.

20

Aria

Agarrei-me a Hod, deleitando-me com seu calor e sua pele úmida e suada pressionada contra a minha, até que o brilho posterior começou a desaparecer. Ele me beijou, tão docemente que enviou uma nova onda de desejo através de mim. Mas eu sabia que não tínhamos tempo para saborear esse momento. Meu olhar deslizou para a janela.

"Eu gostaria que realmente estivéssemos de volta a esta casa", eu disse. "Eu gostaria..."

“Muitas coisas?” sugeriu Hod. Seus braços se apertaram ao meu redor por um momento. "Eu também. Mas vamos sair disso. Não consigo imaginar alguém mantendo você enjaulada por muito tempo, valquíria.”

Eu tive que acariciá-lo novamente, minha boca encontrando a dele para um último beijo. "Da próxima vez não vou chorar, eu prometo", eu disse.

Um sorriso cruzou seu rosto com a menção de uma próxima vez. Hod sempre foi bonito, como todos os deuses, mas quando ele sorria... eu não conseguia desviar o olhar.

Eu me sentei e coloquei meu sutiã de volta no lugar. Meus jeans e calcinha estavam em uma pilha emaranhada perto do pé da cama. Eu me contorci neles com um olhar ao redor da sala. "Não sei se isso ajudou muito a sair daqui, infelizmente."

Hod abafou uma risada com a mão. "Talvez se tentássemos novamente agora", disse ele com um brilho estranhamente brincalhão nos olhos.

Eu mostrei minha língua para ele, mesmo que ele não pudesse vê-la. “Não tenha uma mente única sobre mim. Deixe-me ver-" Pulei da cama e atravessei o chão.

Aparentemente, nossa conexão afetou a construção de Muninn, afinal. As tábuas de madeira cederam embaixo de mim com um suspiro. Mergulhei na escuridão com pouco tempo para soltar um grito.

Minhas asas dispararam das minhas costas automaticamente. Eu me virei, tentando pegar alguma coisa, voar de volta para Hod.

"Aí está você", a voz de Muninn murmurou como se dentro da minha cabeça. “Pensei que você pudesse se esconder? Aqui está algo que você deve ver.”

Uma força invisível me jogou contra um muro de pedra. Deslizei para o chão em uma caverna de teto baixo. O cheiro de podridão encheu meu nariz. Eu me encolhi, me apoiando contra a pedra áspera.

Eu conhecia esse lugar. Era Nidavillir, onde eu tinha procurado Odin pela primeira vez - a casa dos elfos negros.

O pensamento tinha acabado de passar pela minha cabeça quando uma mulher caiu na caverna através de uma abertura que eu não conseguia ver. A mesma abertura que eu devo ter passado. Ela caiu de mãos e joelhos, ondas castanhas caindo sobre o rosto, asas exatamente como as minhas flexionando acima de suas costas - e vários elfos escuros saíram da escuridão para cair sobre ela.

Bati a mão na boca para esconder um grito quando uma das facas afundou no crânio da outra valquíria. O sangue jorrou em torno dela, pintando seus cabelos ainda mais escuros. Ela caiu no chão. Um dos elfos escuros cuspiu nela antes de rodar seu corpo robusto e curto para se afastar.

"Foi o que aconteceu com os outros que eles enviaram", disse Muninn. Tive a impressão de que ela estava empoleirada logo acima de mim, mesmo que não houvesse realmente nada para se apoiar. “Isso é para o que os deuses enviaram elas. Vamos fazer o trabalho duro para eles, para o matadouro. ”

"Só porque os deuses não conseguiram chegar a Asgard", eu disse, fechando os olhos contra a visão da valquíria assassinada. "Eles *teriam* vindo eles mesmos se pudessem." A voz angustiada de Freya surgiu em minha memória, falando sobre o quanto ela desejava poder ir para o marido.

"E então eles te convocaram." A voz da corvo era desdenhosa. “E você seguiu a trilha muito bem. Se você deixasse passar, se não tentasse tanto, nunca precisaria calá-los.”

"Oh, então agora isso é culpa *minha* ?" Eu me levantei e girei nos calcanhares, mas ainda não conseguia vê-la. "Você quer falar sobre assumir a responsabilidade por seus próprios problemas - que tal assumir a responsabilidade pela merda em que nos jogou?"

"Minha oferta ainda permanece", disse Muninn. “Não vai demorar muito mais. Você realmente quer ver o quanto isso pode piorar?”

"Só vai piorar para você, você-"

Eu levantei meu punho, e a força de sua ilusão me bateu na cabeça. Eu tropecei para trás através da parede da caverna, onde fui chicoteada e jogada para o lado. Meu olhar saltou através da escuridão, procurando algum sinal de Muninn.

Um lampejo de uma imagem passou pelos meus olhos. A mulher corvo curvada em uma borda de pedra, a cabeça entre as mãos, o cabelo pendendo entre os dedos. Um murmúrio escorregou de seus lábios. "Tão malditamente cansada disso."

Minha mão estendeu e a imagem desapareceu. Eu não poderia ter dito se era um vislumbre do presente ou do passado. Sempre que tinha sido, Muninn estava vacilando. Eu a senti naquele momento, suas emoções irradiando através do espaço ao meu redor. Ela estava quase exausta.

Uma faísca de triunfo acendeu no meu peito por cerca de dois segundos. Então fui jogada no chão no mesmo tapete manchado em que me vi deslizando sobre o que parecia dias atrás. O odor azedo da casa da minha mãe me envolveu, mais espesso desta vez. Mais espesso do que eu pensava que realmente tinha sido na realidade.

Ah não. Não estávamos fazendo isso de novo. Eu me levantei e me joguei contra a parede, com a intenção de atravessá-la como antes no corredor.

Meu ombro bateu contra o gesso sólido. Eu quase tropecei sobre meus pés pousando de volta no chão, segurando meu braço.

Muninn não estava me deixando ir tão facilmente desta vez. Por mais exausta que estivesse, estava pronta para esse

truque. Mas ela não podia estar pronta para tudo. Eu só tinha que continuar empurrando.

A porta. Foi assim que eu saí desta casa pela primeira vez. Eu me virei em direção a ela - e minha mãe apareceu na porta do banheiro. Ela plantou as mãos nos quadris nodosos.

“Fugindo de novo? Não pode mais se incomodar em dar à sua família a hora do dia, pode? Não sei como criei uma criança tão egoísta.”

Meu peito se apertou. Eu não queria ouvir isso. Eu *realmente* não queria descobrir no que isso poderia levar. Empurrando na direção oposta, corri para a outra porta.

Ela já estava lá na cozinha, debruçada sobre uma caneca de café lascada. "Eu vou lavar a roupa amanhã", ela murmurou. “Você pode usar essas calças outro dia. Ninguém vai cheirar sua bunda.”

Eu passei por ela para o corredor da frente. Uma voz diferente, um teor ligeiramente plano, carregou atrás de mim. “Ari? Minha pequena dama favorita não vai passar um tempo comigo?”

Trevor. Lembrei-me daqueles tempos muito bem. O tapinha da mão contra a almofada do sofá. O brilho muito ansioso em seus olhos. A maneira como ele se sentou um pouco perto demais, seu joelho pressionado ao lado do meu. Os filmes que ele escolheria - não pornô ou qualquer coisa, mas com mais sexo e violência do que qualquer outra figura paterna deixaria uma garota de nove anos assistir.

Eu sabia desde a primeira vez que ele me ligou que algo não estava certo. Ele só não tinha me mostrado o quão

errado ele poderia estar até um ano depois. Tudo que eu sabia então era que, quando me recusava, ele desabafava com mamãe, e mamãe brigava ainda mais.

Meu pulso aumentou. Corri em direção à porta - mas não havia nenhuma porta. Apenas uma daquelas malditas paredes em branco.

Eu não diminui a velocidade. Não, eu acelerei. Eu me joguei para frente e bati naquela parede com minha força de valquíria.

Meu corpo bateu contra ele e caiu para trás, a dor irradiando através dos meus ossos. Minha respiração saiu em um suspiro.

"Ariiii."

As escadas. Talvez eu pudesse voar de uma janela. Virei o corrimão e corri os degraus rangentes. Quarto da mamãe. Muninn não estaria pensando nisso. Eu mal tinha entrado lá.

Eu girei no topo da escada, pulei para a porta dela, e a força guia de Muninn me golpeou na cabeça como se tivesse sido atingida por uma frigideira de ferro fundido.

Caí, e caí, não sobre as tábuas gastas do chão do corredor, mas sobre um colchão fino com uma mola saliente nas costas. Um cobertor de lã arranhado foi puxado sobre meu corpo até meu queixo. O quarto estava escuro e silencioso ao meu redor. Um grilo cantou lá fora.

Um pisar forte soou nas escadas. Um rangido, e depois outro, e depois outro. Pânico explodiu na minha cabeça. Movi-me para me levantar da cama e me vi paralisada.

Assim como eu sempre estive naquela época. Congelada de medo e pavor, o suor escorria na minha testa enquanto meu coração batia nas costelas, ouvindo-o subir aquelas escadas. Só que desta vez Muninn deve ter ajudado nisso, me empurrando para baixo.

O cobertor me colou no colchão como se fosse uma camada de cimento. Uma onda de fadiga tremeu através dele, mas ela me segurou lá com toda sua força. Eu estaria disposta a apostar que ela não estava prestando atenção em ninguém além de mim agora. Ela queria vingança para as maneiras que eu tinha desafiado *ela*.

Você realmente quer ver o quanto isso pode piorar?

Eu não conseguia nem abrir minha boca para amaldiçoá-la. Meu queixo ficou apertado. Do lado de fora da porta do meu quarto, as escadas pararam de ranger. Trevor atravessou o corredor.

Deus do caralho, não, não, não, *não*. Apertei meus músculos contra a paralisia, mas não consegui me mexer uma polegada. Mais suor escorreu pelo lado do meu rosto, deixando um caminho frio no seu rastro. Eu desejei que minhas asas emergissem, me impulsionassem para fora do colchão, mas elas permaneceram trancadas dentro de mim. Meu lábio apertou quando meus dentes o morderam. A dor também não me liberou.

A porta se abriu com um rangido suave. A forma larga e pesada de Trevor estava em silhueta no limiar. Ele entrou e fechou a porta atrás de si. Sob sua respiração, ele começou a cantarolar aquela música maldita, aquela música estúpida sobre margaridas e açúcar que estava no rádio por meses e ainda me fazia querer vomitar quando a ouvia.

Naquela época, eu teria fechado meus olhos com força. Fingir que estava dormindo, que não sabia o que ele estava fazendo, não podia sentir nada disso, não podia me importar. Talvez se eu não desse nada a ele, ele ficaria entediado com o tatear e a rotina contra o meu pijama.

Exceto que não tinha funcionado. Ele se tornou mais criativo com o passar do tempo. Oh, por favor, não, não deixe que esse seja um daqueles momentos. Deixe que isso seja pelo menos cedo, quando for mais fácil desligar.

Ele caminhou pelo quarto e parou ao lado da cama, sorrindo para mim com aquele sorriso doentio e torto. Desta vez, olhei para ele como se eu pudesse jogá-lo para fora da sala com o poder do meu horror. Meu corpo se encolheu sob o cobertor.

Ele se abaixou para agarrar a esquina, e outra figura emergiu da escuridão logo atrás dele. Mãos bateram palmas, e o ex-namorado da minha mãe pegou fogo.

O clarão da luz do fogo reluzia nos cabelos ruivos claros de Loki e no rosto pálido. Seus olhos âmbar pareciam brilhar também enquanto observava Trevor desmoronar no chão em uma pilha de poeira. Ele chutou a pilha em chamas com um sorriso de escárnio. Então ele se virou para mim. “Eu vim o mais rápido que pude. Sinto muito que ele tenha chegado tão longe.”

Fiquei de pé e, no processo, descobri que podia me mover novamente. Um som quase como um gemido emergiu da minha garganta quando eu me arrastei para fora da cama, passando as mãos nos meus braços como se a coceira do cobertor e as memórias que vieram com ele pudessem me seguir. Meus ombros estavam tremendo.

"Ari..." Loki estendeu a mão e depois parou com ela no meio do caminho entre nós. Sem saber se eu gostaria do conforto que ele planejava oferecer, imaginei. Eu também não sabia. Outro tremor destruiu meu corpo.

Ari se controle. Eu tinha que me controlar. Eu ainda tinha que *sair* daqui.

"Obrigada", eu consegui dizer, rigidamente, mas com firmeza. "Eu que agradeço."

Loki assentiu, seu olhar fixo no meu. Sua mão ainda pairava no ar entre nós. Ele mudou seu peso como se estivesse se movendo em minha direção, e as escadas rangeram novamente.

Eu congelei, meu estômago revirando. Outro rangido e outro. Ele estava voltando *novamente*. Outro Trevor. Foda-se, não.

O pânico tomou conta. Antes que a força invisível de Muninn pudesse me empurrar de volta na cama, corri para a porta.

21

Loki

A angústia de Ari irradiava-a como se estivesse em completo colapso nuclear. Eu pude senti-lo vibrando através das paredes em constante mudança da prisão de Muninn, ficando mais nítida e frenética enquanto tentava seguir nosso fio de conexão com ela. Agora, observá-la correr do quarto para o corredor, me deixou nervoso.

Tanta dor contida naquele pequeno corpo. Se ela acabou de falar comigo, deixe-me ajudá-la a combater isso...

Eu corri atrás dela. Não havia como deixá-la fora da minha vista agora. Muninn poderia arremessar mil paredes e eu superaria todas elas para ficar com a nossa valquíria. Ela precisava de mim lá e precisaria de mim novamente. Se ela gostou dessa ideia agora ou não.

Ari desviou no corredor em direção a uma das outras portas, mas enquanto corria para ela, o chão caiu sob os pés como uma porta de alçapão se abrindo. Ela caiu com um grito. Amaldiçoando, eu mergulhei atrás dela.

Aterrissamos na cozinha dela, no canto em volta da mesa de madeira. Do outro lado da sala, um garoto adolescente com uma cabeça de ondas loiras bagunçadas como a de Ari estava tentando olhar para um cara de meia-idade, alguns centímetros mais alto e vários mais largo, com uma careca.

Levei um segundo para reconhecê-lo sob o brilho das luzes da cozinha. Careca era o homem que eu acabara de fritar no antigo quarto de Ari.

"Você vai sair desta casa e nem *pense* em voltar aqui", o garoto estava dizendo, sua voz rouca e seu rosto vermelho. "Se você tocá-la novamente".

"Você não sabe do que está falando, garoto", disse o homem. "Essa garota inventa todos os tipos de histórias loucas. Tudo o que ela te disse..."

Ari fez um som ferido. "Não. Francis. *Não*."

Ela se jogou ao redor da mesa e pegou o garoto - seu irmão mais velho -, mas desta vez Muninn não estava construindo com matéria sólida. Talvez ela precisasse preservar sua energia, ou talvez ela a visse como uma nova forma de tortura. A mão de Ari passou direto pelo braço de seu irmão. Ele continuou falando em um ritmo desesperado, como se não a tivesse notado.

"Ela não me contou. Encontrei provas. Eu sei o que você fez, seu maldito doente. Então, se você não sair daqui, eu chamo a polícia."

O homem ficou tenso, mas ele manteve a voz calma. "Você não quer fazer isso, Francis. Você tem alguma ideia de como eles a tratariam se você lhes contar uma história..."

"Não pode ser pior do que você fez com ela", Francis retrucou.

Ari gritou e se lançou contra ele novamente, mas ela não pegou nada além de ar. O irmão dela se jogou no homem com o punho levantado. O homem se esquivou para o lado,

batendo com o braço para desviar o golpe e empurrando de volta ao mesmo tempo.

Francis se inclinou para o lado, sua cabeça batendo no canto afiado do balcão com um estalo carnudo. Um soluço saiu da garganta de Ari. Ela caiu com o irmão quando ele caiu, o sangue escorrendo da ferida na cabeça dele.

"Ari." Eu me inclinei sobre ela, tocando seus ombros, mas ela bateu em minhas mãos.

"Me deixe em paz. Você não... Francis..."

Ela bateu na cabeça dele como se pudesse curar a ferida apenas com força de vontade. Muninn o deixou ficar sólido agora. Sangue riscou as palmas de Ari. Meu intestino torceu, mas pela primeira vez em minha longa existência, eu não tinha a menor ideia do que dizer que poderia ser bem-vindo, que poderia acalmar sua angústia, mesmo que um pouco.

Ele estava deitado lá... deitado como Baldur. Pálido, sangrento e totalmente inocente. Fechei meus olhos contra a imagem.

Pelo Grande Pai, como ela poderia ter reagido de outra maneira àquela cena no pátio? O crime que eu cometi ecoou um dos momentos mais terríveis da vida dela, só que desta vez comigo no papel de vilão. Eu tive sorte que ela estava me tolerando no mesmo quarto que ela.

Talvez eu nunca consiga consertar isso. Ela pode nunca me perdoar por um ato cometido eras antes mesmo de nascer.

Esse conhecimento afundou pesado no meu peito. Tudo certo. Isso foi um fato. Mas também era fato que eu não tinha

o hábito de desistir apenas porque a situação parecia terrível. Se houver uma maneira de corrigir isso, para reparar os destroços que eu tinha feito de tudo o que tivemos, eu condenadamente bem poderia encontrá-lo. Especialmente se, ao fazê-lo, também desse um golpe contra essa maldita prisão.

Depois de alguns minutos, Ari sentou-se sobre os calcanhares com um suspiro gaguejado. Ela bateu no rosto com as costas da mão.

"Não é ele", disse ela para si mesma. “Não é ele. É ideia de tortura de Muninn. Mas ela realmente não pode machucá-lo.” Ela levantou a cabeça e gritou para o teto. "Eu não estou me acovardando por isso!"

O corpo esvaziou com essas palavras. Em questão de segundos, não restava nada do suposto Francis, exceto uma mancha de poeira. Até o sangue nas mãos de Ari se desfez em pó. Ela as esfregou no jeans e se levantou.

"Nós a cansamos", ela me disse. “Ela não aguenta mais nada por muito tempo, não sem toda a sua concentração. E não vale a pena se não estiver funcionando. Não nos torturando.” Ela lançou outro olhar para o teto com esse comentário, assim como uma mulher apareceu na porta.

Mãe de Ari. Elas não eram tão próximas, mas eu podia ver a herança de Ari nos estreitos olhos cinzentos, a inclinação do nariz da mulher. Os cantos de sua boca cavaram profundamente quando se curvaram em uma carranca.

"Você teve que arruinar tudo", disse ela, apontando um dedo para Ari. “Estávamos bem. Bem."

Os dedos de Ari se apertaram contra o tampo da mesa. Ela deu um passo para trás. "Não, nós não estávamos."

“Você nunca poderia estar satisfeita com a maneira como as coisas eram. Sempre teve que fazer tudo sobre você. Como se alguém olhasse para uma coisa magricela como você e quisesse *isso.*”

"Cale-se."

“Francis ainda estaria vivo. Eu ainda teria Trevor. Estávamos fazendo uma vida real para nós mesmos e você levou tudo embora. Se você tivesse mantido sua boca idiota fechada...”

"Eu fiz, sua puta!" Ari gritou.

Sua mãe congelou, como se nem essa construção das memórias de Ari tivesse resposta a isso. Eu estava disposto a apostar que Ari nunca tinha gritado daquele jeito de verdade, por mais que sua mãe claramente o merecesse. A hesitação daquele momento me deu uma abertura, no entanto.

Eu levantei minha mão, uma onda de calor correndo através de mim. "Permissão para acendê-la?"

A mandíbula de Ari se apertou, mas seus lábios se curvaram em um sorriso sombrio. Ela assentiu com um pequeno movimento da cabeça.

Eu bati meus dedos, e um jato de fogo disparou do chão para envolver esta figura de sua mãe.

Como o homem lá em cima, a construção desmoronou antes mesmo de começar a queimar. Não é a vingança mais satisfatória.

Ari caiu contra a mesa, mas seus ombros ficaram tensos. O olhar dela permaneceu na porta. Preparada para algum novo horror surgir.

O momento se estendeu. Nada mais apareceu. Muninn passou a torturar meus companheiros deuses por um tempo, se eu tinha que adivinhar. Ou então, ela estava ainda mais cansada do que Ari sugerira - cansada demais para fazer mais do que manter essas paredes no lugar.

"Você nunca deveria ter visto isso de novo", eu disse no silêncio. "Muninn merece ter a cabeça enfiada na bunda e puxada para trás do pescoço por fazer você passar por isso."

Os lábios de Ari se contraíram com minhas imagens criativas. Ela se afastou da mesa. "Por quê você está aqui?"

"Estou tentando cuidar de você, por mais difícil que pareça querer fazer essa tarefa."

Seu olhar estalou para encontrar o meu. "Quem disse que eu preciso de cuidados?"

"Eu acho que todos nós fazemos neste lugar deformado, não é?" Eu levantei minha cabeça. “Não importa o que você pensa de mim, duende. Você é *minha* valquíria. Fui eu quem a arrastou para essa bagunça - que acabou sendo uma bagunça muito maior do que eu previa, infelizmente. Então, mesmo que você tenha decidido odiar minhas entranhas, ainda estarei aqui para queimar qualquer idiota que precisar queimar.” Balancei meus dedos no ar.

Ela soltou o ar. "Sim. Eles precisavam disso."

A cabeça dela caiu novamente. Engoli em seco, mas a curiosidade contorceu minha garganta de qualquer maneira. Uma das mais leves das minhas muitas falhas.

"Ela realmente culpou você assim, não é? Sua mãe? Muninn não inventou isso."

"Minha mãe... vivia em uma realidade em que nada importava, exceto que nada poderia ser culpa dela." Ari levantou um ombro e o soltou em um encolher de ombros sem entusiasmo. "De certa forma, ela estava certa. Se eu não estivesse aqui, se tivesse sido melhor em esconder isso, Francis não teria morrido. Trevor não teria ido para a cadeia. Todo mundo teria ficado mais feliz."

Minha mandíbula apertou contra outro sinal de raiva. "Todos, exceto você."

"Bem, eu não contei, na equação dela. Eu realmente não contei, você sabe. Dois anos, e isso continuava piorando, mas ele sempre dizia que, se eu dissesse alguma coisa, seria eu que teria problemas. Eu sabia em quem minha mãe acreditaria. Eu sabia que Francis realmente não podia fazer nada, não sem acabar na linha de fogo também..." sua voz tremeu.

"Não é sua culpa", eu disse bruscamente. "Não se atreva a assumir um pontinho de culpa que esse pedaço de excremento humano deveria estar carregando."

Ela levantou a cabeça novamente, os olhos assustados. Realmente a surpreendeu que eu estivesse com raiva disso? Eu não conhecia todos os detalhes do que aquele bastardo tinha feito, mas eu tinha visto o suficiente naquela cena e

em todas as reações que Ari teve quando alguém se aproximou dela...

"Eu poderia queimá-lo de verdade, você sabe", eu disse abruptamente. “Quando sairmos daqui. Um caso inexplicável de combustão espontânea. Realmente seria um final mais gentil do que ele merece. Mas muito, muito satisfatório.”

O olhar de Ari ficou no meu rosto por alguns segundos. "Não", ela disse finalmente. "Eu não acho que isso realmente tornaria as coisas melhores." Ela desviou o olhar, apoiada contra a borda da mesa. “Se eu tivesse acabado de lutar, se tivesse gritado e acertado ou encontrado alguma outra maneira de mostrar a ele que ele não poderia se safar... Mas ele podia. Ele provavelmente me avaliou e sabia que eu seria muito fraca.”

Ela parecia tão derrotada naquele momento que minha raiva queimava através de mim duas vezes mais quente. "Você não era *fraca* ", eu disse. “Você era uma criança em uma situação horrível. Tentando proteger você e seu irmão como sempre. Tomando tudo consigo mesma, para que ninguém mais se machucasse.

Você era tão forte que mesmo quando a pior coisa possível aconteceu, você conseguiu superar, continuou. Você não deixou aquela mulher desprezível te esmagar. Você não deixou o passado te quebrar.”

"Mas talvez eu tenha", disse Ari. O aperto dela na mesa aumentou. "Você não sabe... Faz dez anos desde a última vez que vi aquele idiota, e ainda não consegui tirá-lo da minha cabeça. Não consigo relaxar completamente com ninguém. Não posso confiar completamente em ninguém. Sem compromissos, sem risco de eu ficar pendurada no cara

errado, porque parece que seria tão fácil acabar presa assim novamente.”

"Dez anos não são muito depois de um trauma como esse", eu disse. O peso amargo que carregava sob minha raiva tremia de acordo. Séculos e séculos às vezes não eram suficientes.

Ela balançou a cabeça. “Você nem vê. Você... Você foi a primeira pessoa que eu conheci que eu não poderia simplesmente me afastar na manhã seguinte. A primeira pessoa em *dez anos em* quem eu ainda não tinha um pé na porta. E eu lutei contra isso. Não queria arriscar, porque sabia que não ia querer ir embora.”

Meu coração apertou. E então ela acabou presa aqui comigo, descobrindo o quão errado eu poderia estar. Ela me deu essa confiança...

"Então, por que você se arriscou?" Eu perguntei calmamente.

Os ombros dela subiram e desceram. Ela olhou para mim de lado. “Eu senti como se você entendesse. Você entendeu, e isso não impediu você de me querer.”

"Ainda não", eu disse, não que a conexão estivesse muito alta na minha lista de tarefas no momento. Eu ficaria feliz em simplesmente tê-la acolhido em meu abraço, me deixando levar um pouco do fardo que ela carregava por muito tempo. “Vi tudo isso, ouvi tudo o que você disse e ainda acho que você é um dos seres humanos mais fortes que já conheci, Ari. Eu nem recomendaria que muitos deuses a levassem.”

As bordas da sala brilhavam. Fiquei quieto, olhando pelo canto do olho. As construções de Muninn estavam se tornando ainda mais falíveis. Talvez não demore muito para que possamos destruí-los completamente.

"*Eu* não entendo", disse Ari, virando-se para mim. “Como você pôde fazer isso com Baldur? Para *Hod*? Você colocou os dois em tanta merda - você matou Baldur e fez Hod se sentir como se ele fosse o assassino...”

Meu estômago apertou em uma bola. Eu mantive minha voz calma. "Eu nunca menti para você. Eu te disse que era um vilão. Tenho certeza que os outros também lhe disseram muitas coisas. Eu sou o que sou, Ari.”

O olhar dela não vacilou. “Se você é um vilão, então por que está tentando tanto me ajudar? Tenho dificuldade em acreditar que é só para entrar nas minhas calças novamente.”

“Ninguém nunca é tão preto e branco. Tenho permissão para meus melhores momentos.”

"Então, por que você não transformou esse em um dos seus melhores momentos?" Ela exigiu. “Você teve uma escolha, não teve? Você estava realmente tão chateado com o jogo estúpido que pensou que assassinato era a resposta?”

“Apesar das minhas intenções, eu me irritei. Foi muito mais complicado que isso. Você viu um fragmento da história. Eu tive minhas razões.”

“Então me diga, em vez de todo esse lixo sobre 'eu sou o que sou'!”

Meu estômago apertou mais. "Essa é a verdade", eu bati.

"É?" Ela disse. "Ou é apenas mais fácil evitar responder à pergunta se você afirma que é um cara mau e lava as mãos de todo o resto?"

A acusação foi mais profunda do que ela poderia ter percebido. Eu consegui conter meu vacilo. Se ela soubesse, se ela tivesse alguma ideia...

Mas não era assim que ela estava discutindo comigo sobre sua suposta fraqueza?

As paredes ao nosso redor vacilaram, mais obviamente desta vez. Os olhos de Ari se arregalaram. Ela empurrou a mesa, dando um passo em direção aos armários. Então, com um suspiro, ela se jogou para frente com um golpe de punho.

Os armários, o balcão e a parede desabaram na escuridão. Ari soltou um grito de vitória. Ela estava apenas girando em minha direção quando uma rajada de vento soprou entre nós e a jogou naquele vazio.

22

Aria

Para me ajudar, eu estava tão cansada de ser jogada por aí. Ao girar na escuridão, concentrei toda a frustração em minhas lembranças de uma voz doce, mas rouca, e um bater de asas escuras. Onde estava Muninn? Onde ela estava, para que eu pudesse socá-la em seu pequeno rosto de corvo? Ela pensou que me mostrar toda essa história me desgastaria? Isso só me deixou ainda mais ansiosa para derrubála - uma pena de cada vez, se era o que era preciso. Nós estávamos quase lá. Eu *sabia que* a força dela estava diminuindo.

Minhas asas bateram. A escuridão mudou ao meu redor, e eu estava de volta à jaula em que tinha visto Odin antes.

O Grande Pai estava caído contra as barras de ferro, a cabeça inclinada para o lado e o chapéu caído. Sua presença reverberou através de mim. O anel de fogo continuou lambendo a base da gaiola. Um brilho avermelhado mais suave escoava sobre a rocha ao redor - uma caverna. Esta era uma caverna em algum lugar.

Eu mudei. Uma parede de líquido espesso passou pelo que eu imaginei ser a entrada da caverna, emanando uma luz incandescente como o riacho onde eu o vira emboscado.

Como... magma? Eles estavam mantendo-o em um *vulcão*? Depois de tudo que eu tinha visto nas últimas semanas, não parecia impossível.

A voz de Muninn derivou de dentro da caverna. “Você nunca pensou que eu era capaz de algo assim, não é? Você nunca pensou muito em mim, exceto pelo que eu poderia lhe trazer. Você sequer se perguntou onde eu estava, esse tempo todo? Você assumiu que este lugar me matou, não que isso claramente importasse muito para você?”

"Eu sabia onde você estava, Muninn", disse Odin, sua voz baixa e enferrujada. "Você não parecia querer ser perturbada, então eu deixei você."

Isso soou como uma resposta bastante gentil, mas pela inspiração aguda de Muninn, de alguma forma a deixou mais irritada.

"Eu tive uma vida", disse ela. “Uma vida que eu poderia ter tido durante todo esse tempo antes. Eu costumava pensar-"

"O quê?" Odin disse depois de um momento, se movendo contra as barras. "O que você achou, meu corvo?"

"Eu não sou *sua* ", ela cuspiu.

Afastei-me deles, longe da gaiola, em direção à queda do magma. Havia uma pequena brecha entre o jorro e a rocha. Se essa fosse a entrada, se eu pudesse ver mais daqui, talvez tivesse uma ideia melhor de onde poderíamos encontrar Odin... sempre que pudéssemos realmente procurá-lo novamente. Se ele ainda estivesse aqui.

Meu pé raspou o chão áspero de pedra. Uma maldição ecoou na minha cabeça de algum outro lugar. Então uma força golpeou meu rosto com tanto poder que tive que fechar os olhos e levantar as mãos para me proteger.

Eu tropecei para trás e me virei, não querendo acidentalmente mergulhar naquela cachoeira abrasadora. O chão irregular subiu abaixo de mim.

A próxima jornada não passou de uma breve guinada. Larguei minhas mãos e me encontrei de volta no pátio da frente de Asgard, agachada nos azulejos de mármore onde havíamos chegado. Da inclinação da luz do sol e do azul profundo do céu claro acima, era noite. A mesma hora que teria sido se nunca tivéssemos saído deste local? Eu não tinha noção clara de quanto tempo havia passado na prisão de Muninn, viajando por todos esses anos de lembranças.

A brisa me lambeu com apenas um toque de frio. Eu me endireitei. O suave ruído da água que caía da fonte central era o único som. Nada e mais ninguém se mexeu na vasta cidade dos deuses, em qualquer lugar que eu pudesse ver.

Eu me abracei, tremendo de pé. Muninn estava apenas esperando um novo horror para mim? Claro, se ela quisesse *me* horrorizar , ela não teria me enviado para um lugar que eu não tinha lembranças. Quando eu terminava em alguma versão de Asgard antes, sempre fora juntar-me a um dos deuses em uma dolorosa repetição do passado. Ela estava tão cansada que nem se deu ao trabalho de criar uma nova tortura para mim?

Onde estavam os outros deuses, então? Devo ir explorar? Ou tentar sair deste lugar para onde quer que eles estivessem?

Eu tinha decidido pelo menos espiar alguns dos edifícios próximos quando o ar estremeceu. Com um grunhido, Thor entrou no pátio além da fonte, como se estivesse no nada.

Ele bateu no ombro nos ladrilhos primeiro, mal protegendo a cabeça com as costas do braço. Mjolnir bateu contra os azulejos ao lado dele. Um som de dor escapou do deus do trovão quando ele rolou de costas. Eu corri para ele, meu coração batendo mais rápido quando vi como ele cambaleou um pouco se levantando.

Um lado da camisa estava manchado de sangue. *Seu* sangue, tinha que ser, porque todo o resto se transformou naquelas manchas de poeira que marcaram minhas roupas também.

"Ari!" Ele disse com aquele sorriso largo, enquanto apertava a mão no ferimento.

Minha respiração assobiou entre os dentes. "Sente-se", eu disse, agarrando seu outro braço. “O que diabos aconteceu com você? Para onde ela te mandou?”

Ele não me ouviu exatamente, mas se abaixou na borda de pedra da fonte, a água na piscina ondulando com o impacto de seu corpo musculoso. Ele olhou para a camisa ensangüentada e fez uma careta. "Melhor ideia", eu disse. "*Deite-* se."

"Eu estou bem", ele disse teimosamente.

"Você está prestes a encher a fonte com seu sangue", eu atirei de volta. “Não há nada perigoso aqui, ainda não, de qualquer maneira. E quando algo aparecer, tenho a sensação de que você será melhor se não tiver uma ferida mortal.”

Thor franziu o cenho, os ombros flexionando. Minha garganta se apertou. "Por favor?", Eu disse.

Essa palavra suavizou sua expressão. Ele suspirou, mas deitou-se na borda. Eu o espiei, percebi que não havia maneira de alcançar a água inclinando-me e pulei direto para a piscina.

Thor estremeceu quando eu joguei um pouco de água do lado dele para lavar a ferida.

"Você pode tirar a camisa sem piorar?", Perguntei.

Ele levantou uma sobrancelha para mim. "Você quer minha camisa."

"Para que eu possa tentar fazer um curativo!" Eu disse, dando-lhe um olhar firme.

Ele riu e puxou a camiseta justa do outro lado. Com um rápido puxão do braço musculoso, o tecido se partiu da bainha para a manga.

Ajudei-o a tirar a camisa, com cuidado ao redor da ferida, que agora eu podia ver era um arranhão largo, mas raso, nas costelas inferiores. O sangramento parecia estar diminuindo. Amarrei as peças da camisa o melhor que pude e as envolvi em seu torso com um conjunto mais grosso de dobras sobre o arranhão.

Thor deitou-se quando eu terminei. Sentei-me na borda da fonte por cima da sua cabeça e espremi o máximo de água que pude para fora da minha calça jeans.

"Foram batalhas", disse Thor, respondendo à minha pergunta anterior sobre onde ele esteve. “Batalhas, batalhas e mais batalhas. Eu não sabia que tinha tão pouca variedade na minha vida, mas parecia que era tudo o que o corvo poderia ter com as minhas memórias.”

"E uma dessas batalhas venceu você?"

"Não exatamente." Ele fez uma pausa. “Eu me cansei de todo o espancamento e agressão. Pensei que talvez eu pudesse tentar uma estratégia diferente. Por que não? Ela estava mudando as memórias ao redor. Quem diria que eu não podia? Então, tentei interromper a batalha para ter uma discussão calma sobre por que exatamente estávamos brigando. Porque eu tenho que lhe dizer, eu não tinha ideia a esse ponto.”

Eu cutuquei seu martelo, que ele colocou no chão ao lado dele, com meu dedo do pé. “Thor, o Trovão, deu uma chance à diplomacia. Não é o que ela provavelmente estava esperando. É?"

Ele fez uma careta. “Eles nem pararam de correr para mim. Eu esperei para ver se talvez, se eu nem revidasse, isso pudesse mudar alguma coisa, mas... ”Ele apontou para o lado dele. "Tanto para diplomacia."

"Bem, na verdade não é sua área, certo?"

Ele ficou em silêncio por um momento mais longo desta vez. “Prefiro que sim. Mas acho que é isso o que sou.”

O comentário ecoou a desculpa de Loki tão perto que eu tive que conter uma contração. Mas Thor havia me dito antes como se sentia desconfortável ao perceber o quanto de sua vida havia sido composta de violência. Ele parecia pensar que eu o veria como um tipo de animal por causa disso.

Deixei meus dedos roçarem sobre seus cabelos ruivos escuros, deslocando os fios que haviam se libertado de seu rabo de cavalo curto. "É exatamente isso que ela quer que você pense", eu disse. "Eu gostaria que *ela* tentasse a

diplomacia." Ele roncou em concordância. "Devo apresentar minhas últimas palavras?"

“Não, acho que você vai sobreviver.” Parecia pior do que era.

“Oh. Bem, nesse caso.”

Ele se levantou, ignorando meu grito de protesto. Com uma varredura de seu braço, ele me pegou em seus braços. Ele beijou minha têmpora. “Fico feliz que você esteja bem, Ari. Fiquei pensando... Você *está* bem, não está?”

Pensei em todos os horrores pelos quais eu tinha passado, o meu e de outros, nas últimas horas, e meu estômago estava com um nó. Mas Thor não fazia parte dessa agonia. Foi um alívio inclinar minha cabeça contra o peito nu, absorver o calor do seu corpo e dizer: “Sim. Sim, eu estou."

Eu não queria me mexer. Eu queria ficar lá com a mão dele acariciando minhas costas por um bom tempo. Eu também estava cansada. O cheiro dele, como um hidromel quente brincou ao meu redor. Sem pensar, eu me vi pressionando um beijo na protuberância de seu peitoral logo abaixo da clavícula para que eu pudesse provar também.

Os dedos de Thor se moveram contra minhas costas. "Ari", disse ele em voz baixa com fome - e um baque soou atrás de nós.

Eu pulei, Thor se levantando quase tão rapidamente. Freya estava se endireitando onde havia caído perto da beira do pátio. Seu cabelo dourado estava desarrumado, mas ela de alguma forma alisou-o perfeitamente no lugar com um movimento rápido de suas mãos.

"Bem", disse ela, com um ligeiro estremecimento. "Isso tem sido... alguma coisa."

Baldur emergiu do ar a vários metros dela, conseguindo aterrissar. Seu rosto jovem parecia cansado, mas menos dolorido do que quando eu o encontrei na escuridão. Eu esperava que Muninn não tivesse encontrado nada pior para atormentá-lo.

Seu olhar arrebatador pegou meu curativo apressado ao redor do lado de

Thor em um instante. Ele caminhou em direção ao irmão. "Você está ferido."

O deus do trovão acenou para ele. “Ari cuidou disso. Eu vou viver."

“Posso ver o que consigo enquanto tivermos um momento.” Os brilhantes olhos azuis de Baldur dispararam para mim por um momento, olhando-me de cima a baixo como se confirmasse que não havia sofrido novos espancamentos desde que ele me vira pela última vez.

"Eu estou bem", eu disse rapidamente. "Cuide dele."

Quando Thor começou a resmungar algo sobre não precisar ser tratado e Baldur se ajoelhou ao lado dele, o ar voltou a vibrar. Mais duas figuras emergiram em lados opostos do pátio quase simultaneamente: Hod e Loki.

Hod se segurou com um joelho e uma mão nos ladrilhos e se levantou, convocando sua bengala sombria com um movimento da mão.

"Está tudo bem", eu falei para ele. "Até agora tudo está calmo aqui."

Seus ombros relaxaram ao som da minha voz. "Eu tentei pegar você quando você caiu", ele começou.

"Eu sei", eu disse antes que ele pudesse tentar se desculpar. "Ela tinha mais alguns truques na manga."

Loki caminhou em nossa direção, contemplando o pátio com seu olhar âmbar e uma curiosa inclinação de cabeça. “Eu me pergunto que truques ela tem guardado para nós aqui. Todos nós seis, de volta onde começamos. Uma escolha interessante. Quem chegou aqui primeiro?

"Eu fiz", eu disse. “E então Thor. Não faz tanto tempo, no entanto. Talvez meia hora?” Se eu pudesse confiar no meu senso de tempo. “Acho que ela ficou sem lembranças horríveis para nos jogar. Tudo isso nos jogando realmente a cansou.”

"Nós não quebramos tão facilmente quanto ela esperava", disse Hod sombriamente.

“E é mais fácil manter todos nós contidos se estivermos no mesmo lugar?” Freya sugeriu.

"Então ela pode esperar", disse Loki com um sorriso malicioso. “Eu sou a favor de decepcioná-la mais uma vez. Ari, você ainda parece ser a chave para quebrar essas construções dela.”

Ele fez um gesto, e eu endureci automaticamente. Sua expressão escureceu, apenas por um segundo.

Hod deu um passo em minha direção. "Você não pode pedir a ela para sair por aí", ele disse. "E não tenho certeza se confiaria em algum plano que *você* venha a apresentar de qualquer maneira."

Loki soltou um suspiro. "Venha agora. Realmente precisamos agir como se o passado realmente tivesse acontecido? Nós coexistimos pacificamente por eras antes de agora. Preciso listar todas as situações impossíveis das quais nos extraímos antes?"

"Não", disse Hod. "Deixei o que aconteceu para manter a paz por muito tempo. Estamos todos pensando nisso. Eu digo isso. No entanto, saímos daqui, depois disso, você não é bem-vindo em qualquer lugar perto do resto de nós. "

A mandíbula de Loki friccionou, mas ele manteve o tom irreverente. "Eu dificilmente acho que você pode tomar essa decisão para toda a festa. Declarou-se a voz do grupo, já que você não pode ser os olhos, não é?"

"Loki" disse Baldur, sua voz melódica, mas firme. Ele deixou Thor, virando-se para encarar o malandro. "Eu acho que você já fez o suficiente."

Meu pulso disparou. Isso estava começando a parecer mais do que apenas as brigas que eles haviam tido antes. "Espere", eu disse. "Nada disso importa, a menos que saiamos deste lugar. Nós saímos, e então... e então qualquer coisa que você precise decidir, você pode decidir então. Brigar um com o outro só serviria aos propósitos de Muninn."

Hod deu de ombros. "Eu já disse minha parte."

"Bem, tudo bem", disse Loki com uma varredura de desdém da mão. “Como se vocês dois não tivessem entrado em contato conosco, porque ninguém mais poderia suportar estar em torno de uma tristeza constante e do torpor perpétuo. Thor e eu teremos que nos aventurar novamente.”

Ele lançou um olhar expectante para o deus do trovão. Thor mudou seu peso. "Quando chegarmos em casa, acho que ficarei feliz em festejar e beber por um bom tempo."

"Acho que você terá que aproveitar essas aventuras por conta própria", disse Hod. "Só não os traga aqui."

"*Aqui* ?" Loki respondeu, seu tom afiado. "Você quer dizer nesta prisão em que ainda estamos presos, que aparentemente todos vocês esqueceram - exceto Ari, é claro?"

"Em qualquer lugar", retrucou Hod.

"Ok, apenas *espere* ", eu disse, entrando entre eles com os braços estendidos. “É isso que Muninn quer. Temos que trabalhar juntos, tentar entender um ao outro - olhando o passado de diferentes maneiras que começamos a derrubar sua prisão. Nós podemos conversar sobre isso.”

Um incêndio já se acendera nos olhos de Loki. Queimou através de sua voz. “Não parece que podemos. Então você vai me expulsar, finalmente, depois de todas as eras, por causa de um ato de mais de um milênio atrás? Suponho que seja justiça asgardiana para você.”

"Um ato que deixou os dois mortos", Freya colocou timidamente.

“Você acha que eu *gostei* desse fato? Você acha que fiquei encantado com esse resultado?”

"Sim", disse Hod. "Por todas as aparências do que você fez."

“Por tudo - você nem pode *ver* - você nem estava aqui para saber—” Loki levantou as mãos.

“Talvez seja melhor você ir agora” disse Baldur suavemente. "Quando quebrarmos a prisão, todos sairemos de qualquer maneira."

Um tremor percorreu o corpo do malandro, tão forte que eu quase esperava que ele explodisse em chamas. Os olhos dele se estreitaram.

"*Não* ." Ele se virou, apontando o dedo para um e depois outro. "Não. Terminei. Vamos dar uma olhada real no passado e ver o quão diferente é da imagem que ele pintou para você. Eu guardei os segredos daquele bastardo para o benefício dele e o *seu* por tempo suficiente. Ragnarok deveria ser o fim. Eu terminei com essa porra de papel. Mas vocês todos não podem deixar de me empurrar de volta. Então, aqui está você. Serei seu vilão mais uma vez.”

"Loki", disse Thor cautelosamente. "O que você está reclamando agora?"

"Você vai ver. Ou ouça, conforme o caso.” Loki lançou um olhar ardente para Hod. Ele apontou para o céu. “Brinque comigo, pequeno corvo. Você queria que Odin caísse? Deixe-o cair ainda mais. Vamos ficar com a torre. Vamos ter essa noite. Você pode ver a memória. Não é suculento o suficiente para você?”

Por alguns segundos, nada aconteceu. Meu coração bateu forte no meu peito. Eu estava apenas abrindo minha boca para tentar salvar a bagunça que havíamos feito dessa

reunião quando os corredores subiram ao nosso redor. Os ladrilhos se ergueram, jogando-nos em direção ao céu.

23

Aria

Minhas asas dispararam das minhas costas. Segurei a mão de Thor, o mais próximo dos deuses. Então as paredes de pedra bateram no lugar ao redor de nós seis.

Paramos em um tapete tecido em uma sala cilíndrica. O teto elevava-se a um pico, cruzado com vigas e sombras. As janelas corriam em círculo por toda a sala. Uma poltrona alta de madeira que parecia ter brotado do chão estava no centro. Não havia outros móveis, exceto algumas mesinhas e estantes de livros sob o anel das janelas. Uma brisa fria da noite passou por nós, carregando um perfume como uma tempestade que se aproximava.

Raios crepitavam no céu lá fora, seguidos por um trovão distante. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Eu não gostei da sensação disso.

Thor apertou minha mão. Baldur deu um passo em direção à cadeira. Ele olhou para ela, de olhos arregalados.

"Esta é a torre do meu pai", disse ele. “O assento alto do Grande Pai. Eu nunca vi isso."

"Porque ele nunca convida *ninguém a* entrar", disse Hod perto do meu outro lado. "Ninguém entra na torre, exceto Odin."

Thor se inclinou para perto de mim. "Da cadeira, através daquelas janelas, diz-se que ele pode ver em qualquer lugar dos nove reinos", ele murmurou.

“Ele nunca *te* convidou ”, disse Loki a Hod, aquele calor ardente ainda brilhando em seus olhos, estalando em sua voz como o raio lá fora. "Ninguém põe os pés nesta sala, exceto o Grande Pai - e seu colaborador mais próximo." “E é você?” Freya cruzou os braços sobre o peito, parecendo cética.

“Você realmente acha que Odin trouxe um dos troteiros jotun para Asgard, jurou um vínculo de sangue comigo, apenas por diversão? Certamente você o conhece melhor que isso.”

"Por que estamos aqui?" Thor disse. "O que é tão importante que tivemos que ver?"

Loki se virou. “Você quer segurar o Grande Pai em um pedestal? Você quer ficar horrorizado com as coisas que eu fiz? Tudo, tudo, era para *ele*.” Ele cuspiu a última palavra.

As sobrancelhas de Freya se uniram. "Do que você está falando, em nome de Hel?"

"Deixe ele te contar!"

Loki jogou o braço em direção a uma figura que acabara de sair das sombras. Odin tirou o chapéu de abas largas da cabeça e colocou-o em cima de uma das estantes baixas. Ele passou a mão pelos cabelos castanhos grisalhos.

Não era o verdadeiro Grande Pai. Mesmo se eu não soubesse que ele não poderia estar aqui, que Muninn nunca o libertaria de sua jaula apenas por isso, minha natureza

valquíria não respondeu à presença dessa forma com o mesmo reconhecimento.

Não, essas devem ser as memórias de Odin de Loki.

E mais ninguém além de Loki esteve aqui nessas memórias. Odin acenou com a cabeça para o malandro, como se esperasse encontrá-lo na sala, seu olhar deslizando sobre o resto de nós. "Juramento, irmão", disse ele em sua voz baixa e seca. "É bom te ver."

A atenção de Loki havia mudado completamente para o Grande Pai. Ele se apoiou contra um braço da grande cadeira. "É?" Ele disse. "Você não parecia tão satisfeito comigo quando nos conhecemos lá embaixo." Ele apontou para a cidade além das janelas da torre.

"Você sabe como é", disse Odin. "Precisamos de um senso de ordem."

"Enquanto você encoraja o caos pelas costas deles."

"Agora espere um..." Thor rosnou, dando um passo à frente, e Loki levantou a mão para detê-lo. Supus que ele estava encenando a conversa do passado, mas esse ainda era o seu eu presente, plenamente consciente de nós e de Odin.

"Você queria respostas", ele retrucou ao deus do trovão. "Assista e você as terá."

Eu puxei o braço de Thor, mesmo que uma dor nervosa estivesse se formando ao redor do meu intestino. "Acho que precisamos ver isso", murmurei.

Thor recuou ao meu lado, sua boca apertada. Do meu outro lado, Hod ficou rígido. Seu olhar cego estava baixo,

mas eu podia dizer que cada partícula de sua atenção estava focada na cena à nossa frente. Perto do outro lado da cadeira, Baldur e Freya ficaram em silêncio e tensos.

A construção do Grande Pai estava sacudindo a poeira de sua capa. "Não é o caos que te pedi", disse ele. “Agite emoções. Faíscas de paixão. Comece as chamas queimando.”

Loki revirou os olhos para Odin. “Você e sua maldita poesia. Despertar um desejo apaixonado de ver minha cabeça em um pique é do tamanho dele.”

Odin fez uma pausa e virou-se totalmente em direção ao malandro. "Você está descontente com a sua situação?" Ele perguntou. "Quando nos conhecemos, quando lhe ofereci um lugar aqui em Asgard, você se lembra do juramento que fez."

"Jurei minha lealdade a você com meu sangue", disse Loki. Ele passou o polegar pela palma da mão delgada. "Você não me disse quanto essa lealdade exigiria."

"Eu não perguntei muito sobre você até agora, perguntei?" O Grande Pai arqueou uma sobrancelha grossa. “Você teve a corrida do reino dos deuses. Você começou a jogar e trabalhar seus truques.”

"Enquanto quase todos os deuses e deusas lá fora ainda me tratam como se eu fosse um clandestino mal no meio deles."

"E é exatamente por isso que você é a pessoa certa para esse papel."

As mãos de Loki apertaram-se ao seu lado, as juntas ficando mais pálidas que o resto de sua pele. “Eles já me

odeiam, então por que não deixá-los me odiar mais? Lógica brilhante, ó rei dos deuses.”

“Você pode zombar da lógica, mas é sólida.” Odin o olhou de cima a baixo. "Eu não tive a impressão de que você se importa de deixar escapar a hostilidade que estou ouvindo agora, quando a situação exige."

Um grunhido rastejou na voz de Loki. "Eu me importo. Eu me importo que eu precise ficar com raiva. Se eu encontrar maneiras de ter um pouco de alegria no monte de esterco que você me deu...”

"Loki." Pela primeira vez, todo o poder de Odin vibrou através de suas palavras. Mesmo agora, mesmo diante de apenas uma memória, o malandro se encolheu. A dor no meu estômago cavou mais fundo.

O Grande Pai se endireitou ainda mais alto, pairando ao lado de sua cadeira. “Eu pedi isso de você como um irmão jurado para outro. Você acha que isso não me machuca também? Mas o que deve ser feito... deve ser feito. Eu *preciso de* você. Eu pensei que poderia contar com você. Eu estava errado?"

Loki molhou os lábios. "Não", ele disse, mais calmo agora. “Você não estava. Eu simplesmente não entendo. Por que isso tem que acontecer? ”

“Eu li os sinais. Recolhi os presságios. Confundidos, as profecias emaranhadas dos Norns. Esta era vai se esgotar, gostemos ou não. Tudo o que podemos fazer é terminar bem. Uma pausa limpa. O reino purificado no fogo. Eu sei que você tem espírito para liderar essa investida, não é, trapaceiro?” Um brilho escuro brilhou no olho de Odin. “Eles precisam de

um vilão. Quem melhor eu poderia ter pedido para interpretá-lo?”

Um calafrio percorreu minhas costas. Freya cobriu a boca com um ruído de choque. A mão de Thor se fechou em torno da minha com tanta força que quase doeu.

"E se eu não quiser fazer esse papel?", Disse Loki.

“Então nossa queda pode ser muito mais dolorosa. É isso que você prefere?” O olhar de Odin não vacilou.

“Eu nunca quis nada disso!” Loki gritou, empurrando-se para o lado da cadeira. “Não havia realmente nenhuma escolha, havia? Seja sendo seu vilão ou traindo meu juramento a você. De qualquer maneira, o mundo desmorona e tudo é minha culpa. Enquanto você fica lá com seu maldito sorriso de sabedoria...”

Odin nem se mexeu com seu discurso. Eu suspeitava que o Loki naquela época não tinha sido tão assustador. Diante dessa calma inabalável, a raiva do malandro se esvaiu. Ele parecia subitamente espancado de uma maneira que eu nunca tinha visto antes. A visão rasgou meu coração.

"Você vai continuar o curso?" Odin disse.

Loki passou a mão pelo rosto. “Você vê tudo, não é?” Ele disse. "Passado, presente e futuro, das bocas dos Norns, dos seus fragmentos de profecias... De alguma forma, acho que você já sabia que eu o faria".

"Bom." Odin colocou a mão no ombro de Loki. "Todos Asgardianos vão agradecer no final."

Ele pegou o chapéu e desapareceu de volta para as sombras. Loki levantou a cabeça para assistir o Grande Pai ir embora.

"Engraçado", ele disse. "Esse fim em particular está demorando muito tempo a chegar."

Eu não aguentava mais me segurar. Puxei minha mão da de Thor e corri através da sala para Loki. Ele se virou ao som dos meus pés, a esperança e a apreensão brilhando em sua expressão - como se ele achasse que eu poderia me afastar dele novamente no último segundo. Meus pulmões se contraíram. Coloquei meus braços em volta dele, inclinando minha cabeça contra seu peito magro.

"Sinto muito", eu disse.

“Por quê, duende?” Loki disse em seu tom de voz mais usual. “Por acreditar em mim quando lhe pedi? Para tirar as conclusões pretendidas das informações que você tinha? Eu não vejo nenhum crime nisso.” Mas sua mão tremeu um pouco quando acariciou meu cabelo. Tive a sensação de que o confronto lhe havia tirado mais do que ele estava disposto a mostrar.

"Loki", disse Hod, sua voz rouca e depois não parecia saber como continuar.

"Eu realmente não me perguntei por que ele ficou tão perto de você, depois de tudo", disse Baldur. "Eu nunca... eu nunca teria pensado que ele iria querer..."

"Acho que ele não queria nada disso", disse Loki. “Ele apenas viu isso como o menor dos dois males. Felizmente para ele, ele tinha alguém para libertar esses males e desviar

a culpa." “Quando eu puder falar com meu pai de verdade..." Thor disse rispidamente, e Loki assentiu.

Freya fez um som assustado. "As paredes", ela murmurou.

Eu olhei para cima. Enquanto eu fazia, a janela à minha frente tremia. Uma lufada daquele cheiro cinza entrou, junto com a escuridão vermelha. O mundo real além da construção.

Todos os deuses podiam ver. Eles se voltaram para ele quando eu saí de Loki. Mas antes que eu alcançasse essa brecha, ela brilhou novamente.

Thor bateu com o martelo contra a parede. As pedras seguraram. Ele franziu a testa. "Ainda estamos presos como sempre."

Outro ponto na parede se abriu brevemente diante dos meus olhos. "Não” eu disse. "Não estamos. Ela pode nos fechar em um só lugar, mas sua prisão ainda está desmoronando. Ela está exausta, e continuamos mudando nossas memórias e... Se pudéssemos usá-las um pouco mais... Estamos quase acabando. Aposto que ela não pode fazer nada, exceto manter esta sala no lugar o melhor que pode agora, ou ela já teria nos separado."

"O que você está pensando, Ari?", Perguntou Hod.

"Eu não sei. Nós nos aproximamos cada vez que agitamos a forma como pensamos sobre o passado. Mas eu não...”

Eu hesitei. Havia outro elemento nisso. Eu já tinha visto. Muninn não tinha aberto o chão no quarto de Hod

depois que estávamos juntos. A onda de emoção também deve ter abalado suas construções. Assim como a ilusão havia fraturado uma lasca quando eu beijei Thor, quando comecei a ficar quente e pesada com Baldur. Porque nos concentrou tão completamente nas sensações do presente? Porque esses sentimentos roeram a mente de Muninn de alguma outra maneira? Pensei na cena que testemunhei, ela enrolada contra o moribundo.

Havia pessoas com quem ela se importava uma vez. Um homem que ela amava.

Mas no final, realmente não importava o porquê. Só importava que funcionasse. Meu coração começou a bater mais rápido.

Nós tínhamos passado por tantas coisas juntos. Eu não deveria ter medo disso. Eu conhecia todos os homens - todos os *deuses* - nesta sala. Eu sabia que eles nunca aceitariam nada, exceto o que eu lhes dei livremente. Então, por que o passado pairava sobre mim como uma maldita bigorna?

Eu respirei fundo. Todos nós tínhamos essas ideias estúpidas sobre quem éramos, o que podíamos e não podíamos fazer, pesando sobre nós, não é? Eu tinha ouvido isso de todos ao meu redor nesta sala. Lembrando disso, uma ideia acendeu como uma chama dentro de mim. Uma chama que enviou uma descarga de calor sobre a minha pele e uma pulsação de desejo através da minha barriga.

"Eu preciso de você", eu disse, olhando para cada um dos deuses, por sua vez. "Eu preciso de todos vocês."

O calor dentro de mim carregou minhas palavras. Freya deu uma tosse suave. "Eu vou sair do seu caminho então."

Loki sorriu quando se afastou para o lado mais escuro da sala, atrás da cadeira. Ele se aproximou de mim. Baldur e Thor se juntaram a ele em um semicírculo ao meu redor, me observando com curiosa antecipação. Apenas Hod recuou, mas só um pouco, com a cabeça inclinada como se estivesse esperando para ver aonde eu estava indo com isso.

Mesmo que eu já tivesse me comprometido com esse plano em minha mente, tive que engolir antes de falar para garantir que minha voz não tremesse. “Nós não somos o que alguém pensou que éramos, somos? E podemos mostrar como isso é verdade. ”

“O que você tinha em mente, duende?” Loki perguntou em um murmúrio líquido.

Eu hesitei, mas apenas por um segundo. No segundo, eu percebi que sabia exatamente por onde começar. Agarrei a mão de Baldur e dei-lhe um pequeno puxão para se aproximar ainda mais, segurando seu olhar azul brilhante para que ele visse o quanto eu quis dizer isso. "Baldur pode ser malvado."

Desejo brilhou nos olhos do deus da luz. Ele se inclinou para reivindicar minha boca tão rapidamente que mal tive tempo de respirar. Sua língua separou meus lábios em um instante, sua mão veio ao meu peito para beliscar meu mamilo através das minhas roupas. Ofeguei contra sua boca enquanto arqueava contra ele. Exortando, suplicando a cada movimento por mais.

Ele roçou os dentes na lateral do meu pescoço, oferecendo arrepios de prazer a cada beliscão, e eu fechei os olhos com o meu malandro.

"Loki pode ser altruísta", murmurei.

Um sorriso apareceu em seu rosto. "Quando você quiser, minha querida Ari."

Quando Baldur puxou minha camisa para melhor acesso aos meus seios, Loki se ajoelhou diante de mim. O deus da luz rolou meu outro mamilo, e Loki beijou a pele sensível logo abaixo do meu umbigo. Ele ficou lá, abrindo o botão do meu jeans. Um repentino flash de pânico passou por mim, mas eu o empurrei. Fechei os olhos quando ele deslizou meu jeans e calcinha para baixo.

Seus lábios traçaram um caminho abrasador pela minha coxa e depois subiram novamente. No momento em que ele alcançou o ápice das minhas pernas, eu não tinha um pingo de nada além de querer em mim. Ele trouxe a boca direto para o meu núcleo, deslizando a língua sobre o meu clitóris, e eu gemi.

Ainda não era suficiente. Eu olhei para Thor através da minha névoa de desejo. Seus olhos castanhos normalmente quentes estavam brilhando quando ele olhou para mim. Uma das minhas mãos estava presa na camisa de Baldur. A outra eu estendi para o deus do trovão.

"Thor pode ser gentil."

Ele largou o martelo no chão e me alcançou em um passo rápido. Mas quando ele descansou a mão na minha cintura e trouxe seus lábios aos meus, havia apenas ternura em seu toque. Eu me perdi no beijo dele, nos golpes de Baldur nos meus seios, na boca quente de Loki contra meu núcleo. Felicidade ondulou através de mim de todas as direções.

Quando Thor levantou a cabeça para beijar minha bochecha, minha têmpora, meu olhar encontrou Hod. E de repente eu não tinha certeza do que dizer.

Como se ele sentisse meu dilema, Hod sorriu um pouco ironicamente. "Hod pode testemunhar", disse ele. "Sem amargura."

Uma sensação de retidão se instalou no meu peito. Então Baldur varreu o pico do meu peito em sua boca, testando-o com os dentes, e Loki enfiou um dedo sob o golpe de sua língua para afundar dentro de mim, e as mãos grandes mas cuidadosas de Thor acariciaram meus lados com o menor brilho de eletricidade. Naquele instante, tremi com nada além de alegria.

"E eu não sou uma vítima", eu disse, segurando o cabelo sedoso de Loki, inclinando-me para a estrutura sólida de Thor. "Não mais. Pego o que quero."

E eu queria todos eles. Oh, porra sim. Pela primeira vez, o pensamento encheu minha mente sem um pingo de vergonha ou medo. Eu me entreguei a isso, ao que quer que viesse a seguir.

24

Thor

Ari gemeu enquanto balançava em nosso abraço unido. Eu peguei sua boca, mantendo meu beijo suave, mas firme com certeza. Seu sabor doce e ardente encheu meus sentidos. A sensação de sua pele nua contra meu peito nu enevoou minha mente com uma névoa de luxúria, quase tão potente quanto minha raiva de batalha. Um raio fazia cócegas em minhas veias, ansioso por brilhar em meus dedos.

Mas eu poderia controlar meus desejos mais grosseiros. Eu *poderia* ser o amante gentil que ela pediu de mim. Baldur provocou um grito de satisfação dela com um aperto no peito, e dei um gemido depois enquanto passava o polegar sobre o outro. Quando arrastei minha boca ao longo da mandíbula, ela inclinou a cabeça para o lado, oferecendo melhor acesso à linha pálida do pescoço. Confiando em mim implicitamente. Meu coração inchou com esse presente.

Loki segurou as coxas mais afastadas com uma chupada forte que eu podia ouvir. Ari ofegou enquanto a trabalhava com as mãos e a boca. Seu corpo começou a tremer contra o meu. Eu a segurei, apoiando-a, bebendo os calafrios ansiosos com a pressão dos meus lábios contra a dobra do seu ombro. Ela arqueou as costas com um aperto dos músculos por todo o corpo. Uma mão apertou meu braço. Eu a senti liberar-se através dela.

O malandro beijou o lado de sua perna e se endireitou com um sorriso malicioso. "E não peço nada em troca", disse ele.

Ele parecia pronto para se afastar, mas Ari emitiu um som descontente e agarrou a frente da camisa. Ela o puxou para ela, em um beijo.

Eu fodi com mulheres ao lado de Loki no passado, durante nossas viagens, mas nunca nada além de uma rápida rodada no feno. Ari era mais do que isso - para todos nós. Mas nem mesmo uma centelha de ciúmes subiu no meu peito. Nós todos nos reunimos para trazê-la para nossas vidas, e agora ela era parte de nós, assim como nós éramos parte dela. Estávamos unidos de uma maneira estranha, tanto na batalha quanto no desejo. Observar Loki cobrir seu rosto e beijá-la de volta só me fez desejar ter contribuído tanto para o prazer dela neste momento.

Talvez eu pudesse. Quando Ari soltou o malandro, ela se virou para mim e me puxou para um beijo também. Sua mão percorreu meu peito, traçando calor em todos os lugares em que tocava. Minha ereção pulsou ainda mais forte nas minhas calças. Porra, essa mulher era mais intoxicante do que qualquer hidromel.

A mão da valquíria deslizou até a cintura da minha calça. Minha respiração engatou quando ela passou os dedos sobre minha virilha. “Acho que ainda não terminamos” ela murmurou e me beijou novamente.

Quando minha boca derreteu contra a dela, ela desabotoou meu cinto. Eu não consegui segurar um gemido. Com um puxão, ela mandou meu jeans nos joelhos. Gentil. Ela queria gentil. Deveria ter sido um desafio, mas o

pensamento enviou uma emoção de alegria através de mim. Eu poderia ser o homem que ela precisava, mesmo nisso.

Baldur passou os braços em volta da cintura de Ari por trás. "Aqui", disse ele, com um sorriso que parecia malicioso, e a ergueu no braço do assento alto de Odin. A altura perfeita para o corpo dela se alinhar com o meu.

Ari sorriu e colocou os dedos em volta do meu pau tenso. A fome inundou meu corpo. Eu a beijei ternamente, mas com todo o desejo que eu tinha em mim, acariciando seus seios, puxando seus quadris um pouco mais perto dos meus. Suavemente. Cada movimento suave, cada segundo se estendia enquanto eu tomava meu cuidado com ela, apenas fazia o calor do desejo dentro de mim brilhar. Nossas línguas se entrelaçaram, a mais leve faísca de eletricidade saltou entre elas, e ela choramingou.

Ela estava certa. Isso também fazia parte de mim: esse homem apaixonado, mas firme, que a fazia tremer de fome com apenas um toque dos meus dedos. Agora, era o único homem que eu queria ser.

Baldur se ajoelhou no assento atrás dela. Ele beliscou seu ombro enquanto segurava sua bunda, e Ari ofegou em minha boca. O corpo dela inclinou-se para a frente. Ela me pediu para ela, sua mão ainda apertada ao redor do meu comprimento, e balançou contra a cabeça do meu pau.

Seu corpo era tão pequeno que tive um momento de preocupação sobre se poderia lhe dar o que ela estava pedindo sem nenhuma dor, mas sua umidade deslizou sobre mim, suas dobras quentes e prontas e o céu acima, não havia felicidade melhor do que esta.

Coloquei uma mão em seus quadris e deixei a outra cair no nó sensível em seu núcleo. Meu polegar brincou com outra faísca suave, ganhando-me um gemido dela. Ela arqueou em minha direção e eu afundei nela, apenas a cabeça. Seu calor escorregadio se fechou ao meu redor. Eu gemi em seus cabelos.

"Mais", disse ela, segurando meus ombros. Soltei uma risada áspera e mudei meus quadris. Polegada por polegada alegremente torturante, deslizei mais profundamente dentro dela. Então eu recuei e mergulhei nela novamente. Ari ofegou, me apertando com mais força.

Eu encontrei um ritmo, lentamente aumentando a velocidade, penetrando-a um pouco mais fundo a cada impulso. Ari resistiu ao meu encontro. Suas pernas envolveram minhas coxas e sua boca encontrou a minha novamente, nossos beijos irregulares, quebrados por sons de prazer que não podíamos conter.

Eu estava trazendo esse prazer para ela. Eu estava enviando-a ainda mais em êxtase com cada rolar medido dos meus quadris. Eu afundei nela até o fim, e ela deu um grito que não tinha nada além de alegria.

"Da próxima vez eu vou tomar a ferocidade", ela murmurou contra o meu ombro. "Eu quero cada parte de você."

As palavras enviaram um tremor vertiginoso através de mim. Empurrei mais rápido, bebendo seu perfume, perdendo-me na sensação dela, e Ari veio ao meu redor com um grito mais agudo. O aperto de seu corpo em volta do meu pau roubou o último do meu controle. Minhas bolas apertaram, e eu soltei meu próprio êxtase em uma onda de calor crepitante.

Quando o orgasmo bateu em mim como uma onda, as paredes ao nosso redor tombaram. A construção da cadeira se desintegrou no ar. Eu peguei Ari contra o meu corpo quando caímos, batendo um braço para desviar o impacto. Nós nos separamos com um suspiro compartilhado.

"Bem, bem, bem", disse Loki, girando. "O que temos aqui?"

As paredes escuras e irregulares de uma imensa caverna se erguiam ao nosso redor. Apenas uma leve luz pulsante brilhava sobre nós, com manchas vermelhas brilhantes no teto acima. Tudo parecia uma estrutura sólida e natural, exceto a parede à minha direita, onde as pedras se misturavam como se um deslizamento de terra tivesse coberto a entrada.

Ari procurou por suas roupas. Seu rosto ainda estava vermelho, mas seus olhos brilhavam com determinação e não com desejo agora. "Conseguimos", disse ela. "Nós terminamos."

Puxei minhas calças e prendi meu cinto com um empurrão. Mjölnir estava deitado perto dos meus pés, como se eu o tivesse colocado aqui e não no quarto que aparecera como a torre de Odin. Peguei-o com um balanço preparatório.

"O que é este lugar?"

"Sinto cheiro de cinza", disse Hod, com a cabeça inclinada. "E enxofre."

“A partir disso e pela aparência do lugar, eu diria que nos encontramos em Muspelheim.” Loki acenou com a

cabeça para Ari. “O reino do fogo. Não há muita vida aqui, pelo menos não muito que gostaríamos de conhecer.”

"Este é o lugar que eu vi quando entrei em fragmentos de algumas das memórias de Muninn", disse a valquíria. Ela estendeu as asas das costas com uma rajada de vento. As penas brancas prateadas brilhavam intensamente na luz avermelhada. Sua mandíbula se apertou. “Odin estava aqui então, e ele ainda está aqui agora. Eu posso senti-lo. Por ali.” Ela apontou para a parede deslizante.

Freya brandiu sua espada. "Vamos antes de Muninn e quem mais ela tem ao seu lado perceber que escapamos."

O pensamento de meu pai, trouxe de volta a conversa que Loki havia nos mostrado na torre de Odin. A maneira como o Grande Pai falara com o trapaceiro... Será que ele realmente *queria que* Loki fizesse tudo o que tinha feito? Para derrubar toda a Asgard? E não apenas queria isso, mas forçou Loki a manter o papel, apesar de seus protestos.

A cena parecia verdadeira, e sua veracidade deixou uma sensação enjoada no meu intestino. Mas não encontraríamos respostas até termos o Odin real conosco novamente. Não importa o que ele tinha feito no passado, Muninn e os elfos negros precisavam pagar agora por seus muitos crimes.

Segurei com força o cabo do meu martelo. "Eu posso limpar o caminho."

Eu bati na parede, o chão tremendo sob meus pés, e joguei Mjölnir com toda a minha força. O martelo bateu na massa de pedra e explodiu através dela. Pedaços de pedra choveram no chão da caverna, e mais daquela luz avermelhada fluiu através do buraco, acenando para nós.

Mjolnir voou de volta para a minha mão. Peguei de novo, esmagando mais os escombros em seixos. As pedras mais altas caíram e se abriram no chão. Com um último arremesso, eu quebrei um caminho claro através da avalanche.

Nós corremos para a frente, Ari e Freya com as lâminas prontas, as sombras de Hod serpenteando ao seu redor. Nós seis explodimos em uma planície rochosa com vista para um rio grosso de magma. Uma montanha se erguia do outro lado, bloqueando a maior parte de nossa visão. O calor flutuou, puxando uma camada de suor fresco pela minha pele, por razões muito menos agradáveis. Meus músculos ficaram tensos enquanto eu examinava a paisagem.

"Você ainda consegue sentir Odin?" Baldur perguntou a Ari.

Ela girou devagar, suas asas batendo como se estivesse testando o ar. A testa dela franziu.

"Em algum lugar desse lado", disse ela, apontando para a montanha com uma careta. “Vi... ele estava em uma caverna, atrás de uma cachoeira de magma. Se pudermos encontrar isso...”

Loki já estava saltando no ar. Ele caminhou em direção ao céu com passos rápidos que cobriram uma vasta extensão em um instante. Eu tinha vergonha de descobrir que, mesmo agora, depois de tudo o que ele nos mostrava, a suspeita picou meu estômago - que ele poderia estar fugindo por conta própria, nos abandonando.

Se essa cena fosse verdadeira, ele nunca havia sido realmente contra nós. Ele nos deixou odiá-lo para nos

poupar da dor. E eu nunca tinha visto. Eu teria que ser um amigo melhor agora.

Bem acima de nós, os olhos do malandro se estreitaram com um flash. Ele deslizou de volta a toda velocidade.

"Eu vejo o lugar", ele chamou. “Logo além daquela cordilheira. Estamos prontos para lutar?”

Freya brandiu sua espada. "Nunca estive mais pronta."

Hod já estava coletando suas sombras em um monte sob seus pés. Ao lado dele, Baldur brilhava com sua mágica brilhante. Ari esticou as asas em antecipação.

"O que quer que esteja esperando por nós, não pode ser pior do que o que já vencemos", disse ela. "Vamos chegar a ele desta vez."

Todas as batalhas que eu fiz na prisão de Muninn me deixaram dolorido, mas uma onda de alegria correu através de mim. Meus dedos se apertaram ao redor do cabo de Mjolnir. Eu tinha inimigos reais para lutar aqui. Inimigos reais para *destruir* a caminho do Grande Pai. Nós o veríamos adequadamente em casa dessa vez.

Por apenas um segundo, enquanto a fúria da batalha por meus pensamentos, uma parte de mim hesitou. Um lampejo daquela vergonha mais distante me tocou. Meu olhar deslizou para Ari.

Ela sorriu para mim, seus olhos tão ferozes e brilhantes quanto a determinação dentro de mim. Nem um pingo de medo ou julgamento neles.

"Acho que é hora de deixar essa raiva escapar", disse ela.

Um tipo diferente de prazer ecoou nos meus nervos. Sim. Eu podia ser gentil, mas também era um guerreiro. E nunca fiquei tão feliz com esse fato. Muninn e o resto se arrependeriam de toda a dor que tinham causado a mim e à minha valquíria.

Com um grito de guerra, eu pulei para frente, deixando o poder da minha fúria me levar no ar atrás de Loki.

25

Aria

O vento quente golpeou minhas asas enquanto eu me impulsionava no ar. Quem sabia quanto tempo tínhamos, que outros truques Muninn e seus aliados poderiam ter planejado? O fedor de enxofre encheu meu nariz, mas eu mantive minhas asas fortes e uniformes. O chão rochoso passou por baixo de mim, mas a montanha escura e escarpada à nossa frente ainda parecia muito distante.

"Existe algo que eu preciso saber sobre Muspelheim?" Eu chamei os deuses ao meu redor. Por todos os meus poderes de valquíria, eu seria o elo mais fraco nessa luta, e estava chegando a ela muito despreparada. Eu não queria cometer um erro que nos ferrasse.

"Não há muito além do que você pode ver por si mesma", disse Loki, diminuindo o passo para cair ao meu lado. O vento ondulava em seus cabelos. Ele poderia ter corrido até a gaiola de Odin em alguns minutos com seus sapatos sobrenaturalmente aprimorados, suspeitei, mas tentar assumir o resgate sozinho provavelmente não era o mais sábio. "Terreno acidentado, pouco para sustentar. Lar de dragões e aranhas de pedra e não muito mais. Em nenhum lugar que pensamos vir procurar."

"Por que os elfos negros trouxeram Odin aqui?"

"Então não o encontraríamos", sugeriu Freya. "Você já o seguiu até o reino deles. Eles sabiam que viríamos lá olhando de novo."

"Todos os reinos estão conectados por portões aqui e ali", disse Hod atrás de mim. Ele estaria navegando pelos sons do resto de nossos corpos em vôo. "Se eles tivessem um portão conveniente, não seria preciso muito esforço para enviar uma força através dele com ele."

"Detesto pensar no que eles deviam ter feito com ele e que ele não poderia escapar, mesmo quando tiveram que transferi-lo para uma nova prisão", disse Baldur.

Minhas lembranças de Odin, através das lembranças de Muninn, surgiram em minha mente. "Eu acho que eles o têm há muito tempo", eu disse. “Você disse que ele se foi duas vezes mais do que nunca, certo? São décadas? Quando o vi, pelos olhos de Muninn... ele parecia bastante abatido."

“O grande Pai pode suportar mais do que qualquer elfo poderia suportar,” Thor disse rispidamente, mas sua expressão havia escurecido com preocupação.

Muninn sabia sobre a maneira como o Grande Pai usara Loki, a destruição que ele encorajara nas costas dos outros deuses? Ela deve ter, com todo o tempo que costumava passar ao lado de Odin. Mais uma razão para ela se ressentir dele. Eu não tinha certeza do quanto estava ansiosa para conhecer o cara corretamente, depois de tudo que eu tinha visto.

Mas precisávamos de Odin para nos tirar daqui e ir para a verdadeira Asgard. Isso era tudo o que importava por enquanto.

"Por aqui", Loki chamou, virando para a direita. Nós viramos atrás dele, segundos antes de um jorro de fogo subir do chão, perto o suficiente para que minha pele formigasse com o calor.

Apertei meus dedos ao redor da alça do meu canivete. Não era uma arma muito boa comparada a espadas, martelos encantados ou rajadas de magia, mas era minha. Continha todo o amor que Francis havia depositado naquele presente. Mesmo se eu não tivesse certeza de que poderia enfrentar um dragão de pedra, qualquer que fosse o inferno, às vezes era útil para direcionar meus raios esporádicos também.

Outro rio de magma flui ao longo da encosta da montanha através da mesma passagem pela qual imaginei que voaríamos. O formigamento do calor afundou nos meus ossos. Era o mesmo lugar em que eu tinha visto Odin emboscado?

Definitivamente tinha estado em algum lugar aqui, no brilho vermelho de Muspelheim, não nas cavernas mais apertadas e sombrias de Nidavellir. Muninn o levou *aqui* para que seus inimigos caíssem sobre ele. Então, transportá-lo aqui não fora apenas uma última tentativa de escondê-lo. Eles também tinham algum tipo de vínculo com esse lugar.

"Devemos voar alto acima desse abismo", gritei contra o vento, apontando. "Acho que não queremos nos fechar."

Loki assentiu sem hesitar. Quando todos nós puxamos mais alto do chão, Baldur parou ao meu lado. Ele parecia estar voando em um raio de luz. O que possivelmente ele estava. Ele estendeu a mão para mim e eu a peguei, entrelaçando meus dedos com os dele por alguns momentos antes que eu tivesse que soltar para manter meu vôo estável.

"Eu percebi que deveria dizer obrigado", ele disse, apenas alto o suficiente para mim, não para os outros, ouvir. "Antes de encararmos o que nos espera por lá."

Eu olhei para ele, assustada. "Obrigado por quê?"

Ele sorriu de volta para mim - o sorriso suave e brilhante que eu estava acostumada, não o sorriso levemente perverso que eu aprendi que poderia tentar com a inspiração certa. Não parecia tão sonhador como costumava, notei com um pouco de alívio. Muninn poderia tê-lo torturado com as lembranças de sua morte, mas ele parecia ter saído mais forte. Mais capaz de encarar a realidade à sua frente sem fugir das sombras.

"Você me ajudou a encontrar pedaços de mim que eu não sabia que estavam lá", disse ele. “Talvez eu tenha um pouco de escuridão em mim também. É útil saber.”

"Mais útil para mim do que para você até agora", não pude deixar de responder. A lembrança de nosso encontro na torre de Odin me inundou de calor. Eu me entregara ao prazer como nunca tinha ousado antes... e agora me sentia ainda mais como eu. Havia pedaços de mim que também mereciam mais tempo ao ar livre, pedaços dos quais *eu me* esquivava por muito tempo.

Uma pitada dessa maldade surgiu na expressão de Baldur. "Espero que tenhamos tempo de sobra para explorar mais esse lado", disse ele com um sorriso mais amplo.

Eu também. Ah, eu também.

"Ari, o que mais você viu nos restos de memória que recebeu de Muninn?" Thor chamou. "O que ela está esperando de nós?"

"Eu não sei exatamente", eu disse. “Acho que existem partes diferentes de épocas diferentes.” Eu nem podia dizer que eram todas de uma semana ou duas desde os elfos

escuros e quem mais deve ter levado Odin para cá das cavernas élficas, se ele tinha sido levado daqui quando o capturaram pela primeira vez também. “Ele estava preso em uma jaula de aparência pesada naquela caverna atrás do fluxo de magma. Quando eu o vi lá, ele estava sozinho ou era apenas Muninn lá com ele. É possível que achem que ele está escondido o suficiente para não se preocuparem em protegê-lo.”

Naquele momento, Loki se afastou um pouco mais de onde estava deslizando na liderança. Seus olhos desumanamente afiados se estreitaram. "Não é mais desprotegido", ele disse. "Existe o seu fluxo de magma - e há um exército esperando por nós em torno dele."

Empurrei-me mais rápido para alcançá-lo, para ver o que ele fez. Além da passagem mais estreita ao lado da montanha, a paisagem se abriu em uma expansão de planícies e riachos vermelho-sangue. Um penhasco ficava mais atrás, à nossa direita, o magma derramando uma torrente em seu lago. Fluía para o rio que estávamos seguindo na base do penhasco.

A princípio, o chão ao redor do rio parecia como uma sombra espessa. Então a sombra tremeu. Concentrei minha própria visão aprimorada o mais intensamente que pude e peguei a agitação de formas humanas.

"Nós podemos voar direto sobre eles", disse Thor.

“Mas não sobre esse dragão.” Freya apontou com sua espada.

Um animal enorme estava desenrolando seu corpo à beira do precipício. Até que se mexesse, eu pensaria que era apenas parte da rocha. Suas escamas de pedra se

deslocavam sobre seu corpo musculoso, um brilho avermelhado aparecendo ao longo das costuras. Outro apareceu à vista, vindo em nossa direção com asas tão poderosas que fizeram o ar ranger. Mais dois se juntaram a ele quando o que estava no penhasco também se ergueu no ar. O mais próximo abriu a boca com uma labareda de chamas que eu podia sentir mesmo à distância.

Um arrepio percorreu minhas costas. Eu não poderia lutar contra essas coisas, não.

Thor já estava correndo para encontrá-los. Ele balançou o braço musculoso, fazendo o martelo voar. Ele atingiu o dragão mais próximo no crânio. A criatura se encolheu, mas empurrou para frente, mais rápido, com um rugido - direto em um buraco de sombra que Hod havia convocado. Os raios de escuridão se contorciam, prendendo as asas ao corpo, apertando as mandíbulas. Ele caiu do céu no rio derretido abaixo.

Os outros três mergulharam em nós. Freya cortou sua espada no ar com uma linha mágica murmurada. Baldur lançou um raio de luz em uníssono. Sua força conjurada e sua brilhante magia atingiram o segundo dragão ao mesmo tempo, abrindo sua barriga. Thor terminou o trabalho com um golpe do martelo bem entre os olhos.

Loki deu um grito, disparando sob um golpe das garras de outro dragão. "O fogo não fere essas ameaças", disse ele. "Se alguém pudesse dar uma mão..."

Hod jogou uma bola de sombra em seu caminho. Thor girou com o martelo. E o quarto dragão apareceu de baixo, direto para Freya.

Ela se virou, mas eu poderia dizer que não seria rápida o suficiente. Não me deixando pensar, me joguei para frente, atacando com meu canivete.

Ele olhou para o lado do monstro, e a pata farpada do dragão bateu em mim, me fazendo girar no ar. A dor cutucou meu lado, mas eu o distraíra o suficiente para Freya se esquivar. Thor bateu o martelo no peito do dragão, e Baldur lançou outro raio de luz no outro.

As duas bestas chicotearam entre nós, uma cauda cortando o peito de Loki, as mandíbulas da outra raspando o ombro de Hod enquanto ele se afastava do caminho. *Não.* Eu me virei e os deuses se lançaram em posições de luta.

Por um instante, todos nos movemos ao mesmo tempo em direção ao mesmo objetivo, uma estranha sensação de poder zumbiu através de mim, como se eu pudesse sentir as sombras de Hod, a luz de Baldur, o fogo de Loki e a força brutal de Thor, atravessando meu corpo e de volta para eles.

Eu varri meu braço na esperança de que um raio volúvel pudesse sair da minha mão. Não aconteceu, mas quando os deuses atacaram também, a magia explodiu no ar ao nosso redor. A luz riscada de fogo chicoteou o rosto de um dragão. Mjolnir atingiu a barriga do outro dragão com um fluxo de sombra que atravessou as escamas da criatura. Um raio de escuridão flamejou por sua boca, sufocando-o quando começou a cair. Uma bola de luz bateu na mandíbula do primeiro dragão com a força de um martelo, dividindo a cabeça no meio.

Todos paramos, um pouco atordoados, enquanto os dragões despencavam até a morte. "O que em nome de Hel aconteceu lá?" Thor exigiu.

Loki recuperou a compostura com uma risada sem fôlego. "Eu não tenho ideia, mas acho que o tempo para resolver o problema é *depois* que lutarmos o resto da batalha, não antes."

O exército ao redor do penhasco parecia como se estivesse invadindo a rocha.

Sacudi o zumbido ainda formigando em meus membros com urgência renovada. "Deve haver cavernas lá, até a que Odin está preso", eu disse. "Eles vão agarrálo." E fazer quem sabia o que para ele. Matá-lo, se pudessem, antes de chegarmos a ele? Arrasta-lo para outro lugar, para que tenhamos que passar por isso novamente, tentando localizá-lo?

Thor se lançou para frente com um rugido que poderia ter rivalizado com os dragões. Ele reverberou no ar quando atacamos atrás dele. Descemos a paisagem em direção à brecha entre o magma que caía e a fenda que agora eu podia ver por trás dele. O som da minha conexão com Odin ondulou através de mim. Ele ainda estava lá - por enquanto.

Formas finas e negras se contorciam pela face do penhasco. Criaturas como aranhas enormes, vi quando voamos perto. Eles saltaram da rocha para nós enquanto corríamos em direção à caverna.

Um grito me escapou quando alguém me pegou, suas pernas articuladas apertando minhas asas como um torno. Bati meu cotovelo nele, minha faca no enorme olho facetado que me encarava sem expressão. Líquido preto escorreu para fora da ferida, mas suas pernas não se mexeram. Eu estava caindo do céu, caindo rápido demais em direção àquele chão de pedra rachado.

Uma raia de chamas explodiu a criatura em cima de mim. Loki pegou minha mão, me puxando de pé quando encontrei minhas asas. "Não se esquive destes, duende", disse ele em sua provocação. "Vamos."

Nós caímos atrás dos outros pela abertura, para dentro da caverna. A batalha já estava em andamento. Mjolnir cintilou na nebulosa luz vermelha, e os raios da luz convocada de Baldur reluziam nas paredes irregulares. Eu peguei um brilho nas barras manchadas de uma gaiola - a gaiola de Odin - nas profundezas da caverna. Uma horda de elfos negros e outras figuras de armadura cor de fuligem entupiam o espaço entre nós e o Grande Pai.

Mas era ele - o verdadeiro ele. Sua presença ecoou através de mim, me puxando para a frente com ainda mais força.

Eu bati no chão com os dois pés e cortei com a faca. As sombras dentro de mim, aquelas que poderiam reivindicar vidas com o poder que Hod me dera, agitaram-se ansiosamente cercadas por tantos seres vivos, respirando inimigos com vislumbres reais da vida, não as construções vazias que tive que enfrentar na prisão de Muninn.

Eu torci minha mão na cabeça de um guerreiro e a bati no peito de outro, arrancando a energia que os sustentava como a valquíria que eu era. Em outra era, teria sido meu dever decidir quem viveu e quem caiu, e qual dos mortos ascendeu ao grande salão de Valhalla.

Todos esses idiotas poderiam simplesmente esquecer isso.

Enquanto eu corria e abri caminho pela multidão, aquele zumbido estranho ressoou através de mim

novamente. As ondas de magia ao meu redor tremeram e colidiram. Luz, sombra e fogo ricochetearam um ao outro com o dobro de sua força original, explodindo através da horda.

Eu vi o rosto confuso de Thor na briga, torcendo com fúria um segundo depois. Mjolnir bateu na multidão, chiando com uma luz ardente enquanto derrubava todas as figuras em seu caminho.

Um grito rouco ecoou em algum lugar nas profundezas da caverna. "Retiro!

A palavra é recuar! Deixe-o! Vamos resolver isso outro dia."

A horda se afastou de nós. Uma agitação de movimento chamou minha atenção. Uma forma negra passou voando pelo teto da caverna. Por um breve momento, o olhar do corvo encontrou o meu. Então Muninn estava fugindo com o resto do exército.

Eu voei atrás deles, mas no momento em que cheguei à gaiola, minhas asas vacilaram. Algo no meu peito tremeu e depois parou ao ver a forma curvada de Odin.

Sua mão disparou para agarrar uma das barras. Ele levantou a cabeça, apenas o suficiente para que o brilho de seu único olho aparecesse sob a borda murcha da mão.

"Valquíria", ele murmurou, com uma voz que parecia atravessar através de mim.

"É ele", eu suspirei, incapaz de desviar o olhar dele. "É realmente Odin." Eu sabia disso até o menor osso do meu corpo.

"Pai", disse Thor com uma voz áspera de horror. Ele bateu Mjolnir nas barras da gaiola. Elas tremeram e racharam. Com outro golpe, ele bateu a gaiola bem aberta.

“Bem”, disse Loki, cansado, mas aliviado, enquanto Freya se abaixava para abraçar o marido. “Devo dizer que já tive o suficiente disso tudo. O que você diz de realmente irmos para casa desta vez?”

26

Aria

Acordei sentindo como se estivesse dormindo por dias. Nos primeiros minutos, eu não conseguia nem me virar. O colchão rechonchudo em que eu estava deitada, o cobertor macio em que eu estava enrolada eram muito confortáveis. Meus músculos doíam, mas agora era a dor maçante do trabalho duro, não a dor aguda de novas dores. Eu meio que gostei da sensação.

Minhas lembranças da última curta viagem de Muspelheim eram nebulosas. Ajudamos Odin a sair daquela jaula, o levamos de avião até o topo do penhasco, e dali ele conseguiu convocar uma ponte instável pelas nuvens que cobriam o céu escuro. Como eu percebi que realmente tínhamos terminado, toda a luta havia terminado, minhas pálpebras já estavam caídas. Eu tinha uma vaga lembrança de um braço ao redor de minhas costas para suportar um pouco do meu peso, corredores de pedra estranhamente familiares aparecendo em torno de um pátio com piso de mármore... e depois disso um espaço em branco.

Então, onde diabos eu estava? Meu coração deu um pulo. Afastei o cobertor e me sentei.

A cama estava em um quarto simples, pequeno, mas com teto alto. As paredes de blocos de pedra me disseram que provavelmente era um dos corredores asgardianos. Um dos verdadeiros, que não me ofenderia sem aviso prévio. O que parecia ser a luz do sol da manhã derramava sobre o chão de pedra lisa de uma janela estreita. Uma cadeira

acolchoada estava em um canto, e uma cômoda baixa de teca estava encostada na parede oposta. Nenhum som carregado de fora da sala.

Eu respirei fundo, e meus sentidos elevados de valquíria captaram um leve cheiro picante de fumaça. Oh Eu tinha certeza de que sabia em qual quarto de hóspede eu acabara.

Cautelosamente, saí da cama e caminhei para o corredor. Um olhar para baixo ressoou com minhas memórias. Sim, este era o lar de Hod.

Passei por algumas portas para uma que estava entreaberta. Abrindo-a, descobri o que tinha de ser o quarto principal, duas vezes maior que o que eu havia deixado com uma cama duas vezes maior. Hod estava esparramado nela, o cobertor emaranhado em volta da cintura, o peito e os ombros magros. No sono, seu rosto se suavizou. Era mais fácil ver a semelhança com seu irmão gêmeo agora.

Eu hesitei, mas a pontada dentro de mim me empurrou para frente. Depois de tudo o que eu acabara de passar, não queria me sentar sozinha em um dos quartos pouco familiares dele esperando que ele acordasse.

Depois de tudo o que passamos juntos, não achei que ele se importaria com a invasão.

A porta rangeu levemente quando eu entrei, mas o deus das trevas não se mexeu. Subi na cama e me encolhi ao lado dele, inalando seu cheiro de fumaça salgada de perto agora.

O colchão mudou com o meu movimento, e Hod acordou com um empurrão para trás, seu corpo tenso.

Merda. "Ei, sou só eu", eu disse, meu rosto queimando. Esta não foi a gentil manhã de boas-vindas que eu estava imaginando.

Os ombros de Hod já haviam caído. “Minha cama de reposição não foi boa o suficiente para você, valquíria?” Ele murmurou, mas se aproximou ao mesmo tempo, passando o braço em volta da minha cintura para me puxar para ele, de volta para a frente. Eu sorri, aninhada em seu calor. Era mais gostoso assim.

"Desculpe", eu disse. "Eu não quis assustar você."

"Não estou acostumado a ter mais alguém na minha cama", disse Hod. Ele colocou o queixo por cima do meu ombro, sua respiração fazendo cócegas no meu cabelo.

"É algo que você gostaria de mudar?" Eu murmurei sugestivamente, e o senti sorrir.

Ele beijou o canto da minha mandíbula, aquele pequeno gesto enviando uma labareda de calor através de mim. "Eu poderia me acostumar com isso, eu acho."

"Poderíamos tentar algumas vezes, só para ter certeza."

“Será que *você* quer?”

Fiz uma pausa, deleitando-me com o quão confortável estava deitada aqui com ele, como me sentia protegida contra ele. "Sim. Eu acho que sim.”

"Suponho que seus outros pretendentes podem ter problemas com você tendo favoritos", disse Hod.

Revirei os olhos. "Eu não prometi que essa era a *única* cama que eu compartilharia."

"Hã. A próxima coisa que sei é que você vai querer convidá-los a todos."

"Essa é uma ideia brilhante!" Eu disse brilhantemente. "Há espaço para mais. Deixe-me ir buscá-los agora."

"Não se atreva."

"Você vai me parar?"

Fiz como se fosse me afastar da cama, mordendo uma risadinha. Hod deu um rosnado baixo e me agarrou. Ele rolou em cima de mim, sua cabeça abaixando como se quisesse dar um beijo, que era exatamente o que eu estava procurando, mas no segundo em que senti seu peso pressionando em mim, meu corpo ficou rígido.

Ele se afastou em um instante. "Ari?"

Meu pulso tinha soluçado, mas já estava voltando ao seu ritmo constante de sempre. Eu respirei fundo. "Estou bem. Só... fiquei um pouco confiante demais. Acho que seria um pouco demais esperar que todas as reações ruins desaparecessem em um instante." Eu ri um pouco. "Parece que nós dois ainda temos porcaria para superar."

"Hmm." Ele afundou de volta ao meu lado e acariciou as costas dos dedos na lateral do meu rosto. Minha garganta se apertou. Me empurrei mais perto dele novamente, virando-me para desta vez e encostar a cabeça no seu peito.

"Percorremos um longo caminho", disse ele depois de um momento. "Nós não temos?"

"Sim, eu diria que sim."

“Então continuaremos curando. Juntos.” Ele passou o polegar sobre minha bochecha. “Sem lágrimas desta vez. Esse é um passo definido na direção certa.”

"Continue falando assim e eles virão", eu resmunguei.

Ele riu e levantou meu queixo. Desta vez, quando ele se mudou para me beijar, nenhum impulso passou por mim, exceto a vontade de beijá-lo de volta.

O calor da boca dele irradiava por todo o meu corpo. Eu me deixei ficar ali, trocando respirações e carícias de nossos lábios, até que um calor mais forte começou a se acumular na minha barriga. Deslizei minha mão pelo peito de Hod - e a sensação de uma convocação ecoou na minha cabeça como se alguém tivesse gritado meu nome.

Eu me sentei, tocando minha testa. A sensação voltou, como um puxão insistente. Ele ecoou pelo meu peito até o lugar onde eu tinha sentido a presença de Odin antes.

"Acho que Odin está me chamando", eu disse. Eu não tinha certeza se gostei desse novo recurso de ser uma valquíria - o Grande Pai tendo uma linha direta com o meu cérebro.

Hod se levantou ao meu lado com um suspiro. “É melhor eu ir também, então. Ele não estava em muito bom estado ontem à noite para discutir o que tinha passado. Talvez agora ele possa nos contar mais sobre quem o capturou e por quê.”

Apreciei a vista enquanto ele vestia mais roupas, fazendo uma careta quando a ligação chegou novamente. "Tudo bem, tudo bem", eu disse a Odin, que provavelmente não conseguia ouvir minha resposta de qualquer maneira.

Hod liderou o caminho para Asgard, seus passos tranquilos e desprotegidos, agora que podia confiar em sua casa como deveria. Ao nos aproximarmos do enorme salão no outro extremo da cidade, aquele com uma torre mais alta erguendo-se do telhado, inquietação enrolou em meu intestino. Talvez eu ainda não tivesse conhecido o Grande Pai de verdade, mas tinha visto muito de Odin nos últimos dias. E muito do que eu tinha visto não parecia muito certo.

"Tem que ser verdade, certo?" Eu disse. “O que Loki nos mostrou. Odin *disse a* Loki para criar problemas, para recuar contra os deuses...”

Hod ficou em silêncio por um momento. "Meu pai sempre manteve seu próprio conselho", disse ele. “Ou pelo menos ele fez com seus filhos. Mas eu sei que havia muita coisa que ele sabia que o atormentava - eu me perguntei quanto tempo ele antecipou a vinda de Ragnarok. O que quer que ele tenha feito, o que ele pediu que Loki fizesse, é porque ele achou que era melhor para todos nós. Eu tenho certeza disso. Se eu concordo com ele que era o melhor... ”

Ele não conseguia terminar essa frase. Não admira. Eu não conseguia imaginar o quanto ele estava lutando agora. Era sobre o *pai* que ele acabara de ter todas essas revelações.

Eu me peguei prendendo a respiração quando abrimos a porta da frente do corredor. "Aqui", chamou a voz baixa e seca que era de alguma forma totalmente familiar, embora eu só tivesse ouvido uma vez na realidade antes deste

momento. Afinal, era a mesma voz baixa e seca que havia ordenado que Loki fosse seu vilão.

Odin estava sentado em uma cadeira alta e esculpida em uma sala que parecia uma versão em miniatura de Valhalla. Lanças e espadas decoravam as paredes. O quase trono era o único assento além de algumas almofadas nos cantos. Baldur e Freya estavam posicionados ao lado de Odin, Freya apertando a mão do marido e Baldur apoiando os dedos no antebraço do pai.

Eles devem ter passado a maior parte da noite cuidando do rei dos deuses, porque anos de cansaço e mágoa haviam se derramado da postura de Odin, de seu rosto. Ele se sentou ereto, os ombros largos e quadrados, e seu único olho brilhava com mais energia do que eu pensava que ele poderia ter sido capaz de reunir ao vê-lo naquela gaiola. A autoridade de sua presença encheu a sala. Um tremor que era mais apreensão do que antecipação fez cócegas nas minhas costas.

Loki e Thor estavam a uma curta distância. O deus do trovão me deu um sorriso, e o malandro me deu um aceno e uma piscadela. Estávamos todos reunidos agora diante do Grande Pai.

"Meu filho e minha valquíria inesperada", disse Odin em saudação. Ele se recostou na cadeira. "Eu queria vocês todos aqui enquanto falamos da batalha que está por vir."

Meu coração afundou, minhas preocupações com o deus na minha frente momentaneamente empurradas para o lado. "Não vencemos essa batalha?", Perguntei.

Mas, mesmo quando as palavras saíram, eu estava lembrando dos corpos humanos caídos nas cavernas dos

elfos escuros, dos sinais das pessoas desaparecidas, da voz que pedia a retirada do exército de ontem, prometendo lutar até o fim outro dia. Os elfos negros estavam fazendo muito mais do que manter Odin em cativeiro. Eles sequestraram humanos e os mataram e quem sabia o que mais ou por quê.

Claro que não havia terminado. Havia tanto mal que ainda não tínhamos enfrentado.

A boca de Odin se torceu ligeiramente para cima. "Ganhamos alguma coisa", disse ele. “Sou sempre grato pela minha liberdade. Eu gostaria de poder dizer que veio com paz. Mas Surt tem planos maiores que isso.”

O nome não significava nada para mim, mas os deuses ao meu redor endureceram, até Loki. "O que esse bastardo tem a ver com isso?", Ele disse.

"Ele foi quem ordenou a minha captura", disse Odin. "Com a ajuda do meu antigo corvo de memória, ao que parece." Ele esfregou a boca.

"Hum... Quem é Surt?" Eu me aventurei.

"Um gigante que liderou um exército em Asgard e incendiou a cidade", disse Freya, com a voz tensa. “Ele matou meu irmão. Ele destruiu tudo.”

"Mas nós e a cidade voltamos", disse Odin, apertando a mão dela. “E Surt também. Eu o tranquei em Muspelheim por seu papel naquela revolta eras atrás. Parece que ele está fervendo de ressentimento comigo e com o resto de Asgard desde então.”

"Nós o paramos", disse Thor. “Nós recuperamos você. O que resta que ele pode fazer?”

"Oh, há muito." O Grande Pai exalou como um suspiro. “Surt está construindo seu novo exército há muito tempo. Ele é aliado dos elfos das trevas e reuniu os retardatários que encontraram seu caminho para Muspelheim. Mas ele sabia que isso não era suficiente para seu objetivo final. Então ele começou a convocar o draugar para fazer sua oferta também.”

Hod colocou a mão no meu ombro, segurando-o com força. "Os mortos voltaram à vida", disse ele em tom assombrado.

Como aquela construção de Baldur erguendo-se, cambaleando e podre. Um zumbi. *Draug*, eles chamaram. Meu estômago torceu.

Os corpos que eu tinha visto nas cavernas - as pessoas que eles roubaram - tudo isso fez um tipo repentino de sentido doentio. Eles estavam construindo um exército de mortos. De mortos *humanos* .

“E o que ele pretende fazer com essa horda de mortos-vivos?” Loki acenou em direção à porta. "Não há muito em Asgard para reivindicar hoje em dia."

"Ele ficaria feliz em ver nossa casa arrancada de nós", disse Odin. “Mas esse não é seu único objetivo. Parece que o equilíbrio dos nove reinos mudou. Muitos deles se tornaram instáveis. Todos, exceto Asgard, por causa de nosso poder... e Midgard, no centro de tudo. Ele planeja conquistar o reino da humanidade para seus próprios propósitos também. ”

Uma lança de gelo passou por mim com essas palavras. Este poderoso gigante queria conquistar Midgard. E, o que, colocar minha antiga casa em chamas?

Transformar em um terreno baldio como o reino que ele governava agora?

Petey estava lá embaixo, sem ninguém que sabia alguma coisa para protegê-lo...

Minhas mãos se apertaram. Cada um dos deuses ao meu redor olhou para mim como se estivesse pensando a mesma coisa.

Eu não podia esperar que eles se importassem com essas terras tanto quanto eu, mas eu sabia, com um leve sussurro de esperança sob o palpite do meu intestino, que eles iriam lutar com força, independentemente. Eles ficariam do meu lado, os quatro amantes que estavam ligados a mim naquele nosso estranho equilíbrio.

Eu dei um passo à frente. "Temos que detê-lo."

Odin inclinou a cabeça. "Sim", ele disse. "Concordo. É por isso que você está aqui. Precisamos deixar nossa marca nesta guerra *agora*."

Ele realmente sorriu então: um lento sorriso escuro que curvava seus lábios em um ângulo torto. Isso enviou um calafrio sobre minha pele.

Nós nos juntamos. Nós salvamos Odin. Mas quem era realmente mais perigoso: o gigante planejando no reino do fogo ou o deus que acabamos de resgatar dele?

Continua ...